



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**SILENCIOSOS GRITOS POR ENTRE AS GRADES E AS RUAS: ESCRITA E
INVENÇÕES DE SI NO CENTRO DE RESSOCIALIZAÇÃO MASCULINO DE RIO
CLARO.**

RAFAEL CAETANO DO NASCIMENTO

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Setembro - 2017

RAFAEL CAETANO DO NASCIMENTO

**SILENCIOSOS GRITOS POR ENTRE AS GRADES E AS RUAS:
ESCRITA E INVENÇÕES DE SI NO CENTRO DE
RESSOCIALIZAÇÃO MASCULINO DE RIO CLARO.**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação do Instituto de
Biociências do campus de Rio Claro
como parte dos requisitos para
obtenção do título de Mestre.

ORIENTADORA: Prof^ª. Dr^a. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

**RIO CLARO
2017**

370 Nascimento, Rafael Caetano do
N244s Silenciosos gritos por entre as grades e as ruas : escrita e invenções de si no Centro de Ressocialização Masculino de Rio Claro / Rafael Caetano do Nascimento. - Rio Claro, 2017
165 f. : il., figs., fots.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

1. Educação. 2. Prisão. 3. Experiência. 4. Processos de subjetivação. 5. Cartografia. I. Título.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: Silenciosos gritos entre as grades e as ruas: escrita e invenções de si no centro de ressocialização masculino de Rio Claro

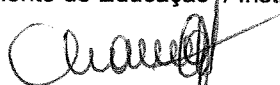
AUTOR: RAFAEL CAETANO DO NASCIMENTO

ORIENTADORA: MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:



Profa. Dra. MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO
Departamento de Educação / Instituto de Biociências de Rio Claro - SP



Profa. Dra. LAURA NOEMI CHALUH
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Profa. Dra. KATIA MARIA KASPER
Setor de Educação / Universidade Federal do Paraná

Rio Claro, 22 de agosto de 2017

Às pessoas presas que encontram na escrita a resistência e o
sentimento de liberdade.

Agradecimentos

À Maria Rosa, pela relação de amizade e confiança. Obrigado pela sabedoria de suas palavras sutis, cortantes e sempre provocantes da vida.

Às pessoas do grupo de estudos *Laboratório Escriarte* pelas enriquecedoras e desafiantes experimentações, criações e discussões.

Aos diretores e funcionários do CR masculino de Rio Claro pela colaboração na realização da pesquisa.

Aos dois escritores que participaram deste estudo pela confiança que depositaram em mim, por abrirem seus cadernos, soltarem suas ideias e permitir acontecer este trabalho.

À Kátia Kasper e Laura Chaluh, pela leitura tão atenta e suas engrandecedoras contribuições à esta pesquisa.

Aos meus pais, que mesmo com as dificuldades das distâncias, nunca deixaram de estar presentes e me apoiar.

Aos meus irmãos, Marquim e Gui, por nossa amizade. Obrigado por caminharem sempre comigo e serem um apoio tão forte e importante em minha vida.

Aos meus amigos e amigas, por transformarem a vida na arte dos encontros, embora haja tantos desencontros nessa vida. Obrigado por alimentarem meu viver.

À CAPES, pelo apoio financeiro que permitiu parte do desenvolver desta pesquisa.

Enquanto eu acreditar que a pessoa é a coisa mais maior de grande
Poís que na sua ríqueza revolucionária e ensina
Poís pelas aulas do tempo, aprende, revolta por cima
Eu vou cantar por aí...

Bonito é que gente é sempre assim tão diferente de gente
Assim como a voz que ecoa não é mais a daquele que grita
E essa beleza, na dessemelhança, me aguça a cabeça, me agita

Eu vou cantar... Por aí
Que nada se repete sob o sol
O movimento da vida não deixa que a vida seja sempre igual
Poís nada se repete, nem o sol

(Gonzaguinha – Coisa mais maior de grande)

RESUMO

A presente pesquisa investiga as possibilidades e potências da prática da escrita realizada em um contexto de privação da liberdade. Entende-se essa escrita como um modo de produção de si mesmo por entre os poderes institucionais, portanto, na experiência do escrever, uma subjetividade em formação constante que produz sentidos enquanto narra a vida. O objetivo é acompanhar, fazer aparecer e apresentar movimentos de singularidades, resistência e formação de subjetividades pela experiência da escrita com reeducandos do Centro de Ressocialização Masculino de Rio Claro (CR). Para isso são utilizados os procedimentos metodológicos da cartografia. Tendo como horizonte teórico as contribuições de Baratta, Bauman, Foucault e Wacquant, é feita uma contextualização do sistema prisional como local de aprisionamento da pobreza, da disciplina ostensiva e reformativa sobre o indivíduo, em um cenário marcado pela globalização, assim como o lugar que o CR ocupa em tudo isso. Para uma perspectiva da escrita há contribuições teóricas na linha de autores como Deleuze e Foucault. Para produção e captação do material de pesquisa, foram realizadas oficinas com encontros semanais de duas horas de duração dentro do CR de modo a permitir um momento de troca de escritas, experiências e pensamentos em torno da vida encarcerada e da escrita. As oficinas se constituíram como momentos de conversa onde o mundo de *fora* e o de *dentro* estabeleceram interlocuções e momentos de criações. A escrita aparece como uma prática que abre a vida sufocada pelo poder institucional. Em seu fazer, cria momentos de invenção consigo por entre o tempo gradeado da prisão e permite, por vezes, a fuga ao poder disciplinar e, quase sempre, a resistência.

PALAVRAS-CHAVE: Prisão. Experiência. Processos de subjetivação. Cartografia.

ABSTRACT

This research investigates the possibilities and potencies of the writing practice in a context of liberty deprivation. This writing is understood as a way of self-production throughout the institutional powers, therefore, in the writing experience, a subjectivity in constant formation that produces meanings while narrating life. The objective is to perceive, accompany and make appear movements of singularities, resistance and subjectivity formation by the writing experience with prisoners of the Center of Masculine Resocialization of Rio Claro (CR). For this, the methodological procedures of cartography are used. Taking as a theoretical horizon the contributions of Baratta, Bauman, Foucault and Wacquant, a contextualisation of the prison system is made as a place of imprisonment of poverty and of ostensive and reformatory discipline over the individual, in a scenario marked by globalization, as well as the place where the CR occupies in all of this. For a perspective of writing there are theoretical contributions in the line of authors as Deleuze and Foucault. For the production and capitulation of the research material, workshops were held with weekly meetings of two hours duration within the CR to allow a moment of exchange of writings, experiences and thoughts around the imprisonment life and writing. The workshops constituted moments of conversation where the outside and the inside world established interlocutions and moments of creation. Writing appears as a practice that opens up life stifled by institutional power. In its doing, it creates moments of invention with itself through the barred time of the prison.

KEY WORDS: Prison. Experience. Subjectivation process. Cartography.

LISTA DE SIGLAS

APAC – Associação de Proteção e Assistência Carcerária
ASP – Agente de Segurança Penitenciária
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa
COESPE – Coordenadoria de Estabelecimentos Penitenciários
CDP – Centro de Detenção Provisória
CLT – Consolidação das Leis do Trabalho
CPP – Centro de Progreesão Penitenciária
CR – Centro de Ressocialização
CRF – Centro de Ressocialização Feminino
CRM – Centro de Ressocialização Masculino
DIPE – Departamento de Instituos Penais
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
MOI – Mão de Obra Indireta
ONASP – Observatório Nacional do Sistema Prisional
ONG – Organização Não Governamental
PCC – Primeiro Comando da Capital
PEJA – Projeto de Educação de Jovens e Adultos
PIS – Programa de Integração Social
RDD – Regime Disciplinar Diferenciado
SAP – Secretaria de Administração Penitenciária
SciELO – Scientific Eletronic Library Online
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
 CAPÍTULO 1 – PRISÃO, PRISÕES, FISSURAS	 14
1.1 Centro de Ressocialização: contextualização, problemas e perspectivas	14
1.2 Prisão: a condição operante e o discurso da reforma	26
1.3 Es-pri-co-la-são. Prisão e escola aos montes e desmontes	38
1.4 Escrita em linhas fugitivas	51
 CAPÍTULO 2 – A PRISÃO ALASTRADA E SEUS RESPIROS	 57
Cena I: cotidiano urbano, primavera de 2016	58
Interstício	60
Cena II: ruas e muros, gritos e sussurros. Anos de 2015 e 2016.	62
Interstício:	65
Cena III: o gesto na sala de aula	71
Interstício	71
Cena IV: a invenção política da palavra	75
Interstício	77
Cena V: o DNA e a vida em mutação	80
Interstício	81
 CAPÍTULO 3 – PERCURSOS METODOLÓGICOS	 85
3.1 Um grupo, a muralha, a escolha	85
3.2 Cartografia e prisão	88
3.3 A pesquisa entra na prisão	92
3.4 Retorno ao CR: pesquisador em campo	94
3.5 Trabalho de campo projetado	101
 CAPÍTULO 4 – OFICINAS DE LEITURAS–CONVERSAS–ESCRITAS	 108
4.1 Resumo geral das oficinas	112
4.2 Os multitraços da escritura	117
4.2.1 As várias margens de um rio	117

4.2.2 Do escrever na prisão	129
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	157
ANEXOS	163
CARTA-PARECER Prof ^a . Kátia Maria Kasper	163

APRESENTAÇÃO

A escolha foi por onde eu ainda teria de inventar algo comigo também. Mas quando escolhi, foi mais por curiosidade do que por essa noção que, hoje, aqui narro. A história das pegadas pode ser contada de infinitas maneiras a cada vez que se olha para elas nesse exercício de narrar o que se é. O futuro no passado da memória: águas que não cessam de passar rio abaixo, rio a cima, rio adentro; escavam e desenhavam, por onde passam, linhas. Que sejam elas estórias sem fim.

No conhecer do mundo, as histórias dão voltas e mais voltas. No frenesi provocado pela diversidade de ritmos e sentidos dos contos de um povo, busca-se, muitas vezes, a calma da verdade. Os Narradores de Javé (CAFFÉ, 2003) sabem o que é isso e, mais ainda, Antônio Biá, escolhido para ser o escritor da verdadeira história do pequeno vilarejo. Mas é ali, na fronteira do fim, onde desdobra-se a linguagem para que o povo invente sempre – e de novo – suas próprias histórias e não morram com o certo ponto final de uma história única e verdadeira a ser contada sobre a aventura da vida. Em cada inventar de histórias, uma invenção de si. Fabulações infinitas.

Entendia que ingressar no curso de Pós-Graduação em Educação era um modo de transformar minha prática educativa enquanto professor e não acomodar minhas insatisfações com o espaço escolar. A pesquisa faz parte do processo educativo, não há distância entre os dois. Desse modo, a vontade era de me aprofundar nas questões acerca da escrita e dos processos de invenções de si, para os quais procuro estar atento nos encontros da educação. Buscava um modo de estudar a escrita juntamente com quem escreve, portanto, em seu próprio fazer. Desejava não aquela escrita preocupada com o certo e o errado, com o gênero narrativo ou com o dissertar sobre um tema específico; era antes o da escrita que brota, que racha. Seria possível esse lugar na prisão? No princípio havia algumas ideias em mãos, mas tudo muito incerto.

Ao mesmo tempo, percebi a pesquisa constituindo-se como a intenção da construção de um espaço também educativo, no qual os sujeitos poderiam olhar para suas histórias e contá-las, escrevê-las. Me interessava – e ainda interessa – aprender e acompanhar sobre essas inventividades e as forças do construir-se. A escrita na prisão me parecia carregar essas forças inventivas.

Se entendo que pesquisa e ensino estão intimamente interligados, não posso deixar de mencionar a influência que o PEJA (Projeto de Educação de Jovens e Adultos) da UNESP – Rio Claro teve em minha formação enquanto professor e pesquisador. Foi nele

que tive minhas primeiras experiências no campo da educação, além de encontrar um espaço fértil de discussões e possibilidades. Os acontecimentos que ali vivenciei foram fundamentais para minha trajetória enquanto educador e, sem dúvidas, influenciaram minhas futuras escolhas até este momento. Mas claro, um dia escolhi conhecer o projeto.



Nos anos finais de minha graduação em Ciências Biológicas, depois de transitar pela botânica e biologia celular, decidi acolher ao convite de Felipe¹ e conhecer o PEJA. A decisão foi durante um banho pela manhã, em meados de novembro de 2009, após saber do meu não desejo em continuar nos laboratórios da genética. Ainda reticente fui conversar com Maíra² e contar minha ideia em conhecer o projeto no ano seguinte. Pois que ela logo me perguntou: *e por que não amanhã?* Fui, então, conversar com Felipe e Maria Rosa e, com as atividades em encerramento, chamaram-me a participar da primeira reunião no ano seguinte.

Enquanto isso, certa noite, conversava com outro amigo que também participava do projeto, o Artur. Sai marcado, como se fosse minha entrada pelos caminhos da educação – a qual eu não fazia ideia para onde iria me levar –, uma espécie de primeira “lição”. Ele dizia enfaticamente, bem alto, olhando fixamente e profundamente em meus olhos, segurando em meus braços: *“Educação é sangue! Educação é sangue! Ela é isso que corre em suas veias”*. Eu não entendia o que ele queria me dizer, mas sua enérgica “lição” fazia vibrar meu corpo e um forte pulsar emanava de tudo isso. E assim comecei no PEJA.

Nele desconstrui a escola que em mim havia. Desconstrui o ato professoral que entendia como verdade no educar. A transferência de saber, a educação bancária, a relação horizontal entre educadores e educandos; desfeito o lugar seguro do proferir, voltava os olhos para algo simples e fundamental na educação: o diálogo. Todo um desconhecido apareceu em minha frente: como vamos construindo essa relação com o outro? Por quais sentidos? Como se escuta, lê e escreve com o outro? O tecer das relações, co-ti-di-a-na-men-te, através dos olhares, dos silêncios, das interrupções e erupções, das

¹Amigo e companheiro nos caminhos da educação e da vida desde 2010, quando integrávamos o Projeto de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) da UNESP – Rio Claro. Juntos desenvolvemos, em 2012, o projeto de leitura no CR masculino *LerTeatro*.

² Amiga e companheira da vida, de boas conversas e do tempo de sempre aprender para crescer.

decepções e alegrias, das trocas de leituras de mundo, era algo que, até então, eu ignorava no processo educativo.

Nos desafios do PEJA, inventar práticas educativas era o que mais arriscávamos. Maria Rosa apoiava e colocava fogo e lenha na fogueira. Nesse inventar havia, também, uma exploração pelos desejos em conhecer o mundo. O espaço formativo constituía-se nesse tipo de relação onde permiti-se criar com aquilo que movimenta a vida – ou então, que continua seu movimento. Criações de si e do outro, releituras de histórias e da vida, atravessar de fronteiras.

Pelas experiências no projeto fui encontrando em mim inquietações, curiosidades e potencialidades que me fazem continuar pelos caminhos da educação. Inclusive a própria graduação em biologia passou a ser mais interessante, pois a própria vida passou a ser uma grande história contada por todos os seres vivos. Assim, o PEJA me mostrou potencialidades: a repercussão do eu no outro e os desdobramentos que isso gera; a perspectiva dialógica da educação e, portanto, transformadora e emancipadora dos sujeitos; a construção crítica na relação do ato de educar; os diversos modos de se olhar a sociedade e as relações que nela construímos; também cunhou em mim a possibilidade da mudança de trajetória no percorrer de um percurso. Havia uma liberdade pedagógica que ainda inspira minha atuação nas escolas e fora delas.

Foi na tarefa de escrever o primeiro relatório sobre as atividades do projeto que me deparei com o despreparo, ou melhor, com minha incapacidade em escrever algo a respeito de minhas próprias experiências educativas. Não conseguia traçar as primeiras linhas, muito menos pensar em palavras... Havia os relatórios anteriores para ler, inspirar e embasar, mas a diversidade de relatos era tanta que, a princípio, parecia mesmo é que eu mal sabia ler. Li e reli as palavras várias vezes; alguns comentários me capturavam em suspensão de tão belos. E ali, ao ler sobre o rico espaço que se configura o PEJA, junto ao desafio de escrever, aprendi – quase como que pela primeira vez – a perceber uma beleza pelas palavras. A partir daí fui praticando o olhar para minha própria experiência – fazer este nunca terminado e concluído.

Nas experiências pelo PEJA e nos anos finais da graduação, na disciplina de Didática, aprendi a escrever com minhas mãos.



Antes de propor uma pesquisa com a escrita em condição de privação de liberdade, comecei a escrever. Ou melhor, a experimentar a escrita. Afinal, não há uma separação

tão clara entre a vida que se leva e aquilo que se propõe a pesquisar; há uma relação íntima entre sujeito e objeto.

No PEJA, a escrita atravessava diversas de nossas práticas. Pois então que, para vê-la de outra forma e sair do molde escolar arraigado nas bases de nossa formação, passei a experimentar o escrever. Eram tentativas de narrar minhas experiências: um acontecimento do fim de semana, uma discussão com um amigo ou um familiar, tensões e frustrações, alegrias e encontros marcantes.

Também as aulas de Didática com a Prof^a. Maria Rosa provocavam esse escrever. Foi a partir de então que tive meu primeiro caderno de narrativas pessoais (por ora, assim o chamo). Não cultivava com ele um hábito diário de escrita, muito menos me obrigava a nele escrever. Apenas quando sentia necessidade tirava-o da gaveta e escrevia algumas linhas. Aos poucos foi se tornando um companheiro de momentos difíceis; era nele que esvaziava a cabeça quando pesava de tanto pensar.

Não me preocupava com pontuação, parágrafos e repetição de palavras. Também não lia depois que escrevia. Chegado o ponto final, o caderno ia logo para a gaveta. Tirava-o somente quando a necessidade de esvaziar a cabeça chegava. Intuito nenhum havia em mostrá-lo para alguém, pois nem mesmo eu o lia. Foi então que percebi uma coisa que fazia já há tempos: escrever nos cantos dos cadernos quando as aulas ficavam chatas e enfadonhas. As últimas folhas de meus cadernos costumavam ter frases de músicas ou então um pensamento solto sobre alguma coisa vivida.

No PEJA era comum cada educador ter seu próprio caderno para registros pessoais dos encontros que aconteciam com as turmas do projeto e, também, para servir como agenda das atividades. Sendo assim, eu já estava com dois cadernos em minha gaveta: um para aliviar as tensões e outro para dizer sobre atividades educativas. Vez e outra as funções trocavam de lugar e as escritas se misturavam... Não posso dizer que havia um cuidado tão sistemático com eles. Sem contar as folhas soltas, pois às vezes o pensamento chega e o caderno não está em mãos. Ai vale qualquer pedaço de papel ou superfície.

Tudo isso aconteceu em 2010 e estes cadernos demoraram algum tempo para terem todas as suas folhas escritas. Mas a quantidade que se escreve não importa aqui. Em 2011 tive o terceiro caderno, mas dessa vez ele não era somente meu. Foi uma espécie de diário de bordo de algumas viagens com Maíra. As andanças por Ouro Preto e Mariana (MG), as aventuras por João Pessoa, Recife e Olinda e, por fim, um encontro com amigos no Rio de Janeiro. Escrevíamos os itinerários, as impressões das cidades, alguns jogos com as palavras, histórias que vivíamos. As escritas não são tão separadas também; uma

entra na outra, as letras e vozes se misturam em alguns momentos. Um caderno feito à quatro mãos.

Ao longo dos anos outros cadernos foram se somando em minha gaveta. Percebi que, de certa forma, eles tinham temáticas diferentes: as tensões, o PEJA, as aprendizagens cotidianas, citações e receitas, acontecimentos escolares. Por fim, escrevia – e ainda escrevo – como um jeito de estar comigo ou, inclusive, para esquecer de mim e tornar as coisas mais leves. Ali, no papel, eu desfilo a mim mesmo. Ao final de alguns anos, enchi minha gaveta com folhas soltas de pensamentos e pequenos cadernos.

Muito do que acontecia em minha prática educativa, as dificuldades que encontrava no lidar com a escola, com o ensino de ciências e comigo mesmo em meio a tudo isso, estava ali nas várias folhas e cadernos da gaveta. Eu continuava a escrever e guardar sem ler e nem mostrar para ninguém, mas tampouco tinha coragem de me livrar deles. Alguma coisa eu conservava com aquilo tudo.

Em 2014, iniciei o curso de psicologia na UNESP de Bauri. No mesmo ano houve uma greve que paralisou parte da universidade por cerca de quatro meses. Na dúvida se continuaria o curso ou não, decidi abrir a gaveta e ler a mim mesmo. Havia uma curiosidade em saber quem eu vinha sendo nesse tempo todo; talvez lembrar de coisas esquecidas ou, então, ter um vislumbre do futuro que eu vinha escrevendo para mim mesmo. Naquelas linhas, gostei do que encontrei. Li quase toda a gaveta.

Não era difícil encontrar-me em um estado de suspensão, que durava de alguns segundos a longos minutos (impossível saber com precisão), provocado pela sensação de ler a si mesmo como se fosse um outro alguém. Em um desses estados, a ideia para um projeto de pesquisa brotou clara e certa: a escrita na prisão.

CAPÍTULO 1 – PRISÃO, PRISÕES, FISSURAS

1.1 Centro de Ressocialização: contextualização, problemas e perspectivas.

Além desse portão, havia o mundo luminoso da liberdade. E, de dentro, aquele mundo nos parecia como um conto de fadas, como uma miragem. O nosso mundo nada tinha de análogo com esse outro! Eram leis, costumes, hábitos característicos, uma casa morta-viva, uma vida à parte, de homens à parte. (DOSTOIEVSKI, 1953, p.38)

A prisão onde se realizou esta pesquisa funciona a partir do modelo prisional conhecido como Centro de Ressocialização (CR). Em sua condição de prisão, o CR faz parte de um contexto prisional, o qual faz com que este modelo surja com determinadas características que o difere de outros, como, por exemplo, o das convencionais penitenciárias, sendo estas últimas mais conhecidas pelas más condições em que recebem e tratam seus internos do que pelo efetivo desempenho que são delas esperado (BAUMAN, 1999; COSTA, 2006; MONTEIRO & CARDOSO, 2013). É justamente pelo quadro crítico em que se encontram as prisões atualmente e pelos interesses e tendências das políticas públicas criminais que é possível se pensar como surge uma prisão nos moldes de um Centro de Ressocialização.

A ineficiência, deterioração e violência, de acordo com os autores e autoras acima referidos, no sistema de justiça e penal, principalmente a partir dos anos 90, cresce com a adoção de medidas de endurecimento na aplicação das penas e consequente encarceramento massivo da população pobre, acarretando na superlotação das cadeias e na violação constante de direitos humanos. Não percamos de vista que a punição aplicada pela justiça deve ser a privação da liberdade ambulatorial, e não a privação dos direitos enquanto cidadão (SCARFÓ; BREGLIA; FREJTMAN, 2011).

Esta piora do sistema carcerário não é fato isolado no Brasil, sendo possível observá-la também em outros países da América Latina como Argentina e Chile, por exemplo (MONTEIRO & CARDOSO, 2013). Deterioração que cresce juntamente com o aumento massivo da população carcerária somada à ausência dos devidos cuidados e amparos das autoridades responsáveis pela manutenção dessa instituição. Bauman (1999) aponta que este crescimento populacional das prisões não é um fenômeno próprio de países dito do terceiro mundo, e sim um problema global. Ele assim explica:

A proporção da população que cumpre sentenças de prisão é distinta em cada país, refletindo idiosincrasias de tradições culturais e históricas de pensamentos e práticas penais, mas o rápido crescimento parece ser um fenômeno universal em toda a ponta ‘mais desenvolvida’ do mundo. (BAUMAN, 1999, p.109)

Neste cenário global, Bauman (1999) levanta, portanto, duas questões pertinentes: (1) por que a prisão é usada como resposta aos problemas de segurança pública sendo que, “nenhuma evidência de espécie alguma foi encontrada até agora para apoiar e muito menos provar as suposições de que as prisões desempenham os papéis a elas atribuídos em teoria e de que alcançam qualquer sucesso se tentam desempenhá-los”? (BAUMAN, 1999, p.109); (2) a grave questão ética pelo fato de que “aqueles que punimos são em larga medida pessoas pobres e extremamente estigmatizadas que precisam mais de assistência do que punição” (BAUMAN, 1999, p.109). Portanto, intento levantar aqui não a resposta dessas questões, mas campos problemáticos que atravessa uma pesquisa feita acerca das instituições prisionais.

Wacquant (2011), em seu estudo sobre a criminalização da pobreza, ou seja, quando, e o motivo pelo qual, ela se torna o alvo policial das políticas públicas de segurança e passa a superlotar as prisões, comenta sobre o impacto dessas políticas na sociedade brasileira e das condições a que chegaram seus presídios. Em seu texto, o autor não se furta a dizer, portanto, que as prisões do país “[...] se parecem mais com campos de concentração para pobres [...] do que com instituições judiciárias servindo para alguma função penalógica – dissuasão, neutralização ou reinserção” (WACQUANT, 2011, p.7). Sustenta este argumento ao denunciar a violação constante dos direitos da população carcerária, a violência cotidiana das autoridades e a impunidade que opera neste sistema. Olhando para o conjunto de problemas da questão prisional no território brasileiro, o autor afirma que:

Nessas condições, o aparelho carcerário brasileiro só serve para agravar a instabilidade e a pobreza das famílias cujos membros ele sequestra e para alimentar a criminalidade pelo desprezo escandaloso da lei, pela cultura da desconfiança dos outros e da recusa das autoridades que ele promove. (WACQUANT, 2011, p.7)

Modo de aprisionamento que alimentou uma máquina de produção do crime. Descaso que levou os próprios presos a se agruparem e se organizarem de modo a reivindicar ao Estado melhorias em suas condições de vida (COSTA, 2006). O auge desse descaso e consequente organização se escancara à sociedade em 18 de fevereiro de

2001, quando acontece a maior rebelião já registrada na história do país. Organizada pelo Primeiro Comando da Capital (PCC), com seu principal núcleo na Casa de Detenção de São Paulo, a megarrebelião – como chamou a imprensa – parou o país. Este fato colocou em evidência a necessidade urgente de se repensar o papel das prisões e a adoção de novos métodos de trabalho com relação à segurança pública (CAMPOS, 2015; COSTA, 2006).

É neste contexto crítico de constante violação dos direitos humanos, de violência com e entre os presos que o CR aparece como uma proposta de humanização das penas privativas de liberdade e, assim, tentar enfrentar os altos índices de reincidência criminal (FAUSTINO & PIRES, 2007). Quando, no ano 2000, Nagashi Furukawa assume a cadeira de Secretário de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo, uma de suas propostas é a implantação do Programa Cidadania no Cárcere. Tal Programa “acredita na efetividade da ressocialização dos presos por meio da transformação da realidade carcerária embasada na integração das ações do Estado, da sociedade, da iniciativa privada e fundamentalmente dos familiares do preso” (BUENO, 2005, p.51). O autor afirma que objetiva-se a humanização da pena, a qual é oriunda do reconhecimento de que “não é possível conseguir a regeneração do homem encarcerado sem o atendimento mínimo de seus direitos naturais” (BUENO, 2005, p.51). Os CRs são, então, efetivamente criados desde uma política pública criminal³ do estado de São Paulo em função da implementação deste programa.

Enquanto alternativa prisional aos convencionais presídios, a estrutura de funcionamento do CR remete à uma experiência de humanização da pena na cadeia pública da cidade de Bragança Paulista, no ano de 1993, onde Nagashi Furukawa trabalhava como juiz de execuções penais (COSTA, 2006). Neste mesmo ano, um motim ocorrido na cadeia da cidade, devido às precárias condições em que se encontrava, motivou seus cidadãos a reativarem a ONG – APAC (Associação de Proteção e Assistência Carcerária), que já havia sido criada em 15 de maio de 1978 na cidade de São José dos Campos, atuando por três anos na assistência aos presos (COSTA, 2006). O objetivo era que as ações da APAC proporcionassem ou viabilizassem aos detentos os direitos que deveriam ser garantidos a eles pelo Estado (VEDOVELLO, 2008, p.68). A

³ “Política pública criminal é o conjunto de procedimentos repressivos por meio dos quais o Estado reage contra o crime. As diretrizes de uma política criminal e penitenciária enunciam uma série de princípios básicos e propósitos a serem perseguidos, objetivando o aprimoramento da reação ao fenômeno crime, bem como da execução penal do país em consonância com a Constituição Federal, a legislação pertinente e o programa nacional de direitos humanos, tudo isto em harmonia com a regras mínimas estabelecidas pela ONU, para o tratamento do preso, além das regras de Tóquio e as do Conselho Nacional de Política Criminal Penitenciária” (COSTA, 2006, p.68).

partir de então, a gestão da cadeia pública de Bragança Paulista passa a ser uma parceria entre o Estado e a ONG, recebendo reconhecimento pelas mudanças positivas que gerou na vida dos presos, no modo de administrar uma prisão e na vida da cidade.

A efetivação do CR enquanto uma política de estado para a questão criminal no estado de São Paulo, não foi a primeira ação voltada para tratar pautas da problemática prisional. Por não ser um problema de simples solução, o qual envolve amplas questões sociais e as contradições do sistema capitalista, diversas medidas já foram adotadas ao longo dos anos para tentar resolver seu caótico cenário e, ainda sim, muitos problemas persistem (COSTA, 2006). Dentre essas medidas está a criação da Secretaria de Administração Penitenciária (SAP), órgão do governo voltado para tratar apenasmente as questões do sistema prisional.

Até 1979 as unidades prisionais de São Paulo estavam sob responsabilidade do Departamento dos Intitutos Penais do Estado (DIPE), o qual integrava a Secretaria de Justiça. Em março de 1979, o DIPE foi transformado em Coordenadoria dos Estabelecimentos Penitenciários do Estado (COESPE), à época, responsável pelas 15 unidades prisionais existentes no estado. Em 1992, a responsabilidade do sistema penitenciário foi transferida da Secretaria de Justiça para a Segurança Pública. No início de 1993, foi fundada a Secretaria de Administração Penitenciária (SAP) com a proposta de atender as peculiaridades do espaço prisional e administrar a função principal de retornar o infrator à sociedade⁴. Este órgão foi criado para cuidar exclusivamente do sistema penitenciário do estado de São Paulo e assim consta em seu site oficial:

A Secretaria da Administração Penitenciária se destina a promover a execução administrativa das penas privativas de liberdade, das medidas de segurança detentivas e das penas alternativas à prisão, cominadas pela justiça comum, e proporcionar as condições necessárias de assistência e promoção ao preso, para sua reinserção social, preservando sua dignidade como cidadão.

É ela quem administra hoje as 168 Unidades Prisionais em todo o estado de São Paulo, a saber: 15 Centros de Progressão Penitenciária (CPP), 43 Centros de Detenção Provisória (CDP), 22 Centros de Ressocialização (CR), 01 Unidade de Regime Disciplinar Diferenciado (RDD), 84 Penitenciárias, 3 Hospitais de Custódia. Todos estes são modelos prisionais com características próprias.

⁴ As informações referentes à Secretaria de Administração Penitenciária estão disponíveis em: <www.sap.sp.gov.br>. Acessado: 19/01/2017.

As diferenças básicas entre cada um deles estão especificadas no site da SAP⁵; apresento-as brevemente aqui. O CPP abriga presos do regime semiaberto e dispõem de oficinas de trabalho. O CDP é uma unidade destinada ao preso que aguarda julgamento; após a condenação será transferido para as penitenciárias. A Penitenciária é destinada ao preso condenado do regime fechado. O Hospital de Custódia abriga aqueles que cometeram crimes e que devem receber tratamento psíquico. O Centro de Readaptação Penitenciária é uma unidade de segurança máxima destinada à aplicação do RDD, no qual o preso se mantém isolado em celas individuais. O CR é uma unidade mista (abrigam presos do regime provisório, fechado e semiaberto) e será detalhado a seguir.

No ano 2000 a cadeia pública de Bragança Paulista, administrada pelo Estado em parceria com a APAC, transformou-se no primeiro CR do estado de São Paulo (CAMPOS, 2015). Todo CR teria, portanto, a gestão compartilhada entre Estado e ONG, sendo responsabilidade desta proporcionar aos reeducandos toda forma de assistência social e àquele caberia administrar a segurança e a disciplina na unidade (COSTA, 2006; VEDOVELLO, 2008). Este modo de gestão trouxe, também, benefícios para o Estado, pois este diminuiu seus custos com a manutenção da instituição (COSTA, 2006; FAUSTINO & PIRES, 2007). Para Fautino & Pires (2007, p.53), esta parceria se justifica também pela facilidade proporcionada em “relação à contratação de pessoal, aquisição de material, consertos de maquinário, entre outros aspectos”.

As vantagens vão desde diminuição dos custos da manutenção da infraestrutura e da vida do preso, até baixas nos índices de reincidência criminal, fugas e motins. Nesta parceria ONG-Estado, a assistência social ao preso tornou-se viável, a arquitetura e relações entre presos e funcionários melhoraram, trazendo melhorias na qualidade de vida do apenado (COSTA, 2006). Entretanto, diversas questões saltam nesse meio para que se possa pensar este modelo de gestão prisional dentro das políticas públicas criminais, as quais tratam diretamente a respeito da vida de quem está passando pela privação de liberdade.

Costa (2006, p.60) diz que “O Estado, mediante parcerias com organizações não governamentais, legitimou ao Terceiro Setor o repasse de responsabilidades, até então, essencialmente estatais, dentro das prisões”. A autora traz, então, a seguinte problemática:

O Estado se desresponsabiliza de funções pertinentes a si e isso pouco contribui para o avanço de políticas sociais que realmente auxiliem os

⁵ Disponível em: <www.sap.sp.gov.br>. Acessado: 19/01/2017

indivíduos presos a darem um salto compreensivo na questão de que são sujeitos sociais e como sujeitos, detentores de direitos e deveres com vistas ao exercício de sua cidadania.

O problema apontado pela autora tem em vista a própria Lei de Execução Penal (LEP/ Lei nº 7.210 de 11 de julho de 1984), a qual traz no art. 10º: “A assistência ao preso e ao internado é dever do Estado, objetivando prevenir o crime e orientar o retorno à convivência em sociedade.” e, no art. 11, especifica o que vem a ser esta assistência social: “A assistência social será: I – material; II – à saúde; III – jurídica; IV – educacional; V – social; VI – religiosa”. Assim, quando os serviços, que são de ordem governamental, passam a ser de responsabilidade da ONG, não há garantia da efetivação dessa assistência enquanto um direito humano dos cidadãos que estão encarcerados, tornando a continuidade e permanência desses serviços incerta. Esta incerteza se funda no caso dos convênios entre Estado-ONG não serem mais firmados. Os mesmos serviços continuariam caso as parcerias com as ONGs acabassem?

Foi o que aconteceu a partir de 2012, quando os CRs deixaram de ser administrados em parceria com as ONGs para ser de total responsabilidade do Estado. Campos (2015) comenta que o fim desse vínculo se deve ao fato de que a parceria era inexistente na maioria das unidades e, ao invés de buscarem meios para se firmarem, optaram por encerrar as atividades conjuntas. Isso trouxe consequências, pois a qualidade e oferta dos serviços de assistência ao preso não continuaram a mesma. Mas apesar de alguns serviços terem caído de qualidade ou não serem mais oferecidos, os CRs continuam sendo um espaço diferente das penitenciárias e alguns direitos estão garantidos no cumprimento da pena.

A começar pela estrutura física, eles foram projetados para comportar 210 pessoas e este limite populacional é respeitado, não ocasionando a superlotação dos alojamentos e permitindo um atendimento mais individualizado e humanizado. Costa (2006) resalta algumas características pertinentes das mudanças arquiteturas desta instituição, o que muda também a dinâmica intramuros. No caso, a autora traz as seguintes observações: muralhas substituídas por muros de 3 metros de altura, não existindo mais a vigilância da Polícia Militar; no lugar das celas, alojamentos; banheiros coletivos e com chuveiros quentes; salas para atendimento social, psicológico e pedagógico; oficinas de trabalho, áreas para visitas familiares, barbearia, cultos religiosos, cozinha industrial, refeitório e lavanderia; armazém para o atendimento de necessidades pessoais, de higiene e de

alimentação. Faustino (2008, p.77-78), por sua vez, faz uma descrição detalhada desta arquitetura dos CRs:

Os centros são formados por três alas que se interligam em forma circular. Em cada sala existem 12 alojamentos com quatro treliches de alvenaria, um armário para cada cama, ventiladores de teto e um aparelho de televisão. As janelas são voltadas para a quadra esportiva e não há grades, mas portas e janelas convencionais às residências. Em cada ala há um banheiro coletivo com boxes individuais e um preparado para deficientes físicos. Existem ainda em cada ala duas oficinas e um espaço de convivência, que podem ser utilizados como salas de aula. Unindo as três salas há um ambiente comum utilizado para a visita dos familiares. Nele há um palco e banheiros para atender as visitas. Cada unidade conta ainda com biblioteca, lavanderia, cozinha industrial e refeitório, além do setor administrativo onde se concentra o consultório odontológico, a enfermaria, o almoxarifado, o setor de prontuário, as salas de atendimento, a sala dos técnicos, a sala da Organização Não-Governamental (ONG) e a sala da direção. Nesses espaços o reeducando transita livremente com acompanhamento monitorado dos agentes de segurança penitenciária.

Em todos esses espaços convive a população prisional do CR, a qual abarca presos que se encontram no regime provisório, fechado e semi-aberto. Segundo Costa (2006) e Faustino (2008), os CRs, ao atender os três tipos de regime e com uma capacidade para menos presos, possibilita a elaboração de programas sócio-educativos individualizados e adequados a cada período da prisão, além de uma melhor observação da capacidade do indivíduo em retornar ao convívio social. Dessa forma há um acompanhamento minucioso e mais próximo ao preso durante todo o período de cumprimento da pena. Entretanto, não é qualquer um que pode cumprir sua pena no CR.

Para integrar a sua população e ter acesso ao que a unidade proporciona, é necessário, antes, passar por uma triagem realizada por uma equipe técnica como forma de selecionar detentos que poderão adentrar a instituição. De acordo com Bueno (2005, p.53), os reeducandos devem atender a dois critérios principais:

O primeiro é o de vínculo familiar e/ou vínculo social por ter residido por longo tempo no município que possui a unidade do programa. O segundo critério, independentemente do tipo de crime que tenha cometido, é o da periculosidade do preso, avaliada segundo o perfil psicossocial que o mesmo apresente atualmente.

Como dito acima, parte da população do CR é formada por quem tem algum vínculo com a cidade ou região onde está instalada a unidade. Tal prioridade se baseia no princípio de que o melhor ambiente para a execução da pena é o município do reeducando,

o qual se configura na micro sociedade para a qual ele retornará e onde reside sua família, facilitando a participação da mesma no trabalho feito durante a retenção. Faustino (2008, p.80) aponta que o apoio familiar é fundamental no processo de ressocialização e, com a presença deles, a chance de reincidência no crime é muito menor, sendo este um dos pontos mais fortes desses modelos prisionais.

Mas, mesmo assim, a triagem busca selecionar um perfil ideal de preso: “presos de ação criminosa de baixa periculosidade, com tendência à baixa agressividade com delinquência ocasional e/ou criminalidade accidental, considerados crimes situacionais, e os de primariedade prisional” (FAUSTINO, 2008, p.84). Há neste perfil a ideia de presos com *potencial de reabilitação* e, portanto, procuram detectar o interesse do reeducando em ir para o CR, suas condições familiares, o uso de drogas, a periculosidade do delito que cometeu, sua reincidência nos crimes e se pertence a alguma facção criminosa (VEDOVELLO, 2008). Tendo parecer favorável, o reeducando passa por um período de observação e adaptação. Caso apresente problemas de convívio ou qualquer outro comportamento considerado indisciplinar de acordo com as regras da instituição, ele é transferido novamente para a Penitenciária, ficando impedido de retornar a algum CR. Esta medida é considerada uma segunda punição aos detentos, além de servir de exemplo e ameaça aos demais internos da unidade.

A existência de um processo de triagem para seleção da população prisional e da punição com transferência para penitenciária em função da manutenção da disciplina e da ordem, dentro de um sistema que pretende ser inovador na gestão prisional e nos métodos de se alcançar um efetivo processo ressocializador, mostra que este projeto não foi criado para determinados tipos de preso. Para estas que não se encaixam no perfil do CR, que são sabidamente violentas ou instáveis, fica a pergunta feita por Campos (2015, p.79): “Esses sujeitos não cabem no processo (re)ssocializador? Não há (re)ssocialização voltada para eles?”. Apesar de não ser intuito deste estudo responder estas perguntas, elas devem ser pronunciadas por reportarem às problemáticas persistentemente vividas no sistema prisional e com necessidade de ainda serem superadas.

Uma das políticas essenciais do CR para focar sua proposta ressocializadora é o trabalho, chamado também de laborterapia. A respeito do valor do trabalho nas prisões, Julião (2007, p.43) faz a seguinte reflexão:

A história da penologia mundial está centrada sobre a ideia de punição, e o trabalho forçado é um de seus principais baluartes. Durante muito

tempo acreditou-se que somente banindo o ócio se “reformaria” os delinquentes. Negando o ócio, portanto, o trabalho no sistema penitenciário caracteriza-se como a adição do castigo à produção de bens e serviços. Já que trabalho pressupõe produção, nada mais favorável para os agentes operadores da justiça do que utilizar o trabalho como instrumento de reinserção social, visto que estarão diretamente dando a oportunidade a indivíduos improdutivos (delinquentes) de se tornarem produtivos.

Boa parte dos trabalhos realizados pelos reeducandos é através de parcerias firmadas com empresas privadas da cidade ou região. A unidade pode receber diversas empresas, as quais, por sua vez, organizam sua linha de montagem nas oficinas ou nos espaços destinados a esse fim (BUENO, 2005). O autor (2005) explica também que o trabalho é um direito constitucional do reeducando, além de ser também regulamentado pela LEP⁶. Entretanto, os trabalhos intramuros não seguem as regras da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Ele assim expõe: “as empresas recolhem apenas 11% de INSS e tem o benefício de não recolherem FGTS e PIS, bem como não pagam férias nem 13ºsalário” (BUENO, 2005, p.53). As empresas parceiras obtêm, portanto, benefícios fiscais ao empregarem a mão-de-obra carcerária, além de reduzirem seus custos com os trabalhadores e aproveitarem de um marketing social (BUENO, 2005; CAMPOS, 2015).

Vedovello (2009) aponta também que, pelo fato do trabalho dos reeducandos não estar de acordo com o regime da CLT, e sim da LEP, a mão-de-obra carcerária é uma vantagem para o empregador, pois além de pagar salários inferiores ao salário mínimo, não convivem com a possibilidade dos trabalhadores encarcerados fazerem greves para reivindicar melhores condições de trabalho. Para a autora (2009, p.89), estas parcerias do Estado com as empresas se firmam neste momento de modo a atender interesses políticos que vem se instalando no Estado de São Paulo em ampliar o encarceramento e conseguir mais mão-de-obra encarcerada e, conseqüentemente, mais barata.

Mas nem todos que estão cumprindo sua pena no CR trabalham nas empresas; para estes há os serviços de manutenção, cozinha, lavanderia, faxina, barbearia, abrir e fechar grades, entre outros. Estes trabalhos são para a manutenção e funcionamento da própria unidade e recebem seu salário a partir de um “rateio” do salário dos demais reeducandos. Bueno (2005, p.53) explica:

⁶ “Art. 28: 2º - O trabalho do preso não está sujeito ao regime da Consolidação das Leis do Trabalho”. (LEP)

Da remuneração mensal dos reeducandos, há uma dedução de 10% para a MOI (Mão-de-Obra Indireta), repasse aos que trabalham na manutenção e limpeza da unidade. As entidades podem reter até outros 15% para custear atividades revertidas aos próprios reeducandos.

Como os próprios reeducandos participam dos trabalhos intraprisionais, diferentemente das prisões convencionais, e recebem por isso, o CR conseguiu reduzir os gastos com a manutenção da unidade. Vedovello (2008) observa que, dessa maneira, a laborterapia é uma vantagem econômica tanto para o Estado quanto para as empresas que selam parcerias com as unidades. Costa (2006, p.76) chama atenção para este sucesso econômico do CR quando este consegue enxugar a estrutura organizacional, “reduzindo cerca de 40% dos funcionários em comparação com as unidades tradicionais”.

Dentre variados motivos que incentivam o preso ao trabalho nas unidades, Bueno (2005) destaca a remição penal, na qual a cada três dias trabalhados reduz-se um dia de pena. Além disso, o reeducando pode contar com um dinheiro ao fim do mês, pois após descontados os valores da MOI e do mercadinho interno, seu ganho mensal é mantido em conta individual para repasse para a família ou para quando sair em liberdade. Além deste dinheiro, muitos dos reeducandos complementam seu ganho confeccionando artesanatos como tapetes, bonés, bolsas e cachecois. Com relação a esta função laborterápica do trabalho no CR, Campos (2015, p.80) faz a seguinte observação:

Apesar dos trabalhos nas unidades prisionais terem sua função laborativa contestável, haja vista que em sua maioria se configuram como trabalhos mecânicos e pouco, ou nada, educativos e que muitas vezes se constituem como exploração da mão de obra barata, há que se considerar o valor da remuneração advinda desse trabalho (ainda que mínima) no resgate da auto-estima e afirmação enquanto humano.

Outra característica singular ao CR é apontada por Faustino (2008) como sendo o tipo de tratamento dado aos reeducandos. Diferentemente das prisões convencionais, busca-se uma relação de convívio mais tranquila entre a população carcerária e corpo funcional, de modo que ambos são chamados pelo primeiro nome e não há a necessidade do reeducando andar com as mãos para trás e nem com a cabeça baixa, comportamento recorrente nas unidades tradicionais. O mesmo acontece com as famílias dos reeducandos, as quais também são tratadas com respeito por parte do corpo funcional da instituição, de modo a fazer valer o discurso de humanização da pena.

Esta diferença no tratamento não significa um abrandamento ou mesmo ausência das regras de convívio; Faustino (2008, p.83) aponta que “[...] nos Centros de

Ressocialização também há normas rígidas de convivência, cuja transgressão é caracterizada como falta disciplinar e pode ser punida com a transferência do reeducando para outra unidade prisional nos moldes tradicionais”. Por isso há nos CRs rotinas extremamente demarcadas, nas quais todas as pessoas possuem funções, postos de trabalho e horários específicos para cada atividade. Com relação às essas regras que visam manter a ordem e disciplina da unidade, Costa (2006, p.84) tece a seguinte observação:

A supervalorização da segurança e da disciplina não deixa de se fazer presente também nos Centros de Ressocialização, pois os CRs também são prisões, onde se exige disciplina, esta permeada por rotinas previamente planejadas, sob o estrito controle do Estado, o qual tem a atribuição de garantir a disciplina e impedir a instabilidade e a movimentação dos indivíduos aleatoriamente.

Também faz parte do cotidiano do CR a escola. Para todos aqueles que não terminaram o ciclo escolar, a frequência às aulas no período noturno é obrigatória – condição esta fundamental para permanência na unidade. Tendo em vista que boa parte da população prisional não completou os estudos, a presença da escola enquanto um direito humano à educação nos espaços intramuros e, portanto, na rotina prisional, gera mudanças significativas na vida de quem está ali inserido. Como explica Tejerina (2016), o sujeito preso está na intersecção de três conjuntos institucionais: o poder judicial, o serviço penitenciário e o sistema educativo; ele é visto, portanto, como um sujeito do tratamento criminológico, um sujeito judicializado e um sujeito da ação educativa. Pelo fato da educação ser uma outra instância do poder – com características próprias da sua construção histórica e epistemológica – com a qual o indivíduo se relaciona durante sua passagem pela prisão e que, portanto, diz respeito à sua formação enquanto ser humano, os processos educativos serão observados e abordados no tópico seguinte.

O CR, na pretensão de inaugurar um novo modelo de gestão prisional de modo a proporcionar ao condenado ou preso provisório uma pena humanizada com condições para uma harmônica reintegração social, não se esquece: ele é uma prisão e, na ausência das ONGs que garantiam alguns direitos, prima por fazer valer a disciplina e a ordem do Estado sobre o indivíduo. Retoma, assim, o fazer comum dos presídios convencionais. Neste sentido, Costa (2006, p.84) afirma:

Busca-se nos CRs aplicar a disciplina com maior rigidez, pois é mínimo o corpo funcional de agentes de segurança penitenciária e os muros, além de serem baixos não são ladeados por vigilância externa. O

controle é quase total das atividades, dos indivíduos e das situações cotidianas, por causa do baixo número de presos, normalmente até 210, reproduzindo, assim, as mesmas rotinas das prisões tradicionais.

Nesta tentativa de manter a ordem e a disciplina e acabar por reproduzir as práticas dos modelos convencionais de prisão, os CRs apresentam uma contradição. Assim aponta Costa (2006, p.84-85):

Busca-se ideologicamente mediante processos técnicos operativos construir um “novo modelo de gestão prisional”, contudo, usam-se os mesmos métodos de regras disciplinadoras das prisões tradicionais, haja vista que no momento de punir o indivíduo por qualquer ato infracional dentro do CR, utiliza-se o instrumento disciplinador do regimento interno padrão dos estabelecimentos prisionais do Estado de São Paulo.

Em seu estudo, Costa (2006) propõe, então, como problema a ser pensado pelos CRs o modo de exercer sua punição. Ela explica que as faltas disciplinares graves (tentativa de fuga, tráfico e uso de substâncias entorpecentes, agressão física a outro preso ou desrespeito a funcionário) são punidas com a transferência do indivíduo para uma penitenciária sem a devida investigação e análise da falta cometida. A autora aponta que um dos motivos dessa transferência está no próprio projeto arquitetônico do CR, pois não há celas adequadas para o cumprimento de sanções disciplinares. Sem a devida análise do caso, o indivíduo transferido teve seu direito de defesa violado. Além disso, com a transferência não é mais possível trabalhar com este sujeito. Para onde vai, então, o discurso ressocializador quando, no momento da falta, as necessidades mais subjetivas do indivíduo são ignoradas? Não há nos CRs um projeto unificador de objetivos, métodos e procedimentos, para a efetivação de uma política social que objetive a emancipação dos sujeitos encarcerados, com vistas ao exercício de sua cidadania? Neste momento, o que acontece com o modelo que se propõe a garantir e efetivar uma harmônica reintegração social do indivíduo? Resta, assim, ao indivíduo, os interesses do Estado em controlá-lo (COSTA, 2006).

Diante dos problemas apresentados, Campos (2015) afirma a necessidade de refletir se os CRs estão conseguindo se efetivar como modelos prisionais com reais medidas (re)socializadoras ou se apenas se configuram como unidades seletivas que privilegiam, dentre os marginalizados, os mais adaptados (ou menos destoantes) aos padrões sociais.

Os complexos e extensos problemas do sistema penal do estado de São Paulo extrapolam os muros dos Centros de Ressocialização e, apenas este modelo prisional não resolverá todos eles. Diante de um sistema penitenciário que mais ajuda a ampliar os índices de criminalidade do que a baixá-los, Ribeiro (2011) afirmar a necessidade urgente de fazer valer os direitos do indivíduo preso:

Deflagra-se nesse novo milênio a urgente necessidade de revisão do Código Penal vigente, o real cumprimento da LEP. A efetividade dessa Lei certamente modificaria o cenário carcerário. [...]. O que hoje se vê é a desarmonia entre a lei e o cárcere, que resulta na falência do sistema penitenciário brasileiro.

Entretanto, dentro desse caótico cenário carcerário, onde mesmo o projeto do CR carrega questões a serem analisadas e modificadas para o cumprimento de uma efetiva proposta ressocializadora, ele ainda é apontado como um local mais humanizado para o cumprimento da pena e que oferece mais recursos e possibilidades aos reeducandos. Mas, infelizmente, o que se observa é que este modelo não vem sendo ampliando e nem aperfeiçoado no sistema carcerário, mostrando que muito ainda precisa ser feito para avançarmos no respeito, cumprimento e garantia de nossos direitos enquanto cidadãos, seja para quem vive dentro ou fora das prisões.

1.2 Prisão: a condição operante e o discurso da reforma

Retomando o que foi dito no tópico anterior, a prisão não se mostra eficiente em sua missão: diminuir a criminalidade. Pois que surge a necessidade de reforma das instituições carcerárias e, não distante, uma proposta como o CR que, mesmo sendo um melhor local para o cumprimento da pena, não apresenta a superação dos problemas prisionais e tampouco se efetiva como uma autêntica política pública criminal de ressocialização. As prisões continuam sendo um inconveniente e o sistema penitenciário permanece falido. Mas ainda sim elas são construídas e o sistema continua a funcionar. Por quê? Por que continua-se a apostar em presídios como solução dos problemas da violência? Para compreender como isso pode acontecer, outras duas perguntas necessitam ser feitas: *para quem* a prisão é um inconveniente? *Para quem* o sistema carcerário está falido?

O descaso com as prisões não se trata de uma questão da incompetência de gestão, mas sim do objetivo de um projeto. Mantê-las como estão e sem garantir reformas profundas em seu funcionamento com vistas à garantia de direitos da pessoa aprisionada,

é interessante para alguém. Foucault (2013, p.75) assim aponta para o fracasso e consequente “sucesso” da prisão quando esta passa a ser local de cumprimento da pena e, portanto, de vigilância e controle do indivíduo:

Desde o começo a prisão devia ser um instrumento tão aperfeiçoado quanto a escola, a caserna ou o hospital, e agir com precisão sobre os indivíduos. O fracasso foi imediato e registrado quase ao mesmo tempo que o próprio projeto. Desde 1820 se constata que a prisão, longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para afundá-los ainda mais na criminalidade. Foi então que houve, como sempre nos mecanismos de poder, uma utilização estratégica daquilo que era um inconveniente. A prisão fabrica os delinquentes, mas os delinquentes são úteis tanto no domínio econômico quanto no político. Os delinquentes servem para alguma coisa.

Portanto é sob o discurso de agir sobre o indivíduo e reformá-lo que as prisões se erguem até hoje, mas, ao invés disso, produzem e perpetuam a criminalidade necessária para o funcionamento dos atuais mecanismos de controle político. Portanto, há um círculo que necessita ser quebrado: a prisão produz aquilo que ela deve, supostamente, combater: a delinquência. Segundo Baratta (2004a, pg.95) esta contradição operante no sistema penal não é uma obra do acaso, senão que a própria condição de funcionamento desse sistema.

As prisões são eficazes em produzir a criminalidade devido a um intrincado mecanismo que se opera no sistema do qual fazemos parte. A cada vez que se omite, se esconde e se permite, se assegura, se reproduz e legitima o processo de produção ou reforço da marginalização da vida daqueles que atravessam o sistema penal, move-se a engrenagem para a produção da criminalidade. Haja vista que, para a maior parte dos detidos, a marginalização provocada pelo encarceramento (devido às condições de vida em seus interiores) é um processo secundário de marginalização que se intervém depois de um processo primário de marginalização. Boa parte desta população é proveniente de um grupo social já marginalizado, sobretudo enquanto excluídos da sociedade ativa por obra dos mecanismos do mercado de trabalho (BARATTA, 2004b).

A criminalidade é produzida ou reforçada a cada vez que uma pessoa, ao passar pelo sistema penal, recebe a identidade de delinquente. Identidade esta reforçada por sua ficha de antecedentes criminais. Que vida lhe aguarda, se a prisão não promove possibilidades para que saia de seu anterior processo de marginalização? Não é fácil escapar a esse sistema pré estabelecido. Portanto, historicamente é esse sistema penal que

vai produzindo e recrutando um grupo de delinquentes ao marcar indivíduos já marginalizados com o estereótipo do criminoso: “[...] a prisão foi o grande instrumento de recrutamento. A partir do momento que alguém entrava na prisão se acionava um mecanismo que o tornava infame, e quando saía, não podia fazer nada senão voltar a ser delinquente” (FOUCAULT, 2013, p.76).

Na, e para a, contínua produção do grupo de delinquentes, pouco interessa ao poder penal e de justiça que se realizem os direitos do preso à instrução, ao trabalho e à assistência social (BARATTA, 2004b). Tejerina (2016), ao estudar as trajetórias que levavam as pessoas presas a frequentar o curso de sociologia da CUSAM e suas atividades culturais nos interiores da prisão N°48 de José León Suárez – localizada na cidade de San Martí, Argentina –, traz contrastes de uma vida que ganha outras dimensões quando em seu caminho se efetivam práticas para a construção de um outro espaço ou olhar para a/d cultura carcerária. Transformação esta que se dá desde a perspectiva de que garantir os direitos à pessoa presa é possibilitar a ela a saída do processo de marginalização ao qual estava inserida. Neste sentido, não é o indivíduo que se adapta às regras da sociedade e, por isso, estará apto a ressocializar-se; mas são as próprias regras da sociedade que mudam. Sem essas possibilidades, o ócio, muitas vezes, acaba sendo sua única atividade diária e, assim, acaba por exercer aquilo que este sistema carcerário dele espera: o crime.

Garantir que a pessoa presa permaneça no ócio intramuros tornou-se interessante produtivo nesse sistema que necessita da existência do indivíduo criminoso para continuar rodando. É neste sentido que a prisão, ao funcionar para produzir a delinquência, pouco se preocupa em reeducar o preso; lhe é mais interessante que ele não aprenda nada e não lhe reste outra opção que não a de ser um criminoso. Assim explica Foucault (2013, p.76):

Posteriormente, a partir dos anos 1835-1840, tornou-se claro que não se procurava reeducar os delinquentes, torná-los virtuosos, mas sim agrupá-los num meio bem definido, rotulado, que pudesse ser uma arma com fins econômicos ou políticos. O problema então, não era ensinar-lhes alguma coisa, mas ao contrário, não lhes ensinar nada para se estar bem seguro de que nada poderão fazer saindo da prisão.

Sustentar a delinquência é interessante para que o sistema hegemônico continue operante. É como se ela já fizesse parte do sistema econômico. Lucra-se com o medo cotidiano do outro, com a violência e a venda da segurança; cria-se uma sociedade de tensões constantes. Para exemplificar, trago uma explicação de Foucault (2013, p.76):

Na América, sabe-se que o assalto é um risco permanente corrido pelas grandes lojas. Calcula-se aproximadamente quanto ele custa e percebe-se que o custo de uma vigilância e de uma proteção eficazes é muito alto, e portanto não rentável. Deixa-se, então, roubar. O seguro cobre. Tudo isto faz parte do sistema.

Para além de ter sido englobada pelos sistemas econômicos, Foucault (2013, p.78) aponta que é a produção sistemática da criminalidade que sustenta também a necessidade de uma instituição como a polícia e, conseqüentemente, de um estado policial e de vigilância. Soma-se a tudo isso a criação da imagem do delinquente como alguém portador do mal, como aquele que carrega todos os perigos da sociedade, justificando a necessidade de ser tratado pelas técnicas de correções da prisão para mudar seu comportamento social.

Foucault (2013) aponta que, junto à produção dessa imagem do delinquente, foi fundamental a criação de uma moral rigorosa e constituir o povo como um sujeito moral. Separa-se, assim, o bem do mal, útil do inútil, o permitido do não permitido, o virtuoso do desvirtuado: o delinquente do não delinquente. A moral, ao longo do tempo, se enraiza nos corpos individuais da população e, com a ajuda dos meios de comunicação, criam e divulgam as narrativas criminais, as páginas policiais dos jornais, contribuindo para a formulação e divulgação de um “rosto” da delinquência. Permite-se, assim, o funcionar das engrenagens deste sistema de produção criminal. Tejerina (2016) endossa em seu estudo que esse discurso policial reproduzido por determinados meios de comunicação, fomenta e potencializa o estereótipo do delinquente, uma vez que não é qualquer pessoa que é selecionada para ser criminalizada.

Com a formulação desse “rosto” torna-se possível identificar, quase que de antemão, o delinquente, pois ele passa a carregar corporalmente as marcas observáveis dessa “classe” dentro da espécie humana. Mas a máquina de produção da delinquência não atira para todos os lados, ela tem um alvo específico de captura: a pobreza. O processo de criminalização da pobreza gera e aumenta, ao mesmo tempo, o preconceito e o medo em relação a ela; assim diz Foucault (2013, p.76): “E quanto mais eram vítimas da delinquência [a pobreza], mais dela tinham medo”.

A pobreza, a periferia, os marginalizados tornam-se alvos desse sistema; não distante, são eles a maior parte da população carcerária brasileira. Segundo Ireland (2011, p.29): “[...]95% são pobres ou muito pobres, com a dificuldade que esse segmento da

população tem de acessar os bens sociais – saúde, educação, trabalho, habitação, etc. –, dos quais 60% são jovens na faixa etária entre 18 e 29 anos”.

Todo este processo faz parte da instituição prisional moderna e, para Wacquant (2011), atualmente, as prisões seguem uma política de aprisionamento massivo da pobreza. Segundo o autor (2011), o avanço do neoliberalismo enxugou o Estado social e, no lado oposto ao Estado mínimo, organizou um imenso Estado penal. É nesse contexto onde surgem políticas públicas de segurança que reforçam o encarceramento massivo da pobreza e de todo o maquinário de produção da delinquência.

Wacquant (2011) argumenta de que as prisões atuais são erguidas para aprisionar a miséria e varrê-la do campo visual, exercendo um higienismo social. Tal prática origina-se como uma política pública nos Estados Unidos na época do governo de Ronald Reagan (1981- 1989) e se espalha pelo mundo, chegando, inclusive ao Brasil. O fato de uma classe social pobre ocupar majoritariamente os presídios brasileiros não é, portanto, fruto do acaso ou, então, o reflexo de uma tendência genética ou biológica dessas pessoas que acabam, por fim, praticando atos ilícitos. É uma realidade que aproxima-se muito mais de uma produção política que reflete históricas desigualdades reproduzidas no encadeamento de ações humanas, do que um problema a ser resolvido na correção punitiva de determinados indivíduos.

O modelo de penalidade elaborado durante o governo de Reagan coloca em prática o princípio neoliberal de responsabilizar totalmente o indivíduo por sua conduta e condição de vida, punindo qualquer ação que fuja do padrão moral hegemônico. Consequentemente, a população pobre e marginalizada lotou e lota as prisões norte americanas. Wacquant (2011, p.30) explica, então, como, de acordo com a lógica neoliberal, funcionaria a degenerescência moral do indivíduo a partir das políticas de ajuda do Estado à classe pobre:

[...] a excessiva generosidade das políticas de ajuda aos mais pobres seria responsável pela escalada da pobreza nos Estados Unidos: ela recompensa a inatividade e induz à degenerescência moral das classes populares, sobretudo essas uniões ilegítimas que são a causa última de todos os males das sociedades modernas – entre os quais a violência urbana. (WACQUANT, 2011, p.30)

São aos degenerados que se destina a política de tolerância zero. Fica claro, portanto, para *quem* são as prisões e a *quem* ela pretende reformar e fazer retornar à sociedade. Wacquant (2011) deixa claro a *quem* se volta a necessidade do tratamento

moral, da reeducação e readequação aos padrões sociais; suposta função dos aparatos penitenciários:

[...] esses sem-teto que acoissam os motoristas nos sinais de trânsito para lhes propor lavar seu para-brisa em troca de uns trocados, os pequenos passadores de droga, as prostitutas, os mendigos, os vagabundos e os pichadores. Em suma, o subproletariado que suja e ameaça. É nele que se centra prioritariamente a política de tolerância zero visando restabelecer a qualidade de vida dos nova-iorquinos que, ao contrário, sabem se portar em público. (WACQUANT, 2011, p.34)

A política de tolerância zero, que começa nos E.U.A., logo passa a ser exportada para outros países e não tarda a chegar ao Brasil.

De Nova York, a doutrina da ‘tolerância zero’, instrumento de legitimação da gestão policial e judiciária da pobreza que incomoda [...], propagou-se através do globo a uma velocidade alucinante. E com ela a retórica militar da ‘guerra’ ao crime e da ‘reconquista’ do espaço público, que assimila os delinquentes, sem-teto, mendigos e outros marginais a invasores estrangeiros [...]. (WACQUANT, 2011, p. 38)

A fala de Geraldo Alckmin no documentário “O prisineiro da grade de ferro” (2003), deixa clara a chegada desta política no território brasileiro e, ainda mais, no estado de São Paulo, ao mostrar a expansão do sistema carcerário no estado:

“Nos últimos 100 anos o estado de São Paulo abriu 18.000 vagas no sistema penitenciário. Nestes seis anos e meio de governo, nós chegamos a 25.666 vagas, [...] e até o final do próximo ano serão totalizadas 46.358 vagas, que é um fato recorde no mundo em se fazer um esforço tão grande.

Em um país como o Brasil, marcado por desigualdades sócio-econômicas e destituído de uma tradição democrática, esta política acarretou algumas consequências: aumento da violência e repressão por parte do Estado com as populações marginalizadas, construindo-se índices de uma guerra civil (vivenciada, principalmente, por jovens das periferias brasileiras); intensificação da hierarquia de classes e aumento da discriminação baseada na cor; a violência e tortura institucional. Assim, a política de aprisionamento da pobreza fez pipocar os presídios brasileiros, tornou o poder judiciário lento e ineficiente e manteve os mecanismos de repressão e opressão sobre os marginalizados, como se refere Wacquant (2011, p.9):

No entanto, e sobretudo, a penalidade neoliberal ainda é mais sedutora e mais funesta quando aplicada em países ao mesmo tempo atingidos por fortes desigualdades de condições e oportunidades de vida e desprovidos de tradição democrática e de instituições capazes de amortecer os choques causados pela mutação do trabalho e do indivíduo no limiar do novo século.

Os presídios brasileiros estão cercados pela injustiça e pela violência. Injustiça de um poder que, antes de garantir aos sujeitos seus direitos, os punem pelas consequências de sua ausência. Violência de um poder que se mantém operante a partir da exclusão desses sujeitos. Privando-os da liberdade constrói-se a imagem da segurança pública e da punição à violência: saciam-se os medos da sociedade com relação a ela mesma. Ao mesmo tempo, alimenta-se a obsessão pela punição do crime/criminoso gerando uma histeria da população, que grita por proteção. E “Cada vez que um delinquente cai varado de balas, a sociedade sente um alívio na doença que a atormenta” (GALEANO, 2013, p.81).

Mesmo diante das injustiças e desse evidente mecanismo de produção delinquência, existem argumentos que sustentam a contradição da prisão e, portanto, que ela continue a existir. Para Baumam (1999, p.116) o que a sustenta é o discurso de intenção da reforma moral do sujeito nas prisões modernas, a qual tornaria o indivíduo capacitado a seguir as regras do convívio social normal e, por isso, a viver novamente em sociedade:

O propósito ostensivo da correção era tirar os internos do caminho da perdição moral em que embarcaram por vontade própria ou para o qual foram empurrados sem culpa direta, desenvolver hábitos que por fim lhes permitiram retornar ao convívio da ‘sociedade normal’, interromper a ‘decadência moral’, combater e extirpar a preguiça, a inépcia e o desrespeito ou indiferença pelas normas sociais, todas essas aflições que se combinavam para tornar os internos incapazes de uma “vida normal”.

Foucault (2013) também argumenta neste sentido quando diz que somente com um discurso que promete a reforma do indivíduo criminoso, é possível sustentar a existência das prisões na modernidade e, por isso, uma série de dispositivos são criados e postos a funcionar em nome desse sistema que, sabidamente, produz efeito contrário do prometido.

A partir do momento em que se suprime a ideia de vingança, que outrora era atributo do soberano, do soberano lesado em sua própria soberania

pelo crime, a punição só pode ter significado numa tecnologia de reforma. E os juízes, eles mesmos, sem saber e sem se dar conta, passaram, pouco a pouco, de um veredicto que tinha ainda conotações punitivas, a um veredicto que não podem justificar em seu próprio vocabulário, a não ser na condição de que seja transformador do indivíduo. Mas os instrumentos que lhe foram dados, a pena de morte, outrora os campos de trabalhos forçados, atualmente a reclusão ou a detenção, sabe-se muito bem que não transformam. Daí a necessidade de passar a tarefa para pessoas que vão formular, sobre o crime e sobre os criminosos, um discurso que poderá justificar as medidas em questão. (FOUCAULT, 2013, p.79)

As prisões se sustentam, portanto, com esse discurso punitivo e reformista. Nesse sentido, não se pode falar em abandono da prisão, ou como um lugar sombrio e obscuro, pois é essa instituição carrega em torno dela toda a questão das tecnologias corretivas do indivíduo, portanto ela produz saberes que permitem o espalhar da disciplina e do controle pelo corpo social (FOUCAULT, 2002). Este discurso é reforçado à medida que um saber sobre o sujeito delinquente é produzido. Saber este que se refina a ponto de escapar às questões do aprisionamento da pobreza e da garantia dos direitos da pessoa presa para personificar ainda mais a delinquência e, assim, justificar a prisão como o local de tratamento do sujeito criminoso. A prisão continua sendo aceita e mantém-se como a saída para os problemas da violência. Diante da explicação simplista “ele rouba porque é pobre”, Foucault (2013, p.77) apresenta outro ponto de vista e assinala por onde caminham os mecanismos da “necessidade” de punir e reformar o indivíduo:

[...] mas você sabe muito bem que nem todos os pobres roubam. Assim, para que ele roube é preciso que haja nele algo que não ande muito bem. Este algo é seu caráter, seu psiquismo, sua educação, seu inconsciente, seu desejo. Assim o delinquente é submetido a uma tecnologia penal, a da prisão, e a uma tecnologia médica, que se não é a do asilo, é ao menos o da assistência pelas pessoas responsáveis.

Para Baratta (2004a), esses saberes produzidos sobre o preso, principalmente o da criminologia tradicional, tem por natureza e função imediata, auxiliar e reafirmar a manutenção do sistema penal existente e a política criminal oficial de reformar o indivíduo delinquente através da punição. É através da prisão, portanto, que os criminosos são selecionados, estigmatizados e observados desde uma perspectiva clínica, reforçando e legitimando a continuidade dos mecanismos de punição e tratamento.

Como ya lo he señalado, la suposición de la que parte la criminología etiológica em su función auxiliar y legitimadora com relación al sistema

penal y a la política criminal oficial, es que existe una cualidad natural de comportamientos y de sujetos que tienen una característica que los distingue de todos los otros comportamientos y de todos los otros sujetos: esa cualidad natural sería la criminalidad. (BARATTA, 2004a, p.100)

A delinquência é individualizada e naturalizada a um ponto que chega a ser veiculada como uma questão biológica, onde encontra-se no indivíduo mesmo aquilo que levou o delinquente a ser um delinquente – esta seria a função da criminologia tradicional. Neste sentido, cria-se um perigo biológico-individual, uma raça dentro da espécie humana, portadora dos genes da delinquência, impedindo-nos de viver em paz. Geradores de nossas desventuranças, devem ser isolados e tratados para aprender a conviver entre os demais. As dualidades estão postas, algo como uma raça boa e uma raça ruim, uma raça a prosperar e outra a ruir.

Foucault (1999, p.308-309) chamou a isso de racismo de estado: um modo de exercício do poder que assume sua nova forma no final do séc. XIX e que permite o controle sobre a vida da população; é com a criação e a manutenção de diferentes formas de racismos que o Estado disciplina e controla os indivíduos. Para Foucault (1999; 2013) esta forma de exercício do poder não se dá somente sobre o corpo social, mas está capilarizada no corpo social e, portanto, sendo reproduzida cotidianamente nas microrrelações humanas.

Esse mesmo racismo, que permite ao Estado o exercício de um poder disciplinar e normalizador, é a condição de aceitabilidade de tirar a vida em uma sociedade normativa. Neste sentido, a morte do outro – ou mesmo o sofrimento de alguns – “não é simplesmente a minha vida na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura” (FOUCAULT, 1999, p.305).

Neste maquinário, o indivíduo é o alvo do sistema de justiça e das técnicas penais; mais especificamente, o indivíduo marginalizado, para a perpetuação da lucrativa marginalidade e delinquência. Sistemas justificados, autorizados e veiculados pela ciência, pelos meios de comunicação, pelo discurso de tratamento e reforma do sujeito, pelo poder disciplinar capilarizado nas relações ordinárias. Mesmo algumas mudanças que aparecem nos presídios com ideias de ressocialização ou reeducação, muitas vezes, apenas reafirmam essa necessidade de punir e reformar o sujeito criminoso e, ainda sim, manter esse sistema todo funcionando (BARATTA, 2004a).

Ao se dar conta do funcionamento desse sistema, Baratta (2004a, p.103) dá sua resposta, como estudioso da área, de necessidade de mudanças desse cenário:

Quien niega, sobre la base de um análisis histórico y sociológico del sistema penal existente, que su principal función real coincide con la función declarada de combatir la criminalidad, e identifica al contrario, la función real del sistema en la reproducción de las relaciones sociales de desigualdad y de subordinación, no puede al mismo tiempo aceptar participar en una construcción ideológica de los problemas sociales desde la óptica del sistema penal y del sentido común que le es complementario.

Baratta, ao fazer sua crítica ao direito penal e aos seus mecanismos de sustentação, ataca às propostas reformistas das prisões que insistem em manter o indivíduo preso como o sujeito da reforma, da reeducação ou do tratamento e, assim, apenas agem para a manutenção desse sistema injusto, não garantindo uma efetiva política pública criminal para a superação do problema penal. Assim, ele também critica as ideias correntes em relação ao uso, tão comum, de termos como tratamento e ressocialização:

Tratamiento y resocialización presuponen, en efecto, um papel pasivo del detenido y uno activo de las instituciones: son residuos anacrónicos de la vieja criminología positivista que definía al condenado como un individuo anormal y inferior que debía ser (re)adaptado a la sociedad, considerando acriticamente a esta como “buena” y al condenado como “malo”. (BARATTA, 2004b, p.380)

O conceito mesmo de ressocialização, segundo Faustino (2008), não apresenta um significado único, mas a concepção corrente desse termo, ao ser usado nas instituições penais ao longo de sua história, seria o resultado de uma reforma moral no indivíduo a ser operada pelas técnicas carcerárias durante o período de cumprimento da pena. Após esse tratamento moral, “o condenado se tornaria apto a regressar ao convívio social como um indivíduo respeitador das leis e dos padrões sociais aceitos na ordem do capital” (FAUSTINO, 2008, p.13).

Campos (2015), ao fazer uma revisão sobre o uso do termo *ressocialização* pelos documentos e instituições penais observa, primeiramente, a constante presença do prefixo “re” para dizer das funções e missões da prisão: reeducar, ressocializar, reintegrar, recuperar, reabilitar. Carregaram a ideia de possibilitar ao indivíduo penalizado uma “nova chance” de aprender as regras de convívio e retornar à sociedade livre, transformado, pronto para viver harmoniosamente entre os demais. Destaca também o

sentido de ressocialização como socializar novamente, ou seja, após passar pelas técnicas penais, que o indivíduo aceite e esteja disposto a seguir as regras sociais. Pressupõe-se, então, que estar socializado é agir de acordo com as normas pré-estabelecidas e, “aqueles que não aceitam seu papel e/ou infringem as normas da sociedade deverão ser submetidos a processos (re)socializadores, no intuito de novamente tentar adequá-lo ao convívio social (CAMPOS, 2015, p.45). Está aí o discurso reformador do indivíduo criminoso como portador da má conduta e dos problemas sociais que vivemos. Reativa-se assim a necessidade da prisão como resposta ao crime mesmo diante de sua contribuição para ele mesmo se propague.

Baratta (2004b) aponta que há uma diversidade de estudos provando a ineficiência da prisão em ressocializar o delinquente e que, ao contrário, lhe impõe mais dificuldades para este processo. No entanto, o autor propõe que não se deve abandonar a ideia de promover a reintegração do condenado à sociedade, mas que esta deve ser pensada deste outra perspectiva. Afirma, então, o uso do termo *reintegração social* como mais adequado, com vista a se fazer a vida na prisão com impactos menos negativos para a futura vida do apenado do que a que se tem hoje. O autor (2004b, p.379) assim afirma:

Cualquier paso que pueda darse para hacer menos dolorosas y dañinas las condiciones de la cárcel, aunque sea sólo para un condenado, debe ser mirado con respecto cuando esté realmente inspirado en el interés por los derechos y el destino de las personas detenidas, y provenga de una voluntad de cambio radical y humanista y no de un reformismo tecnocrático cuya finalidad y funciones sean las de legitimar, a través de cualquier mejoramiento, la institución carcelaria en su conjunto.

Ele ressalta, portanto, a necessidade de se considerar como política pública o desenvolvimento das possibilidades já existentes de um regime carcerário mais aberto à sociedade e de realização dos direitos do preso à instrução, à assistência e ao trabalho. Esta abertura é para ele fundamental ao processo de reintegração social do preso, uma vez que o isolamento da instituição, representado pelos altos muros, apenas reforça a separação da sociedade com uma parte de seus próprios problemas e conflitos. Neste sentido, defende que reintegração social do condenado significa mais do que somente a transformação dos interiores da prisão, mas também quando a sociedade assume parte desses problemas segregados na prisão (BARATTA, 2004b, p.380).

A reintegração social seria, portanto, a correção das condições de exclusão e marginalização dos grupos sociais que povoam as prisões para que não retornem à essas

condições quando saírem em liberdade, evitando assim que retornem à prisão uma vez mais. Conferir os direitos do indivíduo preso ao preso não deve ser, portanto, visto como parte da disciplina carcerária, mas sim vista desde a perspectiva dessa correção das condições de marginalização:

Compensando situaciones de carencia y de privación frecuentemente características de la historia de vida de los detenidos antes de su ingreso a la carrera criminal, debe ofrecerse al detenido una serie de servicios que van desde la instrucción general y profesional hasta los servicios sanitarios y psicológicos, como una oportunidad de reintegración y no como un aspecto de la disciplina carceraria. (BARATTA, 2004b, p.381)

Conceitos de reintegração, ressocialização e tratamento devem ser pensados, portanto, em termos de exercício dos direitos do cidadão preso, e não como técnicas penais a serem aplicadas sobre o indivíduo. Agir, neste sentido, busca não a construção de melhores prisões, mas a necessidade de cada vez menos prisões (BARATTA, 2004b). Seria começar a fazer valer o artigo primeiro da LEP, na qual a execução penal deve proporcionar a *harmônica* integração social do condenado:

Art. 1º: A execução penal tem por objetivo efetivar as disposições de sentença ou decisão criminal e proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado.

Superar toda esta problemática é um exercício complexo e deve estar em constante elaboração. Não tenho por objetivo apontar soluções, mas intento algumas reflexões acerca dessa conjuntura e de suas fissuras. Neste cenário, o CR não se apresenta como um modelo que supera os problemas criminais, tendo em vista as fragilidades de seu discurso ressocializador. Mas mesmo assim há que se atentar para alguns resultados que conseguiu, como, por exemplo, a baixa nos índices de motins, revoltas e reincidências criminais (COSTA, 2006; FAUSTINO, 2008; CAMPOS, 2015; SALAZAR & MACRI, 2005), uma vez que garante melhor infraestrutura para cumprimento da pena e convívio, oficinas de trabalho e o direito à educação. Garantir os direitos ao condenado é permitir que o cidadão encarcerado continue a ser um cidadão.

Como já foi dito anteriormente, todas as pessoas que estão em um CR e não terminaram seus estudos, devem frequentar a escola – condição para permanência na unidade. Quando a escola é garantida dentro de uma unidade penal, outras relações entram em jogo no próprio cotidiano da instituição carcerária, pois, juntamente a ela, entram

nesse espaço outros modos da ação educativa, tendo em vista que diferentes educadores e educadoras estarão presentes ali para construir as relações de ensino-aprendizagem. Outro que adentra à prisão juntamente com a escola, é próprio mundo de fora, possibilitando a criação de outros laços com pessoas que adentram esses espaços.

Quando um sujeito cumpre uma pena, ele é observado e tratado desde uma perspectiva criminológica e judicial; uma vez garantido o direito à educação, outra instância passa a fazer parte da lente com que se olha para este sujeito apenado: a da educação e, portanto, outros instrumentos e elementos passam a influenciar em sua trajetória dentro do cárcere. Para pensar o impacto de uma escola que chega da “rua”⁷ e adentra o CR, exercendo uma grande influência no que passa a acontecer lá dentro e, portanto, organizando o seu funcionamento noturno⁸, é interessante observar as considerações que Tejerina (2016, p.8) tece sobre o direito à educação e os sentidos do estudar para uma pessoa privada de liberdade: (1) a inscrição na identidade de estudante; (2) pertencimento e laço com o fora; (3) um horizonte distinto na vida que supere o passado a partir de certos princípios que repercutem em seu caminhar diário dentro da própria prisão. Mas nesse espaço onde entra a educação e circula esse indivíduo condenado, sob os ditames das técnicas e poderes penais, uma série de conflitos estão postos em jogo. Esse sujeito que, no período noturno, torna-se estudante, não desmonta de vez a identidade de preso e que, durante o dia, fora da escola, não desmonta de vez a identidade de estudante. Pois então que as tensões das instituições, das identidades e dos sujeitos também estão em cena nas relações cotidianas e nas próprias ações educativas. Conflitos e tensões armadas e desarmadas arquiteturalmente; prisões e escolas montadas e desmontadas diariamente.

No CR de Rio Claro, estas tensões estão postas, disputas, desmontadas e remontadas no próprio acontecer escolar na instituição. Passemos, agora, a observá-la mais de perto, no próprio caminhar por dentro dessa instituição por parte deste pesquisador que também foi professor na referida unidade.

1.3 Es-pri-co-la-são. Prisão e escola aos montes e desmontes.

⁷ O uso da expressão “da rua” é comum entre as pessoas que estão privadas de sua liberdade para se referir a tudo o que é de fora dos muros da prisão. Assim, a escola que faz parte do CR é uma escola pública estadual e, portanto, é “da rua”.

⁸ No CR masculino de Rio Claro, a escola acontece em período noturno, das 18:15h às 22:15h.

Adentrar ao CR me colocou em contato mais intenso com toda esta problemática das prisões e das práticas educativas nesses espaços. Intento, aqui, com base nessa experiência, uma busca narrativa em tentar fazer aparecer as forças que atravessam um espaço em seus modos de propagações e reverberações, repressões e resistências. Um modo de apresentar alguns dos fazeres conflituosos destas instituições, onde processos de subjetivação estão em ação o tempo todo, produzindo, ao mesmo tempo, assujeitamentos, resistências, negociações, escapes e produções ou reproduções de territórios de vida.

“Escreve-se para tentar aceder ao multiforme da existência” (Ó, 2016, p.318). Intento, portanto, um exercício de escrita que coloque o que está em jogo no convívio da escola na prisão (ou seria *da* prisão?). Jogo do qual fiz parte enquanto trabalhava como professor na unidade. Assim, quando escrevo para poder pensar, ou penso para poder escrever, adentro também um lugar de formação de mim mesmo, educador inacabado, a refletir sobre a prática e poder construir outros caminhos possíveis para ela. Exercício este, também, de escrita como experiência, o qual propõe restituir o valor próprio da experiência que não busca o destino, mas a afirmação da passagem, o possível do *entre* (VIGNALE, 2016). Prática que não é solitária, mas povoada por outras vozes que, aqui, algumas delas, faço estar presente:

Toda escritura se produce *entre* escrituras de modo que no puede ser ceñida a una escritura personal, que pretende una potestad sobre la palabra (una escritura es mía, propia, personal, me pertenece). Sino que, en todo caso, señala un vínculo entre nosotros y la palabra, no del orden de la propiedad, sino del de la positividad, de la producción, de la creación. La creación de qué? De si mismo: una escritura es subjetiva no en cuanto lleva el sello personal de su autor (y que en tanto tal la hace “reconocible” por otros), sino cuando es esa escritura la que produce, forma y transforma una subjetividad em nosotros mismos. (VIGNALE, 2016, p.70)

É nessa relação com a palavra, de produzir algo em mim mesmo, de mim mesmo, que fui sendo levado pelo escrever das experiências após as aulas que lecionava no CR. Por isso, muitos dos escritos aqui presentes foram retirados de cadernos que mantenho para escrever alguns sentimentos e pensamentos frutificados dos encontros de aulas, reuniões com professores e demais vivências da prática educativa; estão carregados de fala de outras pessoas que reverberam em mim, de leituras de estudos, de tentativas de pensar com e a partir de algumas ideias. Pequenas produções que vão construindo um material base para reflexões e aprofundamentos – ou alargamentos – neste trabalho.

A instituição prisão, as práticas educativas, a escrita; o ser humano e suas vozes na viagem de um espaço-tempo sempre em construção e transfiguração. Entre os brilhos e apagões, forças e desistências, gritos e silêncios, tornamo-nos íntimos das variadas relações e possibilidades a que estamos inseridos e que nós mesmos criamos. Em tantos espaços, ainda sim, e sempre, nos inventamos. Mas de todo modo, uma pergunta persiste: o que é a prisão?

Pode-se ler, ver filmes, informar-se sobre, escutar histórias, conhecer alguém que já esteve preso, mas adentrá-la e vivenciar seu cotidiano um pouco mais de perto é ainda outra coisa. E, sob a ótica da experiência, cada prisão é única para aquele que a vive, seja como preso, agente penitenciário, familiar, diretor, professor, palestrante ou com qualquer identidade que se assume ao conhecê-la. Da experiência, produzimos palavras e, nelas, nos encontramos na e para a partilha dos sentidos.

Eu nunca havia adentrado uma unidade prisional até que em 2012 fui ao CRM divulgar e convidar as pessoas ali presentes a participar de um projeto de leitura que Felipe e eu almejávamos desenvolver. Devido ao regimento interno, fomos autorizados a entrar na unidade no período noturno, momento da educação escolar. Apesar da escola estar ali acontecendo, na unidade não há salas de aula fixas. Transforma-se, de segunda à sexta-feira, um lado do espaço de convivência em salas de 5^a/6^a e 7^a/8^a série do ensino fundamental e, do outro lado, salas do 1^o e 2^o/3^o ano do ensino médio. Por volta das 21:55h começa o seu desmonte para que as atividades do dia seguinte possam correr normalmente conforme as regras da casa.

As boas condição do lugar chamavam a atenção: canteiros de plantas bem cuidados, um belo jardim dentro da unidade, em torno do qual fica a sala dos professores e professoras, assim como a sala do diretor, da enfermaria, do almoxarifado, da assistência social e da ONG. Tudo estava limpo e bem iluminado, a cor amarela das paredes destoava dos acinzentados presídios da televisão; nada da insalubridade e precariedade tão comuns dos noticiários. Ao mesmo tempo, outras características me causavam vertigem: o portão azul imenso e inteiramente fechado que dá acesso aos interiores do CR; após esse portão, do lado de dentro, as grades-enormes-azuis, o barulho metálico ao abri-las e fechá-las, as chaves enormes que impedem ou permitem passagens, a mistura de cheiros de diversos lugares: cozinha, lavanderia, produtos de limpeza e dos perfumes do banho recém tomado pelos reeducandos.

Acompanhava Felipe e Aline, que na época era professora na unidade e desenvolviam juntos um projeto de teatro. Já conheciam o lugar e segui-os até a primeira

sala de aula onde faríamos a divulgação. Era o ano de 2012 e, nesta época, algumas salas eram montadas nas oficinas de trabalho; foi neste lugar de trabalho diurno e estudo noturno que adentrei. Foi impossível não reparar nas cabeças raspadas, nas camisetas brancas e nas calças amarelas ou beges (elas sinalizam o tipo de regime em que o indivíduo se encontra: fechado-bege ou semiaberto-amarela). Todos me pareciam muito iguais. Sentados, olhavam para mim e aguardavam a fala. Eu, um tanto desconcertado, estava incomodado com os olhares. Não sabia reconhecê-los, não entendia suas direções, os universos mal se tangenciavam e, quando se encontravam, era um choque. Enfim, eu não fazia a menor ideia do que era estar preso e, menos ainda, de como chegaram até ali. Disse meu nome e fiquei quieto. A divulgação ficou por conta de Felipe.

A cena marcou minha primeira entrada na prisão e aquela mistura de uma forçada igualdade com pessoas tão diferentes, me estranhou. O borrão branco e amarelo que eu via, dizia algo, acentuava tom e lugar das coisas, quem são os criminosos. Em um primeiro momento, essa igualdade toda funcionava para apagar singularidades, anular histórias de vida e colocar todos na mesma esteira de produção de sujeitos. Sente-se, rapidamente, a condenação que recebem no tribunal: o estigma da prisão. Se são considerados os desventurados, culpados pelos males sociais, seriam merecedores da punição e da reforma. Na condição de presos, “[...] seu lugar na pirâmide social é reduzido à categoria de ‘marginais’, ‘bandidos’, duplamente excluídos, massacrados, odiados”. (ONOFRE, 2007, p.1).

As percepções mesclavam-se com a representatividade imagética do indivíduo marginal e perigoso que circula pela sociedade na hegemonia da opinião pública. A força das linhas que se cruzam em um encontro, vai além de uma aparente segurança racionalizada do mundo. O estranhamento provocado pelos afetos atravessados neste primeiro momento, trouxe representatividades que me alocaram em um discurso pronto e rápido, o qual responde, preenche e coloca tudo em seu devido lugar quando se experimenta algo pela primeira vez. Afinal de contas, quem é o preso?

Na semana seguinte, em meados de setembro de 2012, após a divulgação do projeto, iniciava-se a primeira roda de leitura. Nesses encontros tive o primeiro contato com algumas pessoas que viviam ali no CR de Rio Claro. Entre as leituras de uma adaptação do livro de Dom Quixote, contavam também sobre suas vidas: as relações familiares, as amizades, os preconceitos com a periferia, a violência policial, o abandono escolar, o envolvimento com o uso e a venda de drogas, o trabalho e os sonhos. Conhecer e escutar essas histórias vai na contramão da condenação, pois após o martelo do juiz, o prisioneiro

passa a ser observado quase que somente pelo viés do crime, tendo suas outras identidades apagadas. Ali também estavam pais, filhos, irmãos, avós, estudantes, artistas, trabalhadores... Por isso suas histórias são tão importantes: para que o humano ali existente resista (CÂMARA, 2011).

Esta experiência despertou meu interesse pelo local e, no ano seguinte, em, 2013, junto do incentivo de Aline, estava ali como professor de Ciências da Natureza. Foi quando comecei a vivenciar mais de perto um determinado cotidiano prisional. Determinado pelo fato de ser uma prisão nos moldes de um Centro de Ressocialização, de eu entrar ali como professor nos momentos destinados à escola e por existir um horário para tudo: de ter que tomar o banho, de ter que montar a escola, de chegada dos alunos para a aula (18h15min todos devem estar em suas carteiras e com material em mãos), do intervalo, para tomar o remédio contra dor, de desmontar a escola, abrir as oficinas e guardas as cadeiras, varrer o chão, do apito, fechar o portão e ir pra cama. No controle do espaço-tempo, negociar a ida ao banheiro, a busca do óculos esquecido ou qualquer outra possibilidade de quebra da mesmice, é conseguir dar um passo fora do ritmo.

O corpo é o alvo do controle. Controla-se o tempo para controlar o corpo. Aí reside a técnica de produzir a “reforma” do sujeito aprisionado (FOUCAULT, 2002). Nesse universo o tempo vira moeda e negocia-se o tempo todo. Criar uma fissura em sua malha pode ser um modo de resistir, de escapar. Furar o tempo é provocar um contra-tempo, um parêntese em aberto; um outro lugar por entre os poderes da prisão. Estes e outros lugares talvez sejam os campos de resistência e formação das singularidades.

A cada dia se conhece um pouco da prisão, suas leis, suas palavras, suas histórias. Enfim, seus meios. Por mais enquadramentos que ela contenha, as coisas ainda acontecem mais pelos meios do que por um começo, mesmo sendo ele uma espécie de apito ou travessão. Tampouco há final que seja visto com clareza. Mas está tudo lá, pontuado, concordado, afirmado e protocolado e, por isso mesmo, nada pode sair muito do previsto e esperado. O controle é refinado e qualquer movimento fora dele precisa ser sutil.

Às 18:15h a escola deve estar montada: mesas, cadeiras, lousa, biombo para separar uma sala da outra, o lixo no canto, mesa do professor e giz. Cada aluno já matriculado, de banho tomado e com material em mãos⁹, deve estar sentado em seu lugar. Os professores e professoras, começando suas aulas. Mas acontece que a escola ali montada precisa aguardar que os professores e professoras passem por todas as grades. A

⁹ Cada reeducando do CR que frequenta a escola recebe material didático e uma pasta contendo caderno, lápis, borracha, canetas e régua.

eles também se destinam os procedimentos de segurança: chegada, entrada autorizada, abertura dos portões. Subida, autorização para abertura do segundo portão, entrada. Aguardar a chegada de todos professores na sala dos professores. Todos presentes, abertura do terceiro portão. Após o terceiro portão, na gaiola¹⁰, passar pelo detector de metal. Passada a gaiola, atravessar o corredor e, enfim, chegar no local onde estavam montadas as sala de aula.

A partir do corredor os guardas já não vêem mais tudo o que acontece e, nem todos reeducandos estão passando por ali. Então, nesses espaços acontecem conversas, acordos, desabafos ou a resolução de algum conflito. Era no corredor também onde o cheiro do bife acebolado sendo feito para o plantão do período da noite, se acentuava. Esse cheiro e outros acontecimentos, naquele corredor, naqueles momentos, só eram possíveis devido a todo um modo de conviver na prisão: suas regras, seus domínios, suas negociações e relações. Em meio a tudo isso vão se construindo os sentidos políticos do conviver na situação de privação da liberdade.

Esses acontecimentos de corredores, espaços intersticiais, levam a uma reflexão de Larrosa (2010) a respeito dos lugares não vigiados na formação do estudante:

[...] o que conta para a transmutação formativa não são as aulas, banais e tediosas, sempre simplificadoras [...]. O que conta são os espaços intersticiais: as escadas, o pátio, a cantina, os parques e praças adjacentes, a ante-sala da biblioteca, os corredores entre as Faculdades, os bastidores das livrarias. Na Universidade, os espaços instesticiais são o lugar do perigo, porque aí, fora do mundo seguro e insignificante das salas de aula, não valem as seguranças da verdade, da cultura, do saber, do sentido. (LARROSA, 2010, p.81)

A escola montada já sabe e aguarda. Mas mesmo quando se chega no horário, ainda há, quase sempre, que esperar alguns alunos terminar o banho devido aos curtos espaços de tempo entre chegar do trabalho da rua, jantar, tomar banho e ir pra escola. Mesmo que comece no horário, também há que se lidar com o alto e intenso fluxo populacional; as turmas estão sempre mudando, alguém que saiu em liberdade, outro que foi transferido e uns tantos que chegaram. A lista de presença, com nomes riscados e outros acrescentados, vai se atualizando para que nenhum dia da escola seja frequentado sem ser contabilizado para a contagem da remissão de pena por estudos. Às vezes, a

¹⁰ “Termo utilizado para se referir ao espaço compreendido entre dois portões (grades) que não podem estar abertos simultaneamente e servem para permitir a entrada e saída de pessoas da unidade mantendo a segurança.” (CAMPOS, 2015, p.85).

escola também tem que aguardar o acerto de detalhes, documentos e acordos na reunião dos professores, que acontece lá “na rua”¹¹, sede da escola. Há dias também em que sem o remédio pra dor de cabeça não dá pra acompanhar o raciocínio das aulas. É mais comum nas segundas-feiras escutar alguém dizer: “é que tem dias que a cabeça tá pesada” e pedir para ir tomar o analgésico; é a resposta do corpo voltando à pesada rotina depois do final de semana quando se encontrou com familiares e se atualizou a vida, ou em que a solidão bateu mais forte.

São exigências do momento, da ordem daquele espaço – instância outra, de um currículo não oficial. Como se entende a cabeça pesada de alguém que está privado de sua liberdade? Esses ritmos e necessidades vão tornando-se parte de um fazer educativo peculiar a esse lugar. A escola montada e regularizada da burocracia, em seu tatear e fazer cotidiano, vai mudando para dar conta da dinâmica fluida da vida. Co-habitam escolas: aquela que veio da rua (das séries, disciplinas e currículos) e se estabeleceu juntamente com uma outra, formada pelas intensidades das pessoas que nela transitam e a constroem enquanto um espaço social e humano (SOUZA, 2016). A escola montada se desmonta e remonta no próprio cotidiano prisional. Então, o que é ir se tornando professor e estudante em uma prisão? Quem se mantém inteiro nesse processo todo?

A norma estava posta e era clara: às 21h:55min deve-se empilhar as cadeiras e carteiras, limpar o local e deixar tudo pronto para o dia que vem: desmontar a escola. Até às 22:15h os professores e professoras já devem estar atravessando os portões de saída, biombos “guardando” as mesas e cadeiras, o chão limpo, material guardado e os reeducandos em seus alojamentos. Vai-se embora a escola; o que fica entre? Por isso, ao se aproximar do horário, eu pedia: “Pessoal, guardem as carteiras. Não vão sair e deixar elas por aí, se não sobra é pro pessoal da limpeza. Cada um faz sua parte!”. E claro, todas as carteiras foram empilhadas como pedido e todas as cadeiras ficaram pra trás, como não foi pedido. Um aluno chegou em mim e disse: “Professor, aqui é assim... você falou pra guardarem as carteiras, mas não falou pra guardar as cadeiras. Você não disse que precisava guardar as cadeiras também. Tem que falar tudo...”.

Adentrar a realidade de uma prisão é adentrar uma outra cultura e sociedade: há suas regras, seus sentidos, seus próprios modos de criar sentido, de fazer amizade, de se importar e de se desligar. Foi conversando com um aluno que percebi como ele me ensinava com paciência sobre essas coisas, pois não é fácil entendê-las quando se chega.

¹¹ A expressão “na rua” é aqui usada para indicar aquilo que está fora dos espaços intramuros da prisão.

Foi com ele também que aprendi a sempre lembrar e, por isso, pedir, que cada aluno guardasse sua carteira e sua cadeira. Ele era uma dos responsáveis pela faxina; se tudo não estivesse já empilhado, sobraria serviço pra ele, atrasando sua ida para o alojamento. Me chamou num canto, durante uma aula e, baixinho, me passou as coordenadas. Enquanto isso, eu aguardava a leitura de um texto sobre a história da temperatura. Há também os bibliotecários, que sempre ajudam muito organizando toda a dinâmica escolar no CR. Aconselham livros para os demais reeducandos, atualizam as listas de chamadas, escrevem textos e poesias, apoiam e divulgam um jornal-mural da escola.

De repente se vê que estamos aprendendo uns com os outros, com os mundos, através de encontros, através daquilo que não está, ou é, previsto acontecer. A educação tem desse de repente onde se movimentam percepções, conhecimentos, emoções e memórias. Nele a escola se abre não para a uniformidade dos processos, e sim para suas multiplicidades e diferenciações. No desmontar da escola, vão-se seus engessamentos e o que aparece são seus outros fluxos, sua produção incessante da diferença e da singularidade. Nesse novo que aparece, quais outras conexões vão se fazendo para além daquela pré-estabelecida pelos currículos e relações formais de ensino-aprendizagem? Ao se ver o que nasce entre essa escola que monta e desmonta no espaço prisional, há que se perguntar qual a potência da educação na prisão, o que mais ela pode fazer? Por isso, reforçar sua garantia enquanto um direito humano:

[...] a educação na prisão é mais do que um dispositivo de tratamento, é mais do que uma ação terapêutica. Constitui-se como um direito humano que, por sua potencialidade, tem um impacto favorável sobre a melhoria da qualidade de vida dos detentos não somente enquanto dura seu aprisionamento, mas também na sua volta à sociedade e ao exercício de maiores e melhores direitos. (SCARFÓ; BREGLIA; FREJTMAN, 2011, p.151)

Ao pensar esse fazer educacional das prisões, encontrei boas contribuições com Maeyer (2011). No que a escola se desmonta e, assim, se abre em potencialidades, criações, com contribuições para uma efetiva integração social do indivíduo – em contrapartida às técnicas penais a que foi submetido e que nada lhe ajudam – está a importância da educação enquanto um direito humano. Direito que permite o viver de uma educação também intensiva que, para além da concepção de um conjunto de técnicas e de competências que se deve consumir em um momento específico da vida, é um

processo que se dá ao longo de toda a vida, independentemente de que vida seja esta e do lugar onde ela aconteça.

Precisemos de pronto que a educação ao longo da vida é um direito de todos, qualquer que seja esta vida; que esta educação seja permanente e não um recomeço; que esteja explicitamente inscrita nos programas educacionais e sociais nacionais e internacionais. (MAEYER, 2011, p.44)

Maeyer (2011, p.45) esclarece que a educação ao longo da vida, como direito de todo ser humano, deve buscar um trabalho sobre o “estar aqui no mundo” e, nessa busca, uma compreensão do mundo, do outro e de si mesmo. Trabalho este que se faz com o outro, e não sobre o outro; no diálogo, quando nos alimentamos de uma multidão. Por isso, em seu fazer, o educador não é aquele que ocupa a posição do saber em oposição à ignorância, e sim de quem acompanha e aprende junto nessa jornada. Por isso, argumentos como os apresentados abaixo em nada contribuem para o trabalho educativo a ser realizado:

[...] a educação é uma ocupação para os detentos mais nervosos, ela é o reinício de uma educação malograda, ela vai reeducar, reorganizar a vida do detento e sua saída da prisão, humanizar as condições de detenção ou mesmo um meio de tornar a detenção mais suportável não são nada além de péssimos objetivos que terminam por instrumentalizar a educação para finalidades que lhe são fundamentalmente estranhas. (MAEYER, 2011, p.47)

O autor (2011, p.48) sustenta que os processos educativos se potencializam na medida em que se instalam como ferramentas que permitam um olhar do indivíduo para sua própria história e para a do meio onde se desenvolve uma vida, assim como para um modo narrativo de toda essa conjuntura. A narração vista não como uma explicação de toda a trajetória, mas como um modo de dar sentido ao vivido. Seria, então, não o processo penal, mas as histórias dos sujeitos um dos interesses e enfoques da educação prisional. Ele (2011, p.54) vai ainda mais longe e afirma que a educação nas prisões só se fará quando administradores, guardas e equipe de apoio também estiverem empenhadas em transformar o espaço prisional em um espaço educativo.

Ao me aproximar de suas histórias, o discurso moral sobre o bem e o mal foi se desmontando e, a vida, em sua complexidade e diversidade de direções e escolhas, apresentava-se à minha frente. Foi ali, na convivência escolar, que percebi as

consequências do discurso normalizador que elege os padrões desejáveis, a força marginalizadora de discursos a favor da segurança com o aumento do policiamento. No encontro com o outro em diferenças nas concepções de mundo e de vida, despem-se as segregantes roupagens mentais e de linguagem: das distâncias entre a camisa branca de um preso e do jaleco branco de um professor (GUATARRI, 1990). Nesse conviver se conhecem histórias e marcas, singularidades e potências que cada ser humano, independente de onde se encontra, pode carregar.

Potências sempre atravessadas por momentos de incertezas e dificuldades. Um bibliotecário certa vez, ao contar sobre sua vida na prisão disse o seguinte: “a gente aprende a viver na cadeia. Não sei é se vou me acostumar a viver lá fora...”. Era comum ao final das aulas me desejarem um bom retorno para casa e uma boa noite de sono. A despedida deixava no ar um desejo deles em também poder sair dali e chegar em suas casas, mas era inevitável o retorno para seus alojamentos, atravessar o corredor sabendo que no outro dia toda a rotina se repetirá. Comigo ia ficando algumas camadas do que vem a ser a sensação do isolamento, do distanciamento forçado. Que fazer é esse que isola para depois ressocializar?

Tejerina (2016, p.28) afirma que o isolamento social é o maior dano causado pela privação da liberdade, pois forçadamente cortam-se as relações com familiares e amigos. Dano esse que aumenta a cada vez que o preso é transferido de unidade, pois distancia-o ainda mais de suas relações e coloca-o sempre a conviver com pessoas desconhecidas. Ao provocar o isolamento e poder aumentar suas tensões, a insituição penal retira do indivíduo sua autonomia. Ferida sua autonomia, o preso está mais sujeito às técnicas disciplinadoras, as quais relacionam-se fortemente com a produção e o controle do tempo.

[...] la importancia de la construcción del tiempo en este ámbito cobra una dimensión propia, debido a que la totalidad de la vida de los presos está rígidamente pautada. Todos estos condicionamientos producen la pérdida gradual de autonomía, con el sistema penal, con la familia, con los otros internos. Y, sin embargo, de modo paradójico, esa falta de autonomía refuerza el aislamiento. (TEJERINA, 2016, p.34)

Durante séculos as ordens religiosas foram mestras de disciplinas: eram os especialistas do tempo, grandes técnicas do ritmo e das atividades regulares. Mas esses processos de regularização temporal que elas herdaram, as disciplinas os modificam. Procura-se garantir a qualidade do tempo empregado: controle ininterrupto, pressão dos fiscais, anulação de tudo o que possa perturbar e distrair, trata-se de construir um tempo

integralmente útil. Define-se uma espécie de esquema anátomo-cronológico do comportamento. O tempo penetra o corpo e com ele os minuciosos modos de controle do poder (FOUCAULT, 2002, p.176-178). Foucault (2002) escreve que quando as prisões modernas se erguem, no fim do século XVIII, uma série de pressupostos sobre punição e controle do indivíduo passam a entrar em jogo, refletindo práticas de um novo poder em exercício: o da burguesia. Isso muda o modelo, funcionamento e mecanismos punitivos dessas instituições. Elas passam não mais a torturar o corpo, mas a se valer de técnicas para disciplinar e dominar o corpo do apenado, inculcando-lhe valores morais e transformando-o, supostamente, em um sujeito apto a viver novamente em sociedade. Viver este vinculado a uma ideia de corpo produtivo. Por isso, a rotina no CR é tão carregada, repetitiva e fixa: tempo útil, exploração da força de trabalho, isolamento e solidão para produzir sobre o indivíduo a verdade e a punição, pelo corpo, de sua “alma”.

Sobre a força do tempo também aprendi com um aluno num daqueles momentos em que a escola se desmontava: “- Aqui é como se você tivesse uns obstáculos e precisasse desviar deles a todo momento. É um estado de alerta constante. Estressa demais, você *chapa*¹², fica louco, com raiva. E não tem com quem falar, eu converso com minha mãe no fim de semana e só.

- E qual é o maior obstáculo aqui?

- É, na física, sabe a força peso? É a força peso do tempo. Isso é o mais difícil pra mim... a força peso do tempo.”

Em 2015, uma vez por mês fazíamos o *Cinedebate* na escola, onde assistíamos algum filme e, em seguida, realizávamos uma discussão juntamente com todos os alunos. Em um deles, enquanto assistíamos ao filme *Amistad*¹³, dois desistiram de ver. Não foram para o alojamento, pois se o fizessem ficariam com falta. Foram pro banco próximo à grade que dá acesso ao pátio interno, que só se abre para as visitas dos finais de semana. Outros dois seguiram o movimento. De longe, do outro lado da área de convivência – onde fazíamos o cinema – eu os observava. Corpos e olhares pesados, envoltos por um tempo imóvel. Um deles permanecia com as costas apoiadas na parede e as pernas estiradas no chão; outro, com um pé apoiado na grade, mirava o céu noturno. O terceiro, no chão, apoiava os cotovelos nas coxas e segurava com as mãos a cabeça tombada. O último me aparecia pela metade e com o corpo todo esticado no chão. Ali, juntos,

¹² A expressão *chapa* é uma gíria utilizada para dizer da dificuldade de lidar com os próprios pensamentos e sentimentos dentro da prisão devido à sua vigilância constante.

¹³ SPIELBERG, S. **Amistad**. E.U.A, 155 min, 1997.

entregues, esperando, esperando, esperando... parados, estáticos. E o pensamento... Sabe-se lá por onde anda. “É que no *mundão*, o tempo não para”.

Muitas vezes o tempo faz pesar sobre a gente um impiedoso constrangimento, seja porque achamos longo demais um tempo curto, porque nos aborrecemos... ou, ao contrário, um período relativamente longo nos parece curto demais quando nos sentimos pressionados. Ora desejaríamos que o tempo corresse mais depressa, ora que se arrastasse ou se imobilizasse. (DOSTOIEVSKI, 1953, p.x)

Como professor dentro de uma unidade prisional e vivendo os conflitos entre o fazer escolar e prisional, em diversos momentos me deparava com o seguinte incômodo: até quando a escola se preocupará em apenas repetir a tradição pedagógica explicadora (RANCIÉRE, 2015) e bancária (FREIRE, 2005), reproduzindo mecanismos punitivos da prisão e de controle do indivíduo? Não poderia agir a partir de outra perspectiva, uma vez que a própria prisão já exerce seu poder punitivo sobre os sujeitos ali presentes? Ficariam eles na condição de presos nas duas instituições? Sejam professores ou estudantes privados da liberdade, ambos habitam tensões escolares-prisionais: limites de um corpo pré-estabelecido, montado, que coloca as séries, os currículos e os lugares, convivendo com a potência educativa que surge dessa escola que se desmonta (SOUZA, 2016).

Conhecer o espaço prisional, as histórias de vida que ali circulam e o permitir-se desconstruir discursos e estereótipos, tão prontos e arraigados em nossas concepções de mundo, fez estabelecer para mim, com eles, outras formas de entender o espaço. O que aprendia no dia-a-dia da educação na prisão, juntamente com estudos que levava adiante, me colocava em diferentes disposições com o lugar e seus modos de vida. Fui aprendendo na convivência, esse lugar da prática educativa, pois é no com-viver que se dialoga, se troca, onde um estende ao outro o que pode e o que quer oferecer. Tecem-se sentidos e relações de alteridade. Relações de alteridade que, na prisão, implica em colocar-se no lugar do preso – com todos os riscos que se corre ao assumir esta posição. É aí que se montam e desmontam imagens e estereótipos do preso como o sujeito mal e ruim, portador dos genes da delinquência. É nesse desmontar que se remontam outras relações e possibilidades: o da integração social, de questionamento do papel das instituições, de assumir a potência transformadora da educação. Para onde vai, então, o fazer educativo? Reformar e instruir o indivíduo? Quais outras formas escolares se assumem ou, até mesmo, já estão postas? Os lugares antes tão fixos do professor e do aluno tornam-se mais

fluídos e a troca acontece em maior intensidade, multiplicando as relações com o mundo, as narrações e criações.

Para além de todas as funções e finalidades que se dá a educação, há que ressaltar, como propõe Souza (2016, p.346), que na escola também habitam universos múltiplos da ordem das sensações e das potências. A autora nos lembra de olhar para antes das finalidade, metas e objetivos a serem cumpridos, ou seja, para o que está acontecendo ali, nos meios, para poder descobrir o que *pode* esta escola. Para que esses fluxos fluam, é necessário se despir das finalidades da produção. Por isso, ao ver essa escola que desmonta – e se mantém ali – ficam as perguntas: como nos posicionamos e habitamos cotidianamente as escolas? Permitindo fluxos inventivos ou estancando seus movimentos? Como pensar em uma outra educação quando a vida do preso é controlada o tempo todo?

Esse desmontar a escola e tornar possível ver o que se passa por entre seus meios, trata-se de pensar além das hierarquias pré-fixadas e funções desempenhadas dentro da escola. É também “[...] a possibilidade de experimentar a escola que se dá e ao mesmo tempo pode ser inventada” (SOUZA, 2016, p.348). Não proponho aqui uma outra escola, outro currículo e outras disciplinas, tampouco um plano de ação para a educação nas prisões. Mas chamar a atenção para uma outra escola que já acontece desmontando esta que está sempre montada. Por exemplo, nos diversos eventos e momentos, como a festa junina, a semana cultural, o cinedebate, as palestras e as semanas para decorações das datas festivas, os sujeitos da escola se misturam. Quanto não se renova, nessas misturas, das forças do viver?

Há que se pensar na possibilidade da escola estar, em realidade, sempre desmontada e o esforço se dá em tentar mantê-la sempre montada. Neste movimento contínuo, o sistema aparece mais como algo que está sempre se fazendo e se desfazendo do que como algo estático e fechado. Olhar por dentro é um perceber das fraturas, dos montes e desmontes do sistema e, também, da produção da diferença, da invenção de si de sujeitos que resistem ao poder uniformizante da disciplina punitiva. Daria pra se pensar, desde aí, em potencializar forças ativas de produções de si por entre essas estruturas. Pois é de dentro dessa realidade que outras possibilidades já estão sendo construídas, inventadas e vividas. Dos montes e desmontes, como um exercício de atenção de si para o que passa nos contextos em que se vive, o que aqui proponho é que a escrita feita por entre as grades do CR talvez seja um desses lugares fora do ritmo, de resistência, de invenção de si frente ao poder penal e de justiça.

1.4 Escrita em linhas fugitivas

Como professor no CRM fui aprendendo sobre a vida nas prisões, o que me falavam sobre a solidão e o peso do tempo, sobre o conviver com a distância e saudade das pessoas queridas e, também, sobre a necessidade da escrita nesses espaços. Ensinaaram-me as regras da casa e quais palavras usar para que me entendessem bem. Estar dentro da prisão é também compartilhar e circular pelos sentidos que ali estão e são, continuamente, dialeticamente, singularmente construídos e, muitas vezes, desconstruídos.

Além de professor no CRM, fui também professor de ciências no Centro de Ressocialização Feminino (CRF) de Rio Claro, durante o ano de 2013. Foi em minha trajetória pelas duas unidades prisionais – o CRM e o CRF – que percebi a escrita como uma prática comum desses espaços, principalmente em seu viés comunicativo. Para quem está privado da liberdade, escrever cartas é praticamente o único meio de se comunicar com a família, com o advogado ou juiz, com algum outro amigo também preso. Essa escrita conta da vivência de diversas dimensões da vida: o amor e a saudade da família, a amizade, o perdão da sociedade, a solidão do encarceramento, o viver isolado e esquecido, as leituras religiosas, o andamento do processo e tantos outros. Por vezes, são situações tão recorrentes entre os presos que um modo “prisional” de se escrever as cartas vai sendo produzido entre eles.

Prática carregada de sentidos e de conexão com o mundo, mantenedora de elos, que torna comum ver as folhas dos cadernos que recebem para a escola sendo destinadas às cartas. Mesmo durante as aulas sempre há alguém a redigí-las. Também não poderia deixar de causar euforia o momento em que as cartas ficavam disponíveis para retirada durante minhas aulas de Ciências no CRF; deixá-las pegar suas correspondências havia que fazer parte da aula.

Fui percebendo essa relação com a escrita quando em uma das primeiras aulas de ciências no CRF algo me chamou a atenção para ela. No ambiente escolar é bastante comum a pergunta “é para copiar?”, pois ainda hoje a cópia pela cópia é um recurso utilizado nas escolas. Mas quando, sem perguntas, a escrita é disparada, alguma coisa está acontecendo. Foi assim que no CRF, enquanto passava na lousa o poema *As Máscaras*, de Menotti Del Picchia, para que pudéssemos conversar algo sobre o carnaval, as alunas abriram seus cadernos e, sem eu falar nada, começaram a copiar e conversar sobre quem iria receber aquele poema; o irmão ou irmã, um namorado ou namorada, o marido ou

esposa, a família, a amiga ou mesmo ter no caderno para si mesma. A cópia continua, mas ela tem um motivo diferente: escrevia-se para alguém. Alguém que pode ser, talvez seja, ela mesma.

No intervalo de uma aula para outra no CRM, eu costumava ficar na biblioteca. Ali as conversas rendiam, conhecia algumas histórias e outras pessoas que não costumavam frequentar a escola, mas que possuíam algum hábito de leitura. Certa vez um reeducando me disse que na prisão ele aprendera sobre a liberdade da mente, por isso guardava todas as cartas que já escrevera e trocara em sua passagem pelo cárcere, pois ali, naquelas linhas, era livre. Outro educando dizia que na prisão descobriu o prazer em escrever e guardava em uma caixa os diversos textos que compunha para ele mesmo ou para os outros.

A relação que eles e elas tinham com o escrever chegava até mim pela fala deles, pelos escritos que me mostravam e pelas cenas que eu presenciava na escola. Nunca foi uma busca intencional de minha parte enquanto professor, mas a cada vez que algo dessa cultura da escrita me aparecia, eu me mostrava interessado. Assim, não sei ao certo quantas pessoas mantêm uma prática da escrita para além das cartas e, para isso, seria necessário um levantamento mais detalhado, o qual não fez parte dessa pesquisa. Entretanto, ao que parece, todos escrevem cartas, uns mais e outros menos. Há também quem não escreve, mas pede para que outros escrevam por eles. Assim, este é um fazer que faz circular vozes e sentidos da prisão.

A prática da escrita nas instituições prisionais está longe de ter apenas uma função específica ou determinada, portanto, de ser captada em toda sua atuação nesses espaços. Necessário é atentar-se para sua característica polissêmica e multifacetada, mutante, com caráter criador de relações por entre as grades do sistema carcerário. Importa, assim, menos classificar sua função do que perceber seus processos na dinâmica do fazer-se humano nesses espaços.

O preso só passa a existir no conjunto de forças que o produz. Ele existe entre a construção de seu isolamento e o cumprimento de sua pena e, para sustentar sua existência, diversos personagens entram em ação: a mídia, a polícia, a psicologia, os próprios presos e tantos outros (PONCIANO, 2011). Para o autor, a escrita torna-se performática nesse contexto, uma vez que considera o preso um sujeito em crise constante por ter sua vida o tempo todo em negociação e, assim, buscar através dessa prática a conexão com o outro. No exercício dessa busca coloca em movimento as experiências pela instituição e cria toda uma rede de conexões para que as escritas cheguem a seu

destinatário. A carta, construtora dessa teia de relações, carrega em si um modo de ser na caligrafia, nos desenhos, nas dobras das folhas e nos argumentos, faz circular o conteúdo da prisão. Alcança uma função poética com a linguagem onde o sujeito se inventa e atualiza seus laços de vida. Pelas cartas é possível, portanto, ter acesso a uma cultura prisional, aos modos como o preso se relaciona com valores de fora e de dentro da instituição; traços de uma vida em privação da liberdade.

Rosa (2008b), ao se aprofundar sobre a escrita de cartas de uma pessoa privada da liberdade e encerrada em sua solidão na época da ditadura militar no Brasil, aponta uma escrita de si que resgata na memória o melhor do vivido e encontra as forças para resistir no agora. A autora observa que essas memórias são uma recomposição do passado com as experiências do presente, semeando as possibilidades do futuro. Escrita que permite inventar e fixar as forças de uma existência.

A partir de outra perspectiva da escrita feita nas prisões, Câmara (2011), ao desenvolver um projeto cultural em uma penitenciária da Bahia, na qual trabalhou com educandos da unidade a escrita de suas histórias de vida, aponta esta prática como um movimento de resistência aos processos de sujeição que a violência do poder estabelece. Essa prática era o lugar onde podiam falar de sua humanidade, contrastando com os discursos que os colocam como monstros da sociedade, abrindo espaço para produzir novos pensamentos, valores e relações com o outro e consigo mesmos.

Na prisão a identidade do preso está em jogo a todo momento e para Oliveira (2009), a privação da liberdade exercerá coercitivamente uma redefinição de toda uma identidade social. Esta redefinição acontecerá nas práticas da instituição e em relações de convivência que se constroem entre a própria população prisional. É, portanto, uma nova construção de si a partir de recursos de sua trajetória misturados com as práticas culturais e sociais daquele espaço; tudo atravessado pela linguagem. É justamente nesse processo que a autora propõe para a escritura um importante papel. Ela relaciona à prática da escrita diversas funções sociais: ocupação do tempo ocioso, o desejo de desabafar, a saudade e necessidade de comunicação, a constituição e manutenção de uma identidade ao manter contato e laços afetivos com o mundo externo, a confecção de cartas como um trabalho, um modo de mostrar que ainda se tem o que dizer e expressar, se sentir pertencente à sociedade e, por fim, o sentimento de liberdade naquele que escreve.

Mesmo com essa enumeração de funções, não se esgotam tão prontamente as possibilidades do escrever. Caime (2013) narra a experiência de trabalhar com a escrita em um manicômio de Buenos Aires, Argentina. Para a autora, escrever foi um modo de

enfrentar o silenciamento do terror que viviam os encarcerados, abrir uma espécie de leito de rio para que falassem de sua condição e questionassem seu espaço na sociedade. Não só para fazer falar, mas também para se inserir fora dos muros que lhes encerravam. A escrita que dali saía enfrentava os valores da sociedade acerca dos incapacitados e insanos, questionava o suposto bem-estar social que os espaços privativos da liberdade pretendiam construir. Para os internos, escrever foi também um desafio, pois tinham que olhar e dar palavras para uma vida miserável e quase impossível de ser contada. Para a autora, todo o movimento gerado pelas escritas foi um modo de romper com a lógica totalizadora das prisões.

Escrita que atravessa a vida. Vida atravessada pelas grades da prisão. Vida e escrita que, ao entrelaçar as linhas da existência, faz refletir a filigrana da liberdade. As prisões, mesmo em suas controvérsias, estão cheias de acontecimentos brilhantes. Isso não me faz defender sua existência. Espaços prisionais continuam sendo lugares onde a dignidade humana está esquecida, onde agravam-se as desvantagens e vulnerabilidades sociais das pessoas que lá estão e crivam aos detentos a identidade de criminoso, ofuscando as múltiplas identidades de cada ser humano sem oferecer oportunidades para o desenvolver de suas potencialidades. “Frequentemente voltados para a criminalidade dos(as) reclusos(as), os sistemas penitenciários costumam, portanto, ser resistentes em reconhecer a humanidade, as potencialidades e os direitos humanos dessas pessoas.” (MUÑOZ, 2011, p.61).

Enquanto uma instituição total¹⁴, a prisão pretende controlar a vida de quem ali vive. Diante dessa tentativa de controle, os prisioneiros resistem ao criarem meios de produzirem sua existência em condições tão adversas. Inventam meios de reaproveitar e dividir os alimentos, trocar mercadorias e se comunicar. Essas invenções sugerem uma aproximação com o que Foucault chamou de processos de subjetivação, os quais permitem olhar para os modos como os sujeitos se relacionam com os poderes e os saberes em determinado contexto de vida.

Foucault aponta a subjetivação como um eixo integrante da relação entre o poder, como vetores de força, e o saber, como dimensão da verdade e do conhecimento. As práticas de subjetivação e o cuidado de si derivam de códigos morais e de condutas normativas, conferindo a eles uma dimensão moduladora e individualizante. [...] A maneira como

¹⁴ “Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada.” (GOFFMAN, 1974, p.11).

um sujeito obedece ou resiste a regras, como respeita ou negligencia os valores e seus modos de sujeição às normas constituem margens de variação única. No universo prisional, as práticas de si variam a partir das nuances das leis e normas.” (FOUCAULT *apud* BOECHAT & KASTRUP, 2009, p.26)

Com Foucault (1992, p.133) pode-se pensar a escrita como um modo de produzir a si por si mesmo, um “exercício do pensamento sobre si mesmo que reativa o que ele sabe, se faz presente em princípio, uma regra ou um exemplo, reflete sobre eles, os assimila, e se prepara para enfrentar o real”. Um fazer consigo mesmo, de voltar a si e atualizar pensamentos e ação no mundo: função *etopoiética* do escrever, que objetiva transformar o modo de ser dos indivíduos (BRAGA, 2014). A escrita se apresenta como movimentos que permitem um olhar a si em (trans)formação, assim como explica Braga (2014, p.51):

A escrita [...] também é um exercício formativo em pleno desenvolver-se. Envolve a possibilidade estilística de um si mesmo na medida em que pretende interpretações de uma ação própria. Gera movimentos de distanciamentos e aproximação com aquilo que se é ou está em vias de se tornar.

A escrita enquanto esse gesto transformativo de si não quer dizer que ela esteja relacionada a um problema pessoal, mas sim de que ela relaciona-se com a vida (DELEUZE, 1988/89). Para Deleuze (1988/89), escreve-se porque algo da vida passa em nós e, no escrever, tornamo-nos alguma coisa que não escritor. Escrever é devir (DELEUZE, 1988/89; 2011).

Se é pela escrita que nos tornamos outros do que somos, pode-se dizer que é nela que tomamos uma distância de nós mesmos. Distanciar-se de si está mais próximo de um perder de si mesmo do que um encontro consigo mesmo. Portanto, o escrever trata-se de uma prática de estranhar-se, tornar-se estrangeiro de si e colocar na identidade pontos de tensão (VIGNALE, 2016).

A mesma autora (2016) afirma que nesse processo de escrita como estranhamento de si, não se escreve de onde queremos ou sobre o que escolhemos, menos ainda como uma prática do livre pensar e da boa vontade. Escrevemos onde algo doi, onde algo grita ou goza. Para ela, todo pensamento e escrita tem a ver com questões de intensidades e ressonâncias. Escreve-se para gerar um abismo consigo mesmo; espaço para criar-se. Escrever, portanto, para tornar-se outros.

Nesse sentido, a prática da escrita é um despregamento de si e não uma reafirmação do que se é. Esse movimento é o que permite desatar os discursos de verdade sobre si mesmo e começar a desenhar outras formas de si. “Escribir para escucharnos a nosotros mismos y narrarnos” (VIGNALE, 2016, p.74). Nessa relação com a palavra, com os sentidos de um mim-outro, torna-se criador de verdades para si mesmo. Um modo de produzir-se em resistência aos poderes de assujeitamento.

Perder el rostro que es una de las formas de la subjetivación. Por medio de la escritura arriesgamos nuestra deformación como sujetos, en cuanto toda formación de sí mismo se hace en desobediencia a los principios según los cuales se há constituido nuestra identidad. Y esa desobediencia, esa pérdida del rostro, constituye el peligro de toda experiencia: deshacerse de la identidad personal, pero no sin dejar de mantener el juego de las fuerzas que nos constituyen. (VIGNALE, 2016, p.72)

Pensando com Deleuze (2013), o escrever como um modo de produzir-se a si frente às forças de assujeitamento é, portanto, modo de relação das forças consigo, trata-se da dobra da força, que segundo o autor (2013, p.120):

Segundo a maneira de dobrar a linha de força, trata-se da constituição de modos de existência, ou da invenção de possibilidades de vida [...]. Trata-se de inventar modos de existência, segundo regras facultativas, capazes de resistir ao poder bem como se furtar ao saber, mesmo se o saber tenta penetrá-los e o poder tenta apropriar-se deles. Mas os modos de existência ou possibilidades de vida não cessam de se recriar, e surgem novos.

Escrita enquanto devir, criação e resistência; experimentações de singularidades em movimento. Resistem e escapam aos territórios do poder e do saber ao mesmo tempo que inventam outros lugares de existência. Escrita que permite a criação de um espaço-tempo outro por entre as regras e normas da prisão. Pelo inventar dos modos de existência dentro das prisões, é possível encontrar as pegadas de uma caminhada que atravessa o poder disciplinar. E que, às vezes, dele escapa. Do que dele escapa, as sobras, talvez configurem-se processos de formação, outros, a serem aqui investigados e observados.

CAPÍTULO 2 - A PRISÃO ALASTRADA E SEUS RESPIROS

A princípio eu mal me perguntava sobre o que era de fato a prisão. Pelas conversas, no inesperado dos encontros, nas experiências que se me apresentavam, as vivências como professor de Ciências (para o ensino fundamental), biologia, química e física (para o ensino médio) no CRM e CRF foram me provocando. Na singularidade da vida gerida naquele espaço e com as diversas trajetórias de vida, fui aprendendo sobre como o ser humano não se desvincula e não se faz fora do social. A vida ali dentro aparecia desafiadora e a questão do escrever surgiu, primeiramente, como um empecilho a ser resolvido durante minhas aulas de Ciências no CRF. Como impedir que tivessem acesso ao único meio de comunicação com a família e amigos? Tempos depois essa experiência se mostrou como uma situação potente a ser explorada dentro desse espaço e, disso, surgiu a ideia para um projeto de pesquisa com a prática da escrita dentro do espaço prisional.

Em uma trajetória de pesquisa perguntas aparecem por todos os lados, e eis que me surgiu a simples e inquietante: “Por que a prisão?”. Essa pergunta exigiu alguns desdobramentos comigo mesmo, um rastreamento pelas relações que construo com os outros – sendo esse outro os animais, minha casa, meus amigos, minha família, meus trabalhos e projetos... Exigiu novas leituras e experimentações na sala de aula, na educação; no cotidiano em si. Enfim, por onde e como vamos construindo nossas próprias prisões? Que lugares e relações me aprisionam?

São situações diferentes quando se é julgado pelo sistema de justiça ou não e outras conjecturas se montam quando não se passa pelo sistema carcerário, mas me intrigava quando alguns presos diziam que se sentiam livres em qualquer lugar ou presos mesmo fora da prisão. Diziam que liberdade vinha de dentro. Tive que me perceber em meio aos jogos de palavras, aos jogos de poderes, pois como eu iria pesquisar algo sem olhar para mim?

Onde me encontro com a prisão e onde ela se encontra em mim? Ao olhar para as memórias, reler relatos em cadernos e papéis soltos, em minhas experiências enquanto professor nas escolas e nas duas unidades prisionais, encontrei aspectos da prisão espalhados por todos os lados; encontrei uma malha de poder que aprisiona fora da instituição prisão. Neste momento, penso que eu e minha pesquisa começamos a mudar; não mais a prisão instituição em si, mas as prisões; tudo aquilo que aprisiona a vida e o viver a vida em sua intensidade. Os textos para estudo ganhavam outros caminhos, as

discussões tornavam-se mais necessárias e imprescindíveis. A prisão, a escrita e a educação ganhavam outras dimensões.

Ao mesmo tempo que a prisão se espalha, campos de resistência são criados. Mas como? Como são cavados buracos em meio a um mundo que tenta captar nossas forças e nos derrubar a todo momento? Como levantar para ter forças em um mundo que me derruba? Na prisão talvez existam algumas pistas de uma vida que é forte, que ultrapassa e escapa, ou melhor, que faz um mundo de realidade morta fugir de nós mesmos. Se eles afastam, de alguma forma, o poder que rebaixa a vida e reconquistam a potência do viver, o como se dá esse processo todo é que começou a ficar mais claro no que eu buscava em minha atividade como pesquisa. E em tudo isso basta estar vivo, pois a “prisão” pode se estabelecer em um momento e em qualquer lugar. Esses limites não são tão claros e discerníveis.

A prisão aparece, assim, como o exercício de um poder que retira a potência de uma vida, que põe em movimento forças de lutar pela vida ou então que instala condições indignas para determinadas pessoas de acordo com interesses de manutenção de um aspecto do real. Ao se pensar em Brasil, quantas pessoas não estão à margem devido a uma política que ainda não atingiu seu aspecto democrático e de garantia dos direitos de uma vida em sociedade? Para isso há que se lutar. Essa luta pode se dar de diferentes maneiras e quando se compõe palavras em meio a esse sistema, acredito que essa luta acontece.

Cena I: cotidiano urbano, primavera de 2016

Esta escrita começa antes; se é que seja possível ou útil ou necessário precisar o começo de uma escrita. Ela talvez seja a tentativa de colocar em palavras uma afetação ocorrida em meu cotidiano. Uma imagem-instante tão ligeira que só posso dizer de sua duração em mim devido à carga de símbolos que carrega e ao fato de eu estar em um momento de estudos sobre prisões, escrita e educação.

Eu voltava da aula de natação e o pneu de minha bicicleta estava furado, o que me fez voltar caminhando para casa. Havia algumas semanas que estava ausente das aulas e, por isso, estava mais cansado que o usual. Minha passada era lenta e calma e, talvez, por não ter o costume de andar à noite por aquelas ruas, Rio Claro se fazia nova diante de mim. Caminhava como um estrangeiro na cidade em que vivo há nove anos. Pelo caminho, muitas coisas pediam o olhar: as pessoas solitárias na estação de ônibus, os anúncios grudados nas paredes (festas, cultos, igrejas, concursos, cursos, excursões...),

um frentista esvaziava um tanque, uma folha seca de coqueiro caída no passeio fazia as pessoas erguer a perna, as luzes dos celulares iluminavam rostos escuros, os semáforos regiam o trânsito. Era o cotidiano-urbano-ocidental-civilizado-contemporâneo-brasileiro do interior.

Em uma calçada bastante longa e estreita, uma pequena porta gradeada, quase imperceptível entre as duas casas grandes que a comprimiam, protegia ou guardava uma senhora com cerca de seus 75 anos. Ela sorriu pra mim, eu sorri pra ela; foi tudo de relance, um quase: quase não nos vimos, quase não percebi, quase ninguém reparava nela, acredito eu. Ela estava com roupa branca; podia ser seu pijama, devido ao avançado da hora; parecia estar de batom, pois sua boca era vistosamente vermelha; usava óculos e seus olhos me pareceram ser claros, possivelmente azuis; o cabelo bem curto e todo branco. Essa foi a imagem que construí (uma fabulação talvez?).

Dali de dentro, detrás das grades, ela mirava a rua, o movimento, as pessoas. De quando em vez, as cumprimentava. E sorria. Sorria como sorriu para mim, segurando com as duas mãos as grades de seu portão, o qual parecia abrir para o perigoso e solitário mundo para além de seus vasos de xaxim.

Passei. A cena também passou. Em meu peito uma alegria se despertara. Não sei bem o motivo. Era uma senhora bonita, havia nela uma alegria. Apreciei por alguns passos essa boa sensação. Voltei meus olhos ao céu e olhando as estrelas, ofuscadas pelas luzes da cidade, senti que tudo isso eram pequenices imensas de um universo ainda infinito. Em seguida voltei a pensar na imagem da senhora e outros sentimentos brotaram em mim. Uma melancolia ao pensar o motivo que levava aquela senhora a estar só atrás das grades ao invés de estar sendada na calçada. Neste momento ri de mim e da situação ou de uma mistura de coisas.

Ali, fora da instituição prisional, nas ruas da cidade, me vi diante de uma cena tão comum das cadeias: lugar obscuro, mãos segurando as grades, a solidão noturna. Prisão, até onde você vai? Até onde o poder controlador se estende, capilariza, olha, regula e separa?

Me senti presa fácil de uma nostalgia ingênua que explicaria a cena: anos atrás, quando a violência era menor, ela poderia estar na calçada sem o medo de ser assaltada, pois hoje o mundo está corrompido e violento. Sim, enfrentamos tempo difíceis e temerosos, mas dizer isso reduz a uma reflexão rasa questões políticas tão fortes de nossos tempos.

A senhora que sorri é uma prisioneira de quem? De nossos medos contemporâneos ou dos medos de um outro alguém? Fora ela capturada pelos discursos da mídia e da violência? Prisões... como escapar, como resistir?

----- Interstício -----

Investigar o cárcere em sua constituição histórica, é tornar possível percebê-lo ou segui-lo para além dos limites ditados por - e entre - seus muros. Esbarra-se, porém, em outros: nos históricos problemas brasileiros da desigualdade econômica, racismo e machismo; nos extensos problemas políticos e econômicos da globalização; nos desafios de uma jovem e complexa democracia brasileira; na herança autoritária da ditadura; na dificuldade em se garantir direitos à população; na violência autorizada e normalizada do Estado com as populações marginalizadas (BAUMAN, 1999; IRELAND, 2011; MISKOLCI, 2014; MUÑOZ, 2011; WACQUANT, 2011).

São variadas as problemáticas da prisão e ater-se a pensar esta instituição somente como um lugar para onde vão os degenerados da sociedade a serem recuperados para, em seguida, serem reintegrados, é silenciar os variados discursos em torno do dispositivo penitenciário e, com isso, permitir que o cenário de encarceramento em massa e de injustiças continue a se proliferar pela sociedade como algo normal.

Quando se olha para a construção de todo o complexo penitenciário e de como ele opera na sociedade contemporânea, fala-se de uma macropolítica das prisões. Olhar para sua forma de instalação, seus contornos ao longo da história, os movimentos e discursos que autorizam e justificam sua instalação e proliferação são os contornos de uma macropolítica estabelecida tanto em uma nação como em um contexto amplo da globalização, como explana Bauman (1999) em seu livro *Globalização: as consequências humanas*. Em meio a esse contexto existem as variadas formas como cada sujeito enfrenta, vive e experimenta a prisão e os discursos em torno dela. A maneira como cada sujeito se processa em meio a tudo isso, pode ser entendido como uma micropolítica da prisão.

Rolnik (2007, p.11) traz a ideia de que a micropolítica pode ser compreendida como "questões que envolvem processos de subjetivação em sua relação com o político, o social e o cultural, através dos quais se configuram os contornos da realidade em movimento contínuo de criação coletiva". Os embates desse macro e micropolítico é que permeiam a construção de um real social.

Ao entrar no CRM de Rio Claro como professor e pesquisador, pude entrar em contato com a vida das pessoas quando em privação de liberdade (como a instituição opera, como os presos lidam com esse poder disciplinar, como se organizam para que a vida aconteça lá dentro). Essa produção micropolítica que acontece no CR me levou a confundir em alguns momentos o estar dentro ou fora da prisão. Quando é que não somos prisioneiros? A impressão é de que a prisão vai ficando pelo meio do caminho; pontos incertos de seu início e, mais ainda, de seu final.

Acompanhar os relatos de vida de quem está preso, me envolver em suas histórias de vida, iniciar uma Pós-Graduação em Educação e vivenciar um momento político nacional turbulento me levaram a questionar se não é a vida mesmo quem anda aprisionada. Pelbart escreve seus ensaios de modo a esmiuçar a situação paradoxal do contemporâneo, “onde se confundem as linhas de dominação e de liberação, de controle e de escape, de comando e de resistência – de vida e de morte.” (2003, p.13). Para o filósofo, os poderes (o Capital, a Ciência, o Estado, a Mídia) tomaram a vida, colonizaram as esferas mais infinitesimais da existência e as mobilizaram para trabalhar a seu favor. Se esse sistema, ou como propõe o autor, esse Império, nos coloca para trabalhar a seu favor, como perceber as resistências? Como furar sua malha de poder? Pelbart (2003, p.26) elabora a questão; compartilho-a aqui, pois me ajudou a pensar as prisões a que estamos submetidos, mas que de alguma forma ainda conseguimos escapar. E, ainda,

Como mapear o sequestro social da vitalidade na desmesurada extensão do Império e na sua penetração ilimitada, tendo em vista as modalidades de controle cada vez mais sofisticadas a que ele recorre, sobretudo quando ele se realavanca na base do terrorismo generalizado e da militarização do psiquismo mundial? (PELBART, 2003, p.26)

Até onde estamos presos ao poder da mídia, do capital, do estado, da ciência? Comprar um produto é, além de afirmar posições sociais, comprar modos de vida que desejamos e que estão “imbutidos” nesses produtos. No consumo de alimentos, roupas, cosméticos e automóveis, consome-se subjetividades e vive-se uma existência pré-produzida. A existência está exposta nas vitrines das lojas, pronta pra ser comprada, consumida e logo evaporada; sensação de vazio a ser preenchida pelo novo produto disponível e adquirível. Por onde inventamos novos desejos e modos de existir que ainda não foram capturados pelos poderes do mercado?

A pergunta paira e continua: por onde estão as prisões? Erguidas no minúsculo do cotidiano à medida que seus mecanismos se alastram pela sociedade. Olhar para os

processos de subjetivação nas penitenciárias, CDPs ou demais lugares de clausura – no caso deste estudo, o CRM de Rio Claro -, me colocou diante de problemas não da esfera individual, mas de questões políticas que se destendem, constantemente, entre a macro e a micropolítica.

O Rappa (1999) já cantava na música *A Minha Alma* que “as grades do condomínio são pra trazer proteção, mas também trazem a dúvida se é você que está nessa prisão”. Quem também se prende no discurso de proteção à violência? Ilusões compradas pela internet, medo que alimentamos todos os dias pela TV, realidade manipulada e consumida nos meios de comunicação. Quanto matamos de nós mesmos em meio a tudo isso ou, pior ainda, em nome de tudo isso?

Se a pesquisa começou pelo CR, depois de certo tempo ela foi se estendendo para fora dele e encontrou esparramado pelo tecido social fragmentos da prisão e alguns de seus modos de produzir o viver.

Cena II: ruas e muros, gritos e sussurros. Anos de 2015 e 2016.

Ituverava é uma pequena cidade do interior paulista, sua população está em torno de 40.000 habitantes. Seu nome, inspirado na cachoeira em torno da qual se desenvolveu, deriva do tupi e significa salto brilhante. O agronegócio influencia fortemente sua economia, assim como da região onde se encontra. Foi nesta cidade que nasci.

Quando a visito, gosto de caminhar por suas ruas, revisitar memórias, descobrir novas paisagens e tentar perceber como a cidade vem se desenvolvendo concomitantemente aos acontecimentos do mundo. Normalmente caminho sozinho e, sempre que possível, encontro com Luti, um grande amigo, nas margens da represa que fica próxima da entrada principal da cidade.

Em visita à família, saí para caminhar com uma câmera na mão. Não havia posto, para mim mesmo, ponto de chegada e sim uma tentativa de me abrir para as vozes da cidade, captar seus movimentos, principalmente aqueles de resistência aos poderes sedutores do capital.

Pelas ruas dos bairros centrais notei um excesso de grades, câmeras, cercas, carros, garagens imensas e poucas pessoas nas ruas. Havia nesse cenário algumas semelhanças com a fachada e os interiores do CR. A impressão é de que ali estavam elementos da arquitetura prisional, assim como as questões que a atravessavam. Mas por que, afinal, as pessoas não estavam na rua? O dia estava bonito e as nuvens aplacavam o calor intenso da cidade. Somente alguns poucos, bem poucos, estavam sentados à beira

da calçada a preservar o costume de puxar uma conversa e contar uma história enquanto o sol se põe no horizonte.

Passei por uma praça. Nela havia muito lixo espalhado, o mato estava alto e ninguém, a não ser os cachorros, caminhavam por entre seus bancos. Esta é a praça onde fica o centro cultural e a biblioteca municipal. Algumas quadras próximas dali, uma pichação me fez parar. Gosto de observá-las, pois são manifestações políticas legítimas, evidenciam, muitas vezes, a falta de espaços para diálogo sobre determinados assuntos, revela desejos inauditos e de mudanças, modos de afirmar existências em processo. A pichação era uma bicicleta branca em um muro vermelho, feita entre duas árvores. As cores, o lugar, a cidade, o contraste, o excesso de carros e uma singela bicicleta. Via ali um grito, um desejo de menos cidade e de mais natureza, de menos velocidade e de mais calma. Uma voz gritava, ainda que silenciosa, nas ruas; tirei uma foto.



Figura 1 - bicicleta branca pichada no muro de uma casa nas ruas centrais da cidade. FONTE: Rafael Caetano do Nascimento, março/2016.

Logo adiante, outra pichação: “PURCERA, NINGUÉM SEGURA ESSA CULTURA MARGINAL”. A parede onde estava a escrita era o fundo de uma escola localizada no centro da cidade. Alguém lembrava a ela – e a quem por ali passasse – da cultura marginal. Logo pensei na tradição escolar disciplinadora dos corpos, normatizadora dos modos de ser, que fixa as identidades sem explorar suas multiplicidades; nas escolas centrais que, muitas vezes, para manter uma fama de excelência, não permitem a entrada da periferia em suas salas. Desconheço o trabalho dessa escola especificamente, mas de qualquer forma essa pichação também era um grito pelas ruas. Tirei outra foto.



Figura 2 - a cultura marginal pichada em muro de escola central da cidade. FONTE: Rafael Caetano do Nascimento, março/2016.

A cultura marginal estigmatizada pela grande mídia, produzida por aqueles que vivem à margem dos direitos. Cultura marginal consumida e gozada quando vibra nos altos falantes de carros elegantes o funk da favela. A cultura marginal renegada pelos saberes científicos e civilizados, ninguém segura. Ela escapa e resiste às capturas das prisões.

Descendo algumas ruas, me afastando do centro, cheguei na represa. Por ali, novas casas vêm sendo erguidas. Casas imensas e, provavelmente, a elite financeira da cidade que busca em bairro mais afastado um local mais tranquilo para erguer suas luxuosas moradas. Em cada casa, ao menos uma câmera. Cercas em todos os muros, os quais são sempre muito altos. Pouco se consegue ver além da fachada; os portões são todos grandes e barram a vista. O cenário se repete: excesso de grades, câmeras, cercas, carros, garagens imensas e praticamente nenhuma pessoa na rua. Não pude deixar de pensar, novamente, nas inúmeras semelhanças com o sistema prisional.

Prisões de luxo e quem se engana nesse sistema? Essas pessoas se defendem de quê e de quem? Que medo é esse? Ali tem poucas pichações, mas quem grita é a arquitetura dos muros, a segurança particular que demarca territórios, posses, fronteiras (ou seriam trincheiras?) entre o eu e o outro. Nessas ruas a promessa do capitalismo vinga e a vaidade excitada no conforto do lar faz vibrar uma tépida felicidade compartilhada ligeiramente na fugacidade das redes sociais. Nas ruas vazias havia silêncio e eu percorria a sensação de uma solidão vigiada. Senti-me estranho por andar ali e segui caminho.

Descendo um pouco mais, cheguei em um dos primeiros bairros da cidade: o bicão. Minha tia, certa vez, contou que esse nome se deve ao fato de ter existido por ali uma bica de água do rio que cruza a cidade. Bairro marginal logo ao lado das casas grandes. Agora os muros são baixos, as moradas são menores, não se encontram câmeras, grades ou cercas para evitar a chegada de outras pessoas. Ali eu era observado não por câmeras, mas pelas pessoas do bairro; as ruas estavam cheias: caminhavam, soltavam pipa, andavam de bicicleta, limpavam o caminhão, escutavam música no celular, conversavam. A rua não se apresentava mais como lugar do medo, do perigo, e sim do convívio, da partilha da vida.

No bicão também tem a biqueira. Comum em bairros marginais, ali há o comércio das drogas e, junto dele, os problemas da violência, criminalidade e conflitos com a lei. Eu, que apenas caminhava, não senti essa tensão ali, mas sabia de sua existência. Por fim, o que me ocorria era a força de uma construção midiática em torno da periferia: local da pobreza, do perigo e violência que devem ser evitados e, se possível, sempre afastados. Pouco se fala da vida dos trabalhadores que ali residem, da liberdade com que se pode viver fora dos padrões e confinamentos particulares que o sistema vende.

Uma cidade com suas ruas, vozes e muros. Dois lugares tão pertos e tão diferentes, mas que se comunicam e fazem com que um não exista sem o outro. Vivem de formas diferentes e formam na cidade diferentes modos de viver; tão distantes e tão próximos, refletidos no espelho d'água da represa que os separam. A cidade, movimentada e marcada fortemente pelo agronegócio, pela marginalização cultural e pela exclusão do diferente, constroi seus papéis, mas jamais esconde seus medos, seus desejos, seus sonhos, suas trocas e seus encontros. Ela não esconde seus rios; atravessam a todos mesmo que nada seja dito.

O retorno pra casa se dava no acomodar junto à família com conversas misturadas no cheiro que acenava o preparo do jantar. A cidade continua viva em seus diferentes momentos de gritos, sussuros e silêncios com quem a experimenta.

----- Interstício -----

Existe espaço para a vasta biodiversidade humana na política dos homens? Singularidades em processos contínuos controladas e disciplinadas. Como conviver com as diferenças ao invés de rechaçá-las? “A perseguição dos desejos é algo interminável”, assim cantou o grupo Cabruera (1999) na música Munganzé. E o movimento do desejo “é o de uma energética semiótica. Agenciamento dos corpos, movimento de criação de

sentido para efetuar passagem.” (ROLNIK 2007, p.37). Desejo que, ao produzir intesidades e sentidos, fora capturado pelas máquinas produtivas do mercado (PELBART, 2003). Para o autor, é nesta esfera que atua o capitalismo contemporâneo, colocando todo um maquinário para trabalhar em cima da produção da existência.

Diante dos conflitos inerentes ao existir, alívios instantâneos estão à venda e podem ser comprados diretamente do conforto do lar; vangloriam-se as benfeitorias e prazeres da tecnologia, sua praticidade que poupa tempo com coisas “inúteis” e “improdutivas”; o capitalismo sorri promissor. Este sistema se mantém também pelos medos, pelo tráfico de drogas, ao vender modos de viver (de ver, sentir, pensar, perceber, vestir); quando instala nos sonhos das pessoas a promessa de poder comprar e consumir uma vida segura e feliz. Alguns poucos conseguem e se isolam (iludem-se?). Esse sistema que se espalha por todos os lados, produziu a religião capitalista baseada na fé do consumo (ROLNIK, 2007). O mercado é seu Deus.

Essa religião promete, produz e vende, também, os mesmos mecanismos e arquiteturas de segurança das prisões só que para domicílios. Assim cada um pode se alocar nesse lugar morno, seguro e tranquilo onde o diferente de mim se mantém “seguramente distante”. As singularidades nos modos como se cunha o próprio modo de estar no mundo existe como condição da multiplicidade do humano e é produzida a todo momento; tentar barrar ou impedir seus fluxos gera a necessidade de controle, fronteiras cada vez mais demarcadas e o higienismo social como solução dos conflitos. Fique claro que não naturalizo aqui as diferenças, muito menos considero que as desigualdades sócio-econômicas são dados naturais e intransponíveis da realidade. Nós a produzimos, assim como produzimos as dualidades, as hierarquias e as verdades, portanto, somos nós também capazes de superá-las. O que quero chamar a atenção é do processo de tornar-se, sempre, outro; processo de singularização e diferenciação.

A diferença assume então outras características para além do apenas um “*eu sou diferente do outro*”; é também uma diferença comigo mesmo. Há um fluxo constante de “ser outro de mim” e, portanto, de não existir uma identidade tão fixa a todo momento apesar de erguerem-se instituições que primam por barrar estes fluxos e impedir tal movimento ao se preocuparem em moldar corpos e identidades. Este outro-de-mim pode nascer no encontro com o outro diferente de mim e, aceitar os diversos outros que somos ou podemos ser é um posicionamento político que rompe com o conservadorismo vigente em tempos de higienização da diferença, de conservação da unidade do eu seguro e confortável. A respeito dessa multiplicidade do ser e da tentativa de manter essa ilusória

unidade, Hesse (1955, p.63-64) tráz uma boa e bela contribuição ao contar a história de Harry Haller em *O Lobo da Estepe*:

O homem não é capaz de pensar em alta escala, e mesmo o mais espiritual e altamente intelectualizado pode contemplar o mundo e a si próprio através das lentes de fórmulas enganosas e simplistas – especialmente a si próprio! Pois parece ser uma necessidade inata e imperativa de todos os homens imaginarem o próprio ser como unidade. E apesar de essa ilusão sofrer com frequência graves contratemplos e terríveis choques, ela sempre se recompõe. O juiz que se senta defronte ao criminoso e o fita no rosto, e por um instante reconhece todas as emoções, potencialidades e possibilidades do assassino em sua própria alma de juiz e ouve a voz do assassino como sendo a sua, já no momento seguinte volta a ser uno e indivisível como juiz, volta a encerrar-se na envoltura do seu eu quimérico e cumpre seu dever e condena o assassino à morte. E se em algumas almas humanas, singularmente dotadas e de percepção sensível, se levanta a suspeita de sua composição múltipla, e, como ocorre aos gênios, rompem a ilusão da unidade personalística e percebem que o ser se compõe de uma pluralidade de seres como um feixe de eus, e chegam a exprimir essa ideia, então imediatamente a maioria as prende, chama a ciência em seu auxílio, diagnostica esquizofrenia e protege a Humanidade para que não ouça um grito de verdade dos lábios desses infelizes. [...] Mas na realidade não há nenhum eu, nem mesmo no mais simples, não há uma unidade, mas um mundo plural, um pequeno firmamento, um caos de formas, de matizes, de situações, de heranças e possibilidades. Cada indivíduo isolado vive sujeito a considerar esse caos como uma unidade e fala de seu eu como se fora um ente simples, bem formado, claramente definido; e a todos os homens, mesmo aos mais eminentes, esse rude engano parece uma necessidade, uma exigência da vida, como o respirar e o comer. (HESSE, 1955, p.63-64)

O exemplo de Hesse a respeito do juiz que se identifica com o criminoso e continua intacto, evidencia a existência dos muros erguidos para proteger e controlar uma identidade fixa e demarcada e, portanto, contra os processos de alteridade, os quais só acontecem dentro de alguns limites bem controlados e seguros. Um desses muros é a prisão e, junto com ela está estabelecida uma rede complexa de discursos que englobam a segurança, justiça, violência, economia, sujeito, moral, valores e tantos outros. De um lado estão os criminosos e, do outro, aqueles que os ajudam. Onde ambos se misturam?

É também com a prisão que se aplaca ilusoriamente a tensão com a violência, com a diferença e com a incerteza; de certa maneira, com aquilo que faz estremecer a ponto de desterritorializar, com aquilo que é capaz de colocar cada um em contato com seus desejos mais inaceitáveis e fazer aflorar o animal da espécie humana. Ela é uma das instituições que tenta criar um ligeiro sentimento de segurança e bem-estar, uma zona de conforto a evitar a dura e libertadora constatação da incompletude de ser. É para esse

abismo de não se saber ao certo quem somos que se criam arredomas e, assim, os medos não assombram à luz do dia e nem pesteiam a frágil e tênue linha do firmamento de sentido da existência.

A prisão pode ser entendida, então, como uma dessas arredomas. Obviamente, dentro delas não estão quaisquer pessoas. Há uma maioria jovem, pobre, negra e com muitos casos envolvendo negociações com o uso de drogas (CNJ, 2014; IRELAND, 2011). Este perfil não se encontra preso por mero acaso, por serem merecedores destes lugares ou por ser um perfil portador de alguma disfunção genética e/ou psicológica. Há um traçado histórico neste cenário, no qual a hierarquia de classes, a estratificação etnorracional e a discriminação baseada na cor são endêmicas nas burocracias policiais e judiciárias (WACQUANT, 2011). O autor complementa:

[...] em São Paulo, como nas outras grandes cidades, os indiciados de cor ‘se beneficiam’ de uma vigilância particular por parte da polícia, têm mais dificuldade de acesso a ajuda jurídica e, por um crime igual, são punidos com penas mais pesadas que seus comparsas brancos. E, uma vez atrás das grades, são ainda submetidos às condições de detenção mais duras e sofrem as violências mais graves. Penalizar a miséria significa aqui tornar invisível o problema negro e assentar a dominação racial dando-lhe um aval do Estado (WACQUANT, 2011, p.11-12)

Este perfil, na tradição histórica brasileira, é rechaçado pela moral, lucrativo para o sistema capitalista e seu maquinário de (in)justiça. Assim fica claro qual identidade é defendida e qual identidade se quer afastada; qual diferença é aceita e qual diferença deve estar longe dos olhos da população. Conserva-se e reproduz-se a história das desigualdades, os lugares, os territórios. Fuganti (2014) ajuda a pensar este processo:

A causa da injustiça nas sociedades modernas, antes de tudo, é a passividade na vida. Hoje em dia existe a moda de cultivar o respeito às diferenças. Mas na verdade, nós não amamos as diferenças; nós toleramos a diferença. E sempre só toleramos a diferença desde que a diferença esteja mediada por uma forma de controle, uma forma de segurança. Se a diferença sair por aí se afirmando sem controle, ela vira uma ameaça e deve ser abatida. Então é uma hipocrisia, um cinismo dizer que somos sociedades que cuidam das diferenças porque não amamos a diferença, não podemos amar a diferença. Por que não podemos amar? Porque não cuidamos de nós mesmos, não produzimos a nós mesmos, não nos tornamos fortes. Todo processo de diferenciação vira um atraso, vira um incômodo, vira uma ofensa para mim mesmo. Então os sistemas de justiça estão aí para dar corda aos ofendidos. Mas a ofensa, na verdade, é um grande negócio. É só a gente observar as práticas legais, a judicialização da vida que acontece o tempo inteiro. A

vontade de enquadrar, a vontade de processar, a vontade de lucrar com isso. E não é apenas um lucro econômico, é um lucro afetivo dos impotentes, é um modo de gozar, é um modo de ainda continuar na vida achando algum interesse na vida. Então, a justiça é, na verdade, um meio de gozo dos impotentes. Haveria uma outra justiça, é claro; a justiça que não é do juiz, a justiça que na verdade não tem nada a ver com esse sentimento de vingança que no fundo é uma grande injustiça. Só que o sentimento de vingança é base material para o capitalismo funcionar.

Ao se construir a prisão, repetem-se cenários históricos de um país. Ao se isolar diferenças marcantes de uma história, algumas pessoas são injustiçadas pelo próprio sistema de justiça. Na manutenção desse poder e em sua metamorfose ao longo do tempo, ele se alastra e invade o cotidiano. O cenário de Ituverava se repete pelas mais variadas realidades urbanas do país: portas com cada vez mais cadeados e muros cada vez mais altos para afastar a diferença, a pobreza, o medo e a insegurança, para segregar o delinquente e indesejável. Afastar da diferença que, ao mesmo tempo, aumenta sua potência criativa.

Galeano (2013, p.79) ao escrever sobre como a sociedade ensina e produz o medo, mostra seu viés altamente lucrativo e os diversos motivos econômicos para se erguerem as prisões. Concomitantemente, se constrói uma forma política de viver com a diferença (ou de viver longe dela). Assim, na produção midiática da insegurança e no lucro produzido pelo medo, constrói-se o modo como conviver com o diferente. As prisões recebem a autorização da população para se propagar como solução de uma sociedade em crise e isolar o perigo. Esse modo de controlar a diferença e produzir uma raça perigosa na espécie humana que deve ser isolada, é que justifica e permite a continuação desse sistema. Gallo explica:

Foucault mostra que isso se dá através daquilo que ele chama de “racismo de Estado”, isto é, o poder do Estado de segregar o *estranho*, o *estrangeiro*, o *indesejável*. Numa dada sociedade, é exatamente aquele de uma outra “raça” que é tomado como estranho e como indesejável, na medida em que significa uma possibilidade de mistura, de miscigenação, que contribuiria para uma “depurificação da raça”. Ora, é em nome da pureza da raça, da manutenção de uma certa coletividade, portanto, que o Estado arvora-se no direito de segregar e mesmo de matar este outro que é estranho a nós, embora familiar. (GALLO, 2016, p.30)

No direito do Estado em segregar o indesejável, é possível presenciar no documentário “O prisioneiro da grade de ferro” (2003) o governador do Estado de São

Paulo, Geraldo Alckmin, dizer que bateu um recorde mundial de construção de presídios em tão curto espaço de tempo e, ainda assim, elas continuam superlotadas, imundas, tendo como alvo pobres e marginalizados. Sabidamente os cárceres já não cumprem com a proposta de reintegrar o preso à sociedade, mas de apenas isolá-lo por algum tempo. Ainda por cima, se algum deles morrerem, tudo bem, pois há sustentado e veiculado um discurso público de que é um delinquente a menos circulando pelas ruas.

Por outro lado, podemos também afirmar que o mecanismo do racismo de Estado é o que fundamenta o uso legal da pena de morte: o Estado arovora-se o direito de punir com a privação da vida aqueles seres estranhos, quase alienígenas, capazes de cometer atrocidades contra outras pessoas. É em nome do bem-estar da coletividade, da segurança da maioria, que o estado mata legalmente os delinquentes. (GALLO, 2016, p.30)

A violência brutal do Estado está banalizada; a polícia pode matar e torturar sem levantar grandes indignações da opinião pública. Essa repressão revela concepções que assimilam marginais, trabalhadores e criminosos, “[...] de modo que a manutenção da ordem de classe e a manutenção da ordem pública se confundem” (WACQUANT, 2011, p.11). Se a prisão, como dito anteriormente, constitui um dos muros erguidos à uniformização e segregação do diferente, a escola também o é toda vez que ela reproduz em seus interiores a tradição disciplinar. Como expõe Foucault (2002, pg.164), o modo disciplinar emprega “[...] métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade [...]”.

A escola organiza o espaço, constroi nele suas relações de poder e, assim, vai constituindo modos de disciplinar: cria séries, distribui notas, separa turmas (muitas vezes a partir das notas), mantém o corpo sentado, pune, institui currículo com diversas disciplinas e conduz, ao final, o sujeito a um possível lugar chamado humano. Nesse fazer há toda uma trajetória histórica, mas que se encontra naturalizada na prática e no discurso docente.

Ao experienciar este espaço estratificado os sujeitos criam relações com o espaço e o tempo escolar. É nessa vivência e no embate com todo esse sistema que os sujeitos vão se produzindo no interior das práticas escolares. No seio desse embate criam-se, também, movimentos de resistência a esse poder. Enquanto se cria o aluno modelo, cria-se também aquele que não se encaixa no modelo; quando a nota produz o aluno bom,

produz ao mesmo tempo o aluno ruim; se há o conceito do aluno que aprende e faz seu dever, cria-se o aluno que não aprende e não cumpre seu dever. Cria-se assim o aluno exemplar e o aluno problema a ser concertado, a ser disciplinado e enquadrado. Ao estabelecer os padrões, a escola acaba por não considerar o fluxo de produção do múltiplo como um de seus fazeres potentes.

Ao recompensar o corpo útil, comportado, dócil e padronizado, a escola pode incorrer no erro de repetir injustiças sociais e, nesse sentido, ela atua mais para que a realidade se mantenha como está do que na tentativa de criar lugares outros que permitam afirmar modos de produções singulares da existência. Classificar estudantes marginalizados como aluno problema e apenas transferi-lo para outras escolas, o que ela faz se não criar muros para a diferença, para a multiplicidade? Ela acaba por manter o marginal à margem. Margem esta onde fervilha a cultura marginal, a qual aparece no muro de fundo da escola para lembrá-la que existem aqueles que resistem intensamente às ações de classificações e padronizações.

Tornar os corpos doces, manipuláveis, como diz Foucault (2002, p.118): “um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.”. Para isso, o poder disciplinar que aparece na prisão, mas também na escola, pelo detalhe. A disciplina fala pelo silêncio dos gestos. Economia do corpo e de seus movimentos. Ela trata a multiplicidade, a organiza e a torna produtiva, lhe dá um direcionamento, a esquadrinha. Institui, como propõe Foucault (2002, p.127), a base para uma microfísica de poder celular. É no fazer operar o poder disciplinar que escolas, prisões e outras instituições se assemelham.

Cena III: o gesto na sala de aula

Foi um gesto. Um gesto disse tudo. Fez acontecer sem precisar dizer palavra. Silencioso, sem pretensão de incômodo, acomodou: cada um em seu “devido” lugar (pra que se perder?); olhar reto e sem desvios (pra que se desviar?); do sorriso ao siso em segundos; da radiante à trêmula carne, o medo. Do sutil gesto, um imenso poder se engendrou pelo espaço. O gesto escrevia. Mas aos outros, pouco importava sobre o que era a escrita. Bastava saber do gesto. Escrevia-se sobre uma ideia de liberdade. Mas, naquele momento, não era o conteúdo da escrita que libertava. Era o gesto – um olho – que ameaçava.

O episódio narrado é claramente um exercício do poder disciplinar que Foucault (2002) descreve. Independente do que fosse escrito naquele papel, era o gesto – e ainda o é – uma forma de colocar ordem no múltiplo sem controle por parte do professor. Ao verem a caneta e o papel, já esperavam que fossem anotados e individualizados para a posterior punição. O aglomerado de pessoas tornaria-se identificável e, nele, os desordeiros apontados. Era o ritual de classificação.

O gesto, por si só, organizou o espaço, enfileirou a sala, colocou cada um em seu “devido” lugar. A partir de então era possível cobrar a tarefa a ser feita pelos 38 estudantes aproximadamente. Pelas palavras de Foucault (2002, p.126): “organizou uma nova economia do tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar.”. Não se trata aqui de desqualificar o trabalho feito dentro das escolas e, muito menos, de anular o trabalho dos professores nos desafios da educação. Pelo contrário, trata-se de questionar a ordem vigente, tornar múltipla a prática educativa e potencializá-la. Uma vez que cada ser humano presente em uma sala de aula é composto de várias faces, de vários eus, por que insistir em organizar a sala sempre da mesma maneira e de um único modo? Os enredos de um contexto educativo, quando se olha para o múltiplo e para a possibilidade de se criar com ele, permite-se desmontar um pouco dessa tradição disciplinar. Assim, para pensar a respeito desse múltiplo que está por todos lugares onde atravessamos, trago novamente Hesse (1955, p.195):

[...] o homem é formado por um número incalculável de almas, por uma multidão de egos. Dividir a unidade aparente do indivíduo nessas numerosas figuras é algo que passa por loucura; a ciência encontrou para esse fenômeno a designação de esquizofrenia. A ciência está certa, até certo ponto, quando afirma que nenhuma pluralidade pode conduzir-se sem uma direção, sem uma certa ordem e agrupamento. Mas, por outro lado, não tem razão ao imaginar ser possível somente uma ordenação única, encadeadora, perpétua, para a multiplicidade dos egos subordinados. Esse erro da ciência acarreta consequências desagradáveis; sua única vantagem reside na simplificação do trabalho dos mestres e dos educadores a serviço do Estado, poupando-lhes os trabalhos do pensamento e da experimentação.

Quando é que acontecem os momentos de criação a partir dos fluxos gerados pelos encontros de cada dia? Se eles estão acontecendo a todo momento, quando é que permitimos criações a partir deles? Pensar as possibilidades da experimentação com esses fluxos pode ser bem vinda para quebrar com os moldes pré-estabelecidos que engessam

as relações dentro dos ambientes educacionais. Portanto, na experimentação, na criação com as forças do presente, também pode-se quebrar com as grades curriculares e com a tradição pedagógica. Não distante, aparecem outros desafios do educar.

Eu, que era o professor do acontecimento narrado acima, quando percebi o que estava acontecendo, achei interessante e resolvi entrar na teatralidade provocada pela situação. Não pretendia escrever o nome de ninguém, tampouco criar alguma lista e muito menos organizar a sala em fileiras. Aquela turma jovem formava um belo aglomerado de pessoas em um dia quente, o suor era absorvido pelas camisetas e mostrava que dois ventiladores em mal funcionamento não aplacava o calor de 38 pessoas em uma sala fechada. Escreviam nos corpos uns dos outros, criavam marcas, as risadas de uns ecoava pelo espaço e mostrava o silêncios de outros, trocavam bilhetes e olhares com outras pessoas. Todo este cenário me parecia mais interessante do que o documentário explicando o motivo pelo qual Plutão deixara de ser um planeta. Não desmereço o documentário, de modo algum, mas talvez a vida estivesse mais pulsante e interessante no quente aglomerado de pessoas do que no gelado ex-planeta distante.

No momento me ocorria algo sobre o Centro de Ressocialização, onde trabalhava como professor no período noturno. Via ali diferença entre os espaços: jamais poderia em uma prisão deixar uma situação como essa ocorrer, pois diversos problemas para mim e para os presos seriam gerados. Lá dentro as regras e o controle são mais severos e o que está em jogo é a própria vida. Veio então a pergunta de como seria possível trabalhar com os fluxos, com os desejos, com o corpo e com a experiência mais próxima dele possível. Mesmo sem ter uma resposta para o que me ocorria, acreditava que havia nisso algo de libertador. Para a ideia não se dissipar na memória, logo decidi escrevê-la. Como eu estava sem material, pedi papel e caneta para um estudante da turma. Quase que instantaneamente começou uma organização no espaço e, logo percebi que eram o medo e a disciplina exercendo seus poderes. Entrei no jogo e encenei, mas escrevi outra coisa que em nada tinha a ver com o que se passava. Ao menos para mim, ainda que momentaneamente, era um tanto cômica a situação.

Compartilhei a história com Maria Rosa. De pronto me perguntou se li para eles o que havia escrito. A pergunta me pegou no pulo... Por que eu não havia lido? Ao final saíram da sala como saem todos os dias, tudo aquilo que me passou não foi compartilhado com eles. Compartilhar uma intensidade, uma ideia que brotou daquele calor seria um modo de compor outro espaço naquelas palavras ou, então, fazer presente entre todos um acontecimento. Era, ou seria, como um semear de possibilidades. Mas aconteceu somente

mais um gesto que se repete todos os dias naquele lugar: anotar os nomes, passar para a direção, chamar os acusados para uma conversa, ameaçá-los e puní-los com alguma lição de moral ou algum ponto negativo.

Por que deixei escapar esse momento? A pergunta me martelou por um tempo e, talvez, tenha me escapado para que eu pudesse aprender algo. Foi assim que me deparei, uma vez mais, na condição humana de nunca estarmos prontos e acabados, e sim em um constante processo de transformação, de construirmos a nós mesmos ao longo de toda vida e de ser-mais, como dizia Paulo Freire (2005). Vivi uma contradição na sala de aula e reproduzi um ato contraditório. No âmago das contradições também nos formamos e nos transformamos. Assim nos lembra Galeano (2016, p.123) ao celebrar as contradições:

Nestas terras, a cabeça do deus Elegguá leva a morte na nuca e a vida na cara. Cada promessa é uma ameaça; cada perda, um encontro. Dos medos nascem as coragens; e das dúvidas, as certezas. Os sonhos anunciam outra realidade possível, e os delírios, outra razão. Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia. Nessa fé, fugitiva, eu creio. Para mim, é a única fé digna de confiança, porque é parecida com o bicho humano, fodido mas sagrado, e à louca aventura de viver no mundo.

Ao compartilhar minha experiência, gestar uma pergunta e escrever o episódio, me permitiu, e permite, ver a mim mesmo em um movimento constante de formação, ou melhor, em trânsito pela educação. Não consigo marcar um ponto de início na trajetória que venho percorrendo seja como professor, como pesquisador ou em qualquer outra atividade em que me empenho a fazer, e nem marcar tão fixamente um ponto final onde chegar com tudo isso. Mesmo que marcasse seria uma tarefa de pouco valor, pois o que fica para refletir e aprender é como o caminho vai se formando na caminhada e, consequentemente, como eu experimento e invento a mim mesmo no meio disso.

A escrita pode ser um modo de tornar visível algumas das pegadas dessa caminhada. Ao me propor escrever sobre essas experiências e, no caso desta dissertação, aquelas envolvendo uma pesquisa em educação, me aloco num espaço diverso de fluxos com a vida ou, ao menos, é uma tentativa de. Esse espaço nem sempre é de pura fluidez, uma vez que me esbarro em diversas fronteiras a atravessar. No embate com cada fronteira, uma necessidade de experimentar, criar, mexer e ultrapassar para que o fluxo volte. Ao voltar, outras fronteiras hão de aparecer e novamente a tentativa de criar e de

me dissipar ou multiplicar. Nesse movimento vou tecendo a mim e as palavras; nunca sozinho, mas acompanhado de muitas outras vozes. Acrescento, assim, mais algumas linhas em minhas aprendizagens enquanto educador.

Escrita, ou escritas, a partir da experiência, ou tentando acompanhá-la, esmiuçá-la até onde me permitir/conseguir alçá-la, sabendo ser impossível uma escrita dentro dela. Larrosa (2002, p.21) diz que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.”. A construção de sentidos com a experiência talvez leve a uma possível escrita auto-biográfica, a qual pode ser entendida como um compor com palavras um modo de atravessamento das forças em um determinado contexto histórico (ROLNIK, 2007, p.22). Compor campos de intensidades, de afetos, de cheiros e sons. “A escrita é uma passagem, uma viagem, um traçado, uma linha, uma rota...nunca um fim” (BRITO, 2014, p.8). Mais um desafio do que uma certeza no modo de fazer.

Criar palavras e narrativas com experiências, produzi-las com toda a força de uma vida. Que movimento de liberdade há nisso? Quando se escreve, o que se cria, afasta e abre? Escrever desde a perspectiva de criar relevos, mundos, realidades. Menos daquela escrita formal, referente a algum estilo específico, e mais uma busca por aquela que fissure, que abra passagens entre; que pró-voque algo e silencie outros. Atividade esta que se dá com o corpo, no corpo, com o que atravessa o corpo e o que se faz daquilo que atravessa.

No criar e compartilhar sentidos para um estar no mundo através das palavras reside uma força política do humano, pois neste movimento cria-se uma rede de afetações, uma comunidade do sensível. Afastam-se mundos e criam-se outros, a vida pulsa. Na travessia, que como propõe Larrosa (2002) tem algo com a experiência, as palavras são produzidas. São relações com o mundo, alegorias, marcam o lugar, inscrevem uma superfície, afirmam uma existência ou um modo de existir.

Cena IV: A invenção política da palavra

E como foi que começou essa coisa de dar forma para o invisível do mundo? Pois quando foi que aconteceu de criarmos desenhos, palavras para o mundo, com o mundo ou por entre ele? Traçado o primeiro traço em uma caverna e talvez a espécie humana nunca mais tenha sido a mesma. O movimento de traçar o traço transformava não só a caverna-morada, mas também aquele ou aquela que agitava o braço.

Poucas vezes havia pegado em lápis ou caneta para escrever. Escrever: fazer demasiado sutil para mãos tão pesadas; sutileza demasiadamente pesada para mãos acostumadas aos trabalhos pesados.

Quando diante da imensidão de uma biblioteca ficava tímido, considerava-se ignorante para o mundo. Nervoso e incógnito mirava mudo as prateleiras com incontáveis livros (quanta ideia!, pensava quieto, para si). De tanto olhar os livros, que lhe pesavam no corpo, experimentava uma estranha sensação de que as palavras pareciam sair deles e começar, também, a lhes pertencer. De repente, o que era tão distante e inimaginável brotou-lhe em forma de pergunta: “e desde quando começamos a escrever? Como é que foi que começou essa coisa de escrever, comunicar, pensar, falar?”. Estremeceu, uma ideia lhe veio na cabeça, mas conteve-se. Tinha vergonha de perguntar. (Imagine só... um sujeito do interior, que nunca pegou em livro, pergunto só besteira). Assim entendia a si.

A cidade era muito diferente do campo; sem estudos é difícil, não tem trabalho e a fome aperta. Pela pressão da vida procurou escola, mesmo achando que não levava jeito para os estudos; não via outra saída. Ao fim de uma aula, esperou até ficar sozinho com o professor e lhe jogou a pergunta que tivera dias atrás sobre esse tal de escrever. A conversa foi longa: histórias, mais dúvidas, leituras. Outros encontros, leituras, dúvidas, histórias. Passou a rascunhar primeiras ideias... o incentivo vinha dos professores, dos amigos e da família.

Escrevia para si, mas não era suficiente. A palavra parecia não ter ainda o cordão umbilical que sentia ao recebê-la dos outros. Pensava no que fazer...

Passou, então, a ler no trabalho, mas não para si. Para todos. Enquanto enrolavam os charutos, ele sacava seu livro, subia na mesa e colocava as palavras no ambiente. Agora sim tomava gosto pelo que fazia.

Os charutos enrolavam-se com as palavras. Quando vendidos, os fumantes não entendiam o que acontecia: após o trago provavam vocábulos variados: da fumaça que entrava pelos alvéolos, saíam letras garrafais. A cidade começava a mudar, estava cheia de palavras, todos falavam coisas que antes não sabiam. Os charutos em prosa compunham uma novas ruelas, outros passeios, volupiosos edifícios. Reuniam-se agora na praça para provar palavras, misturar fumaças, criar neologismos, novas sintaxes, metáforas. Não distante muitos problemas advinham dessa anarquia languageira.

Não mais atendiam ao ritmo da produção capitalista, não mais gastavam seu tempo preocupados em enriquecer. Inebriados pelas fumaças, aproveitavam o tempo e brincavam de experimentar palavras, saboreá-las, trocá-las das mais variadas formas.

Brincavam de criar e se expandiam diante de cada invenção. A cidade se multiplicava em formas, línguas e afetos; passava por mudanças nunca antes percebidas e todos queriam beber daquele sabor de liberdade que se alastrava.

As instituições soltavam brados em nome da moral, da tradição e dos bons costumes, falavam e insistiam nos deveres dos cidadãos, invocaram a ciência para mal dizer a loucura e corrigir os defeitos e desvios de personalidades. O Estado mostrou seus dentes, suas armas e sua violência em nome do controle e segurança. Houve perseguições, proibições, charutos extraviados e invenções contra fumaças. E foi nessa luta que as palavras, a leitura e a escrita ganharam ainda mais força, tornaram-se ainda mais perversas e criadoras de resistências por serem sempre perfuradoras e abrir a vida.

O trabalhador, que se perguntava, nunca encontrou resposta, mas tinha uma gota de certeza de que as palavras, quando compartilhadas, criam algo de extraordinário na vida.

----- Interstício -----

A língua tem de alcançar desvios femininos, animais, moleculares, e todo desvio é um devir mortal. Não há linha reta, nem nas coisas nem na linguagem. A sintaxe é o conjunto dos desvios necessários criados a cada vez para revelar a vida nas coisas. (DELEUZE, 2011, p.12)

Língua que se faz quando desvia e revela. Composição de palavras que reativa a vida, possibilita a permanência e que resiste à mortificação. No escrever dá-se à passagem pela experiência um sentido possível e constitui-se aí um jogo consigo mesmo em meio às regras, às leis, à normatividade, à disciplina. Compõe-se um modo de estar na vida. Ou então, quando a escrita passa pelas memórias, num movimento de trazer o já dito e vivido de outras vezes, ela se aproxima de uma (sempre nova) constituição de si (FOUCAULT, 1992).

Da escrita pode-se dizer que ela se faz pelo meio, e não por seu início ou ponto final. Melhor dizendo, ela é o próprio meio, pois é nele em que ela acontece e faz acontecer. O texto é vivo enquanto se tece e morre depois que acaba; só retorna à vida na leitura. Leitura que desenha e faz viver o autor, pois é nela que se põe em movimento os fluxos da vida; o autor é aquele que não existe durante a escrita. Nesses (re)viveres leitor e autor podem nascer novos e diferentes, pois não há nada pronto e acabado no movimento das palavras. Escrita e texto são travessias, pois é enquanto se escreve que o

texto se cria; nunca se sabe de ante-mão como ele é e como será. Travessia inventiva que se dá pelo meio ao captar sons, texturas, sabores e outros tantas formas que habitam o ser uma vez que no escrever já não se é.

O que se narra é um fluxo, o que se escreve é uma intensidade, não há como oferecer uma forma pura para o que é vida. Por isso, o escritor é aquele que desenha a sua vida por um modo esgarçado, percorre linhas sem saber a sua continuidade, nas quais o ato de escrever torna-se um movimento selvagem e a palavra vai sendo desfeita, a linguagem vai sendo gestada e experimentada. (BRITO, 2014, p.4)

É de fluxos que se trata a escrita, e não de um sujeito dotado de uma personalidade escritora. Assim também diz Brito (2014, p.5) ao comentar a perspectiva de Deleuze a respeito da escrita: “Escrever é sempre uma relação com a ‘ordem’ do movimento, do inacabamento, do agenciamento, onde o corpo na escrita vai sendo desmontado, montado, um efeito de territorializar e de desterritorializar.”. Olhar a escrita desde esse lugar que cria planos e afasta outros, que estranha o comum e torna o próprio escritor e/ou leitor estrangeiros de si, apontam menos esse sujeito íntegro que escreve e mais uma potência de vida que se cria pelas linhas traçadas.

A escrita torna-se um acontecimento no qual as palavras e a linguagem não têm o que dizer sobre “o sentido”. As palavras compõem sua cor, seu delírio como acontecimento, em que nada há por trás. A escrita é uma passagem, uma viagem, um traçado, uma linha, uma rota... nunca um fim. Com isso, o escritor nunca sabe o que escreveu, mesmo que tenha escrito na tentativa de saber, já que o texto não figura uma subsistência, um em si. O texto, por outro lado, vai comportar uma dobra que retira a escrita daquilo que é. Do mesmo modo, o escritor vai sendo desfeito na medida em que põe vida à escrita (BRITO, 2014, p.8)

As possibilidades da escrita são várias: de cartas, de contos, romances, poesias... Em todas elas, talvez, atravesse o fio que rompe e cria. Partindo da escrita auto-biográfica, Camargo (2010, p.28) assim também fala a respeito de um fazer transgressor, que indica movimentos e rupturas.

[...] o espaço autobiográfico, no qual se inserem os estudos autobiográficos, temporalizados, contextualizados, é convertido em sinal de perigo e de fronteira, em lugar de passagem e de possibilidade de transgressão entre público e privado, que por sua dimensão imaginária não é só região desconhecida, mas também de movimento, de ruptura. (CAMARGO, 2010, p.28).

Rompe e libera a vida de suas clausuras, permite reencontrar rios, conectar paisagens, misturar tons e desfazer estados estagnados. Escreve-se para afrontar algo de mortificante e recobrar a vida por entre as coisas (BRITO, 2014, p.11). Liberar da clausura e enfrentar a morte; a escrita torna-se, assim, uma forma de resistência. Resistências frente àquilo que para, que tira a cor e o suspiro; frente aos poderes e saberes que controlam e disciplinam até tornarem oco o existir. Sobre essa escrita que afasta a realidade morta, também comenta Clarice Lispector em entrevista a Lerner (1977): “Eu acho que quando não escrevo estou morta.”.

Nesta perspectiva, adentra-se aos poucos um dos universos da escrita. Por mexer comigo mesmo e com o outro, estabelece relações, torna-se política. Por se fazer por entre a vida e a morte, marca um modo de existir. Quando é travessia, torna-se aventura e, portanto, experimentação e criação. Por esses caminhos navega a prática da escrita.

Se a leitura é fonte e espaço de formação, o que não dizer da escrita, do exercício da escrita? Com todas as letras e marcas que definem a condição social da escrita, não há como desconsiderar a relação que se estabelece solitária, necessária, tensa, de tortura criadora, que confere um lampejo de existência a si mesmo, porque escreve. [...]. Tornar aventura a escrita é alocá-la em um espaço de invenção, de interlocução aberta à produção de sentidos na dinâmica de suas dobras, de possibilidades de experimentação pela e na linguagem, de experiência (CAMARGO, 2010, p.14).

Entretanto, mesmo diante dessa potência da escrita, ela sempre irá carregar algo de incompleto, indeterminado e impreciso. A respeito desse não dar conta de tudo, diz Bukowski (2011, p.246) sobre a narrativa que fazia de suas experiências: “A escrita representava muito menos que o episódio vivido em si, até que terminasse. A escrita era apenas o resíduo.”. Sobre esse inalcançável da escrita, também comenta Rilke (1986, p.21): “As coisas estão longe de ser todas tão tangíveis e dizíveis quanto se nos pretenderia fazer crer; a maior parte dos acontecimentos é inexprimível e ocorre num espaço em que nenhuma palavra nunca pisou.”. Por isso a escrita está mais próxima de um atravessamento pelo vivido e de um processo de experimentação pela linguagem do que uma forma de expressão completa ou síntese geral de um acontecimento.

Escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida. A literatura está antes do lado do informe, do inacabamento, como Gombrowicz o disse e fez. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma

passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido (DELEUZE, 2011, p.11).

Essas aberturas, possibilidades e constituições também estão em jogo quando se olha para o escrever em um contexto prisional. O sistema penitenciário brasileiro, como dito anteriormente, é composto de diversas injustiças. Boa parte das pessoas que lá estão viveram, em outros momentos da vida, privadas de seus direitos como cidadãs.

Nas prisões impera a regra, o controle e as restrições. Escapar ao controle total é uma maneira de se livrar e manter-se vivo dentro desse sistema. Mas dificilmente se está fora desse poder o tempo todo; de diferentes modos e momentos o poder captura. Romper e fissurar por dentro é, portanto, essencial para abrir novos fluxos com a vida. Privado da liberdade em um sistema carcerário degradado, explorador e disciplinador, onde se negocia o tempo todo a própria vida, que força irrompe por essa escrita que abre?

A escrita é um fazer habitual de quem vive privado de sua liberdade. Escreve-se também em diários, em cadernos ou mesmo folhas soltas. Escreve-se para os outros ou para si. Escrever, nesse contexto, envolve narrar histórias. Narração que, como propõe Larrosa (1994), constitui o que se pode chamar de experiência de si.

A experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo, etc. E esse ser próprio se produz com relação a certas problematizações e no interior de certas práticas. (LARROSA, 1994, p.8)

Se há a experiência de si na escrita dentro das prisões, onde os sujeitos mexem com eles mesmos, inventam a si em meio à malha de um sistema, pode-se suspeitar de uma experimentação pela linguagem, de modos a compor resistência ao poder institucional e fazer vibrar a vida. Nas prisões, onde o sujeito deve ser disciplinado e controlado para ser ressocializado, a educação disciplinar é uma força que irá produzi-lo. Quando se olha para a escrita como esse fazer que reativa a existência, que abre ao sujeito a possibilidade de inventar-se, que coloca em movimento as forças capazes de enfrentar o real (FOUCAULT, 1992) me pergunto: o que move e o que pode a escrita na prisão? De quê, essa força é capaz?

Cena V: o DNA e a vida em mutação

Existem prisões por todos os lados. Não é somente nas penitenciárias onde estão as grades; elas estão nas casas, nos carros, nos olhares, nas formas como constituem-se as relações. O que há no presídio é descaso e exploração e isso se resolve com política pública, investimento e educação. Mas a maior prisão a ser combatida é a do controle do outro, da prisão da alma, das experiências, prisão dos cotidianos que não ardem, prisão da vida que deprecia. Mesmo o DNA, diante das controversas definições científicas que aprisionam seu agir, sempre se abre para que uma vida nova apareça e continue.

----- Interstício -----

A vida, em seus movimentos, por mais minúsculos que sejam, nunca se repete. Assim também cantou Gonzaguinha (1980) na música *Coisa Mais Maior de Grande*: “Nada se repete sob o sol. O movimento da vida não deixa que a vida seja sempre igual. Pois nada se repete, nem o sol”. Na contrapartida desse movimento, parece que há mais investimentos para que um padrão se mantenha (o cotidiano com tudo sob controle, pessoas obedientes às leis do mercado, da escola, da igreja ou da família) do que em modos de permitir as mudanças dos tempos e espaços sem algum poder de controle. Assim funciona o poder disciplinar (FOUCAULT, 2002) com suas instituições de confinamento e assim funciona o que Deleuze (2011, p. 223) chamou de sociedades de controle, as quais vêm se firmando ao ar livre e não mais em sistemas fechados como as escolas, hospitais e prisões (DELEUZE, 2011, p.224). Esta forma de controle se dá com produção numérica, com as senhas e contas; se dá pelos sistemas de comunicação e localização constante; com as empresas e o capital em fluxo. Como explica o filósofo, a dominação passa a ser de caráter dispersivo ao invés de concentrado.

Entretanto, não há nada que segure ou barre por completo os desvios, as surpresas, o inesperado, o incerto. Viver não é uma questão de precisão. Traçando um paralelo com o código genético, o mesmo também acontece por entre as estruturas do DNA. O discurso produzido em torno dele remete, muitas vezes, a um padrão de vida, ao normal e o não-normal, ao saudável e o doentio ou defeituoso, enfim, reforçam dualidades e relações de poder hierárquicas e hegemônicas. Desta forma, surge um código genético estático, como se ele definisse o organismo e o que ele é, impossibilitando ver suas transformações nas relações com o meio. Entre as Ciências circulam perguntas como: onde estão os limites definidos pelos genes? Onde deixamos de ser animal e onde começamos a ser humanos? Até onde a biologia define o que somos?

Em torno do gene e do DNA orbitam questões étnico-raciais, de gênero e sexualidade. Em suma, questões de identidade e diferença nas quais o DNA aparece como um fixador e, concomitantemente, uma necessidade de superar o discurso biologizante e científico dessas questões. Resolver a questão de que produzir melanina não justifica a escravidão e nem coloca um ser humano superior ou inferior a outro. Que não há nada de desviante em nascer com o gene XX (sexo feminino) ou XY (sexo masculino) e se entender, experimentar e atravessar pelos diversos universos daquilo que nomeou-se masculino e feminino. Desbiologizar o desejo, pois ele não é uma questão de hormônios; sentir atração pelo mesmo sexo não deve ser tratado como doença ou anormalidade genética. Diante dessa hierarquização produzida pelo discurso científico é que urge a necessidade de produzir aberturas nas malhas do saber, fissuras por entre os códigos genéticos.

Mas e se tomarmos o gene menos como algo que define do que como algo que atualiza? E se o humano for apenas uma forma de ser animal? Ao genético estão edificadas as estruturas, de modo que se possa exercer o poder de disciplinar, controlar e dominar. Mas o DNA está a favor da vida; eles se abrem e multiplicam, atualizam os corpos, permitem passagens, comunicam com o meio e, portanto, abrem fluxos com o viver. Possuem sim sua estrutura, pois sem ela a vida não prossegue, mas suas micropartes estão sempre a furar suas edificações. Primeiramente, observe Dawkins (2007, p.68), descrever o DNA e sua estrutura:

Uma molécula de DNA é uma longa cadeia de blocos de construção, pequenas moléculas chamadas de nucleotídeos. Assim como as moléculas das proteínas são cadeias de aminoácidos, as moléculas de DNA são cadeias de nucleotídeos. Uma molécula de DNA é pequena demais para ser vista a olho nu, mas o seu formato exato foi engenhosamente determinado por processos indiretos. Ela consiste num par de cadeias de nucleotídeos, uma torcida sobre a outra numa espiral elegante: a “dupla hélice” ou “espiral imortal”. Existem apenas quatro tipos de nucleotídeos diferentes, cujos nomes podem ser abreviados para A, T, C e G. Eles são os mesmos em todos os animais e plantas. O que varia é a ordem em que se alinham em sequência. Um bloco de construção G de um homem é, em todos os detalhes, idêntico a um bloco de construção G de um caramujo. Entretanto, a sequência dos blocos em um homem não só é diferente daquela de um caramujo, como também é diferente – embora em menor grau – da sequência presente em todos os outros homens (exceto no caso especial de gêmeos idênticos).

Esta é a estrutura geral da molécula de DNA. Como disse o autor, ela se repete em todos os seres vivos, variando em combinações e quantidades. Mas sabe-se também que essa molécula quando realiza o processo de mitose ou meiose, sempre terá de se abrir para compor uma nova vida. Nesse processo de abertura, ela se torna vulnerável aos riscos de não permanecer igual ao que era anteriormente. A própria molécula possui seus diversos mecanismos para corrigir eventuais “erros” do processo e, assim garantir um nível de mudança que não desfigure totalmente o ser vivente. É ali, no abrir-se, que ocorrem pequenas mutações, desvios inesperados, formas cambiantes para acompanharem o itinerário mutante da vida. Sem eles, não seria possível acompanhar o movimento do viver.

São nessas pequenas mutações que se conectam corpo e fluxo. Seria impossível a vida se dinamizar não fossem as mudanças de nucleotídeos que acontecem no material genético. Manter-se totalmente igual é uma ilusão genética. O DNA está em comunicação com a vida, as bases se trocam na linha que se cria diante da estrutura que se abre. É, portanto, impossível pensar uma vida tão estática, idêntica e estável. Ela se desmonta e remonta em diferenças, em atualizações. Essas diferenças se espalham pelo meio, permitem relações e ampliam a biodiversidade. Para Deleuze (2013) a vida que se atualiza brota do meio, do rachar das coisas estabelecidas, das criações que damos para os fluxos que nascem.

É nos agenciamentos que encontraríamos focos de unificação, nós de totalização, processos de subjetivação, sempre relativos, a serem sempre desfeitos a fim de seguirmos ainda mais longe uma linha agitada. Não buscaríamos origens mesmo perdidas ou rasuradas, mas pegariamos as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras. Não buscaríamos o eterno, ainda que fosse a eternidade do tempo, mas a formação do novo, a emergência ou o que Foucault chamou de “a atualidade”. (DELEUZE, 2013, p.113)

Assim também acontece entre a vida humana e os sistemas que ela compõe, seja ele o da personalidade, família, o de comunidade ou cidade. Vive-se por entre estruturas e há que se provocar, desde dentro, suas rachaduras seguindo a vida que continua em seu movimento dinâmico. Como lembra o filósofo, é preciso rachar as coisas, rachar as palavras. Para esta empreitada não há método, muito menos um simples passo a passo. Talvez a exploração em si por si mesmo, na prática da escrita ou em qualquer outra atividade, seja um caminho possível. Rilke (1986, p.22) diz dessa viagem para si ao aconselhar um jovem poeta sobre saber se deve continuar a escrever ou não.

O senhor está olhando para fora, e é justamente o que menos deveria fazer neste momento. Ninguém o pode aconselhar ou ajudar, – ninguém. Não há senão um caminho. Procure entrar em si mesmo. [...]. Entrar em si e examinar as profundidades de onde jorra a sua vida; na fonte desta é que encontrará a resposta à questão de saber se deve criar.

Se a abertura se dá pelo meio, o que é que racha desde dentro as grades das prisões? O que é que se desmonta até aparecer algo novo dentro dessa intuição total? O que se desfaz até escapar as amarras da estrutura?

CAPÍTULO 3 – PERCURSOS METODOLÓGICOS

3.1 – Um grupo, a muralha, a escolha.

Testar hipóteses, criar e desenvolver experimentos, controlar variáveis, reprodutibilidade de testes, conclusões, compreender fenômenos da vida, encontrar regras gerais, previsibilidade de acontecimentos futuros. Enfim, a Ciência. Por ela pretende-se chegar a verdade por trás do real, a qual está supostamente iludida pela experiência sensível com o mundo. Verdade científica que pretende-se neutra, uma vez que pressupõe o afastamento da relação sujeito e objeto em seu método de produção do conhecimento. Compartilhando descobertas e reorganizando teorias, produz-se um saber *sobre* o mundo, *sobre* a vida.

Este modo de conhecer, largamente difundido nas ciências naturais, aproxima-se de um saber e de um posicionamento – por parte de quem pesquisa – “torre” ao invés de um saber e de um posicionamento “muralha”. Muralha que, pelo que Kafka (2002) deixa a entender, supõe proteção do de fora ao estender-se por todo um território. Mas se ela está sempre interrompida e fragmentada, com espaços de abertura espalhados por entre seus muros, como se faz essa proteção? Muralha que vem da ordem e dos planos do grande e distante imperador, discurso que faz acontecer, mas que também se afrouxa e permite outros acontecimentos no próprio construir da muralha à medida que ela se espalha pelo império. É, então, no erguer das pedras pelos construtores que se inventam e se vivem outros sentidos dessa obra, como, por exemplo, os festejos de cada vila ao fim de um ciclo construtivo da muralha. O sentido de tal construção pode ser dado pelo discurso do imperador, mas a vivência é daqueles que a constroem e das vilas que estão ao seu redor. Fazer este do nível da micropolítica, pois inventa-se modos de vida no coletivo. O saber da muralha se constrói, portanto, *com* as pessoas que participam de seu processo, está *com* elas, e não *sobre* elas. Difere da torre, que com seu objetivo bem definido e claro de alcançar os céus, constroi-se sobre o mundo. Talvez aí resida a fragilidade dos alicerces da Torre de Babel, como deixa Kafka (2002) a pensar.

Voltando à questão da muralha, as comunidades que a vivenciam mesmo que mude alguma coisa ou outra por ali, estão estabelecidas, territorializadas. Entre todas elas circulam histórias contadas por um ou outro caminhante. Nômades. São os nômades, talvez, quem melhor conhecem a muralha; mais do que o distante imperador e do que os pedreiros. Os nômades *acompanhavam* seu processo de invenção, *atravessavam* seus múltiplos sentidos. Muralha horizontal, construída aos pedaços e incompleta, que foge o

tempo todo ao controle de quem quer compreendê-la em sua magnitude ao invés de experimentá-la em seus percursos.

Acompanhar processos, lançar-se em percursos e experimentar sentidos; estar com o objeto/sujeito de pesquisa e vivendo com ele; que os acontecimentos pelo meio do caminho sejam motivo não de controle, mas de interferência possível na pesquisa. Seria possível uma metodologia assim, a de uma muralha kafkaniana?

Desde o fim de minha graduação em Biologia, quando realizei o trabalho de conclusão de curso¹⁵ com a leitura dos poemas de Alberto Caeiro a partir de uma atividade cultural e educativa conhecida como Tertúlia Literária Dialógica¹⁶, as questões do *saber com* já estavam presentes e, portanto, as contradições com o tradicional modo de pesquisa ensinado no curso de Ciências Biológicas. Participar do grupo de estudos Escriarte¹⁷, onde li pela primeira vez esse texto de Kafka, me colocou em contato com uma diversidade de outras leituras e perspectivas – reflexo da diversidade que compõe o próprio grupo –, contribuindo para a problematização dessa questão.

Foi então que entre textos, leituras, amizades e discussões, conheci a perspectiva metodológica da cartografia, a qual me chamou à atenção pelos temas que discute e pelo modo como os aborda – a questão do desejo como força criadora, a potência de vida, a narração como um modo de composição. Assim, quando me surgiu a ideia de pesquisar sobre a prática da escrita na prisão, também pensei em poder estudar mais sobre a cartografia, já que suas discussões epistemológicas, políticas e éticas me instigavam no campo da pesquisa. Mais do que pretensões de classificar e de analisar funções da escrita na prisão, eu desejava estar lá dentro, escrever junto com eles e conversar sobre a vida que ali viviam. A cartografia, em seus desafios, se apresentava como uma escolha interessante.

Escolhê-la foi um desafio não só de estudo e pesquisa, mas também um desafio comigo mesmo: como acompanhar processos? Há que se aprender; ser um cartógrafo-aprendiz, como diz Alvarez e Passos (2009). Para os autores, esta aprendizagem é um processo qualitativo, de cultivo sensível. Portanto, entrar na prisão e habitar os territórios

¹⁵ O trabalho entregue em 2011 para a conclusão da graduação em Ciências Biológicas pela UNESP – campus Rio Claro, tem como título: *A construção dos (des)caminhos na relação ser humano-sociedade despertadas a partir das leituras de Alberto Caeiro em uma sala de EJA*.

¹⁶ A Tertúlia Literária Dialógica é desenvolvida e estudada pelo núcleo NIASE da UFSCar e coordenado pela professora Roseli Rodrigues de Mello.

¹⁷ Escriarte é o grupo de estudos coordenado pela Prof^a. Dr^a. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo, do Departamento de Educação da UNESP – campus Rio Claro, da linha de pesquisa Linguagem-Memória-Experiência-Formação.

existências ali presentes, ou ainda em construção e, até mesmo, em desconstrução, cultivando uma disponibilidade à experiência, não é algo que se faz logo na primeira vez que se adentra um espaço como o que eu pretendia pesquisar. Exigia de mim um exercício de atenção comigo mesmo para o modo de percepção dos sons, cheiros, das conversas e dos momentos em cada coisa acontecia ali. De certa forma, há que se ter uma abertura para a experiência desses sentidos, a qual só é possível quando não se pretende controlar e dominar aquilo que se busca conhecer. Ao mesmo tempo, não quer dizer que seja um estado de passividade diante do que acontece, e sim de uma receptividade afetiva e curiosa para com a realidade que se adentra (ALVAREZ & PASSOS, 2009).

Afinar esta percepção requer uma aprendizagem com o próprio espaço. Perceber os estados em que eu entrava após escutar ou ver determinadas coisas; perceber a influência de minha abertura ou não para os acontecimentos de um momento; o que chegava até mim e como eu dava continuidade para determinadas coisas ou não; tudo isso levava-me a repensar preconceitos, posturas e a própria prática educativa. Os meus estudos para realizar a pesquisa mesclavam-se com a prática educativa enquanto era professor no CR masculino. Portanto, ser professor e pesquisador, ao mesmo tempo, foi fundamental por possibilitar minha presença diária na instituição e, assim, aprender com o espaço vivendo nele. A cartografia, inicialmente, era experimentada por mim nos momentos destinados à educação escolar no CR.

Enquanto a cartografia se constituía como o modo de construção da pesquisa, a busca de outros estudos que tratassem do tema da escrita na prisão também fez parte do processo. A busca se deu basicamente em dois âmbitos: no site do SciELO e em um documento divulgado pelo Observatório Nacional do Sistema Prisional (ONASP) – grupo ligado à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). No site do SciELO, o campo destinado à pesquisa de artigos possui três filtros: (1) método, (2) palavra chave, (3) onde. O preenchimento desses campos foi realizado da seguinte maneira: (1) integrado, (2) prisão; escrita, (3) Brasil. O resultado apresentou quatro artigos relacionados ao tema.

A ONASP (2014) lançou um documento com o mapeamento de todas as teses e dissertações relacionadas ao sistema prisional entre os anos de 1987 e 2012. O quadro de trabalhos apresentado por esse mapeamento possui as seguintes divisões: Autor; Título do trabalho; Ano; Instituição; Região; Estado; Área do conhecimento; Título (mestrado ou doutorado); Orientador. Assim, a busca neste documento se deu a partir dos trabalhos que apresentassem a própria palavra *escrita* no título ou algum indício de relação com

ela, como, por exemplo, cartas ou narrativas. A busca resultou em mais quatro artigos relacionados ao tema.

Sendo assim, na pesquisa pelo SciELO e pelo documento da ONASP foram encontrados oito trabalhos científicos a cerca do tema da escrita na prisão e, em nenhum deles, a cartografia foi utilizada como método de pesquisa. Portanto, este trabalho torna-se pertinente quando se propõe investigar um tema que necessita ser mais explorado.

3.2 – Cartografia e Prisão

Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de toda a gente. Aquilo que não havia, acontecia. (ROSA, 2008a, p.80)

O procedimento metodológico que envolve a pesquisa – em seu estudo teórico, de trabalho de campo e de produção de discursos em torno dos sujeitos – está pautado na noção de cartografia, conceito desenvolvido por Deleuze e Guatarri, a qual pode ser considerada um método a ser utilizado em pesquisas de campo voltadas para o estudo da subjetividade (KASTRUP, 2007). A cartografia, neste caso, é um modo de acompanhar e desenhar paisagens psicossociais a partir das intensidades geradas na experiência dos encontros entre territórios subjetivos (ROLNIK, 2007). Cartografar é a tarefa de “dar língua para afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2007, p.23); é um exercício de composição de linguagem ao se experimentar as múltiplas intensidades dos encontros, as quais atravessam, invadem e transformam territórios existenciais (BRAGA, 2014). Pela cartografia é possível acompanhar e tornar visível movimentos de processos de subjetivação; buscando problematizá-los enquanto acontecem e investigar os indícios de suas pegadas quando passam.

A cartografia está ligada às estratégias do desejo na construção de um real social, portanto diz respeito às forças do viver e, quando levada aos campos da educação tem a função de atualizar a potência de uma vida (OLIVEIRA & PARAÍSO, 2012; ROLNIK, 2007). Para que exista uma cartografia, há o trabalho do cartógrafo, no qual não existe uma definição específica de procedências e nem de referenciais teóricos exclusivos a serem seguidos; sua prática é inventiva e sempre a favor de uma vida em expansão. Sua ação deve caminhar, portanto, no sentido de permitir que esse movimento ganhe expressão e se realize (ROLNIK, 2007). Para Oliveira & Paraíso (2012, p.175) “O

cartógrafo em educação está atento à vida que se faz, desfaz e refaz nos espaços educacionais”.

Rolnik (2007, p.65) explica como procede o trabalho do cartógrafo. Com relação a seus referenciais teóricos, a autora explica que o cartógrafo absorve toda matéria que dê língua para os movimentos do desejo, tudo aquilo que sirva para cunhar matéria de expressão e criar sentidos; filmes, conversas, músicas e textos. Portanto, o fazer cartográfico é antropofágico. Com isso, a busca do cartógrafo é sempre a de dar passagem para intensidades em movimentos, de “[...] mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem.” (ROLNIK, 2007, p.66). A autora também explica que para isso não há um procedimento a se seguir, mas sim que é preciso inventá-lo em função daquilo que pede o contexto em que se encontra.

Nessa abertura não quer dizer que não se tenham regras. Rolnik (2007) expõe que o cartógrafo deve levar consigo seus critérios, princípios e regras. O critério principal está no grau de abertura para a vida que cada um se permite a cada momento. Neste critério reside seu princípio: o abrir-se para a vida em expansão e ir contra tudo aquilo que deprecia essa vida. Portanto, seus critérios e princípios são vitais e não-morais (ROLNIK, 2007, p.68). Mas algumas defesas são acionadas para proteger a vida quando as partículas de afetos estão em suspensão e expansão; pode-se não suportar o processo de liberação dos afetos recém-surgidos. Aí reside a regra de respeitar os limites desses processos e as singularidades de cada situação. Sem essa regra de respeitar esse limiar, o que era para ser potência de vida pode transformar-se em destruição de si mesmo e/ou do outro. O cartógrafo, lembra Rolnik (2007, p.69), deve agir em nome da vida e não ao contrário.

Ao tratar da vida, dos desejos e da linguagem, a cartografia se faz na intimidade da produção de um real social e, nesse fazer, assume seu caráter político – mais especificamente, na esfera do micropolítico por estar ali onde se criam e/ou se desmancham existências nas relações com o mundo (ROLNIK, 2007).

A cartografia apresenta-se, então, como um caminho pelo qual é possível acompanhar “e se fazer ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos, sua perda de sentido, e a formação de outros.” (ROLNIK, 2007, p.23). Um modo de acompanhar os movimentos da experiência enquanto se experimenta; um modo de *atravessar-junto* os caminhos desconhecidos e imprevistos da pesquisa; um modo de *inventar-com* quando se propõe a investigar os territórios da experiência – e neste caso, a experiência da escrita na prisão.

Algumas palavras vão delineando esse método: desejo, psicossocial, micropolítico, intesidades, atravessamentos, des/territorializar, entre outras. A cartografia se faz, portanto nas linhas de movimento da vida, e não em pontos. Linhas estas que se cruzam, arrebetam ou desenredam, constroem ou fixam.

As duas primeiras (linhas de segmentaridade dura ou corte molar e linhas de segmentação maleável ou de fissura molecular) são linhas de territorialização, estratificação, significação, as que tentam definir, dar uma rota segura, uma essência estática a um território. Já as últimas, as linhas de fuga ou de ruptura são linhas de desterritorialização pelas quais um pensamento foge sem parar, uma linha pela qual se foge e se faz fugir todo um sistema como se arrebeta tubos (OLIVEIRA & PARAÍSO, 2012, p.167).

A cartografia também possui sua maneira própria de ver o objeto de pesquisa: ele não é um dado a ser coletado, nem uma unidade a ser compreendida. Ele é tomado como testemunho de uma vontade de viver, de durar, de crescer e intensificar a vida; vai pelo que dele transborda pelos contornos, onde fragmentos e fluxos se articulam. Objeto este que não é visto como fixo e, assim, pode tomar emprestado um grande número de modos de existir (OLIVEIRA & PARAÍSO, 2012, p.165-166). Por isso ela não tem um como-fazer; a cartografia se arranja nos encontros dos corpos, na ação de pesquisar, no inventar de narrações, na produção de sentidos, na escrita.

Passos e Barros (2009a) chamam atenção que a cartografia não é uma ação sem direção, e sim que ela reverte o sentido tradicional de método de pesquisa. Portanto ela se firma como um desafio de traçar no percurso da pesquisa suas metas, e não mais caminhar para alcançar metas pré-fixadas. Nesse “novo” sentido, os autores ressaltam a importância de sempre se considerar os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto de pesquisa, o pesquisador e seus resultados.

A cartografia se constitui, em boa medida, nos modos narrativos, portanto é onde assume seu tom político. Passos e Barros (2009b) esclarecem que a política, neste caso, é vista na forma como coloca sujeitos em relação e os faz assumir posições em relação ao mundo e a si mesmos, indicando a dimensão micropolítica das relações de poder. Deixam claro a posição de que “[...] o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e do mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político.” (PASSOS & BARROS, p.151, 2009b). O fazer narrativo – portanto, político – da cartografia está do lado do intensivo, ou seja, “[...] tomar a palavra em sua força de criação de outros sentidos, é afirmar o protagonismo de quem fala e a função performativa e autopoietica das práticas

narrativas” (PASSOS & BARROS, p.156, 2009b). Uma busca de desmontar enunciações pré-estruturadas e fazer aparecer as condições de produção do narrado; desde dentro, abrir passagens às forças da criação de um território existencial possível: “O método da cartografia implica também a aposta ético-política em um modo de dizer que expresse processos de mudança de si e do mundo” (PASSOS & BARROS, p.170, 2009b).

Às pessoas presas são destinadas uma série de discursos que também a aprisionam. A elas ficam estigmas, preconceitos, violências e marcas da marginalidade por ter atravessado os limites da lei. Provocar fissuras no discurso já estruturado para o sujeito criminoso faz parte da política cartográfica; criar fraturas nos blocos de enunciação para o condenado: é aí onde a cartografia se faz necessária. Para Leite (2014) ela é um método que deve ser experimentado nas prisões por trabalhar numa perspectiva de lateralidade na relação com os internos da instituição; de intervenção no espaço, atentando-se aos fluxos e bloqueios ali presentes e em como a própria presença do pesquisador interfere nos movimentos ali existentes – se reforçando bloqueios ou criando expressões e realizações das intensidades trocadas. Ao pensar sobre o método cartográfico no espaço prisional e seus desafios, Leite (2014, p.797) faz os seguintes apontamentos:

A cartografia é um método de pesquisa-intervenção no qual o pesquisador mergulha no campo e se mantém atento ao que não espera encontrar, às irregularidades, surpresas, inconsistências, às forças declaradas ou não e aos seus jogos, aos movimentos e devires. Não busca essências ou descobertas de objetos dados, e sim a problematização de objetos naturalizados. Justamente por acompanhar fluxos, uma cartografia não tem momento definido para começar.

A prática cartográfica não se iniciou no momento em que entrei no CRM para iniciar minha pesquisa. Talvez ela tenha se iniciado antes... mas procurar seu início é uma tarefa desnecessária. Tendo em vista que atravesso uma experiência de escrita na pesquisa em educação, são os movimentos de tal empreitada que busco narrar aqui. Mas mesmo esse processo de pesquisa só existe devido à minha experiência anterior enquanto educador no CRM e no CRF. Portanto, não deixo de fora deste trabalho os modos como me afeto na prisão e me movimento nela seja como educador e/ou pesquisador. São nos vórtices do fazer-se educador e pesquisador em contexto de privação de liberdade que eu me coloco aqui como escritor no campo da educação.

O modo como interpreto o espaço, como ele me afeta e as relações que lá criei passam pela composição deste trabalho, ou ao menos, tentei fazê-los presente nessas linhas. Sendo assim, o desafio que se põe diante de mim é: como cartografar (n)a prisão? Espaço de controle dos fluxos e corpos, da disciplina ostensiva e vigilância constante; controle rígido da vida, mas por onde sempre se escapam fluxos e modos de composição.

3.3 – A pesquisa entra na prisão

Trabalhos como o de Diniz (2015), Goifman (1998), Leite (2014), Salla (2013) e Vedovello (2008) revelam a vida que se compõe nos interiores da prisão e os desafios de se realizar uma pesquisa nos espaços privativos de liberdade. Cada um deles adentrou um espaço prisional diferente, com realidades distintas, mas todos eles enfrentaram a burocracia, a rígida hierarquia dessas instituições, as incertas negações e decisões dos diretores das unidades, os conflitos entre os internos, a arquitetura vigilante e degradada ou, como resumiu Salla (2013), os labirintos da prisão.

A experiência de fazer pesquisa na prisão é a mesma de percorrer dois labirintos. Primeiro, colocam-se os caminhos tortos, sinuosos, com idas e vindas, com autorizações e negações, negociações e astúcias, para que se possa entrar nas prisões. Segundo, a esses percursos confusos e sempre pontilhados de desconfiança que orienta os que governam as prisões, estão os desafios do labirinto real, dos labirintos arquitetônicos, nos quais um pesquisador em geral nunca pode se mover sozinho, com autonomia de decisão (SALLA, 2013, p.13)

Por entre a arquitetura ordenante e uma rotina fixa, estabelecem-se relações labirínticas que não se entende logo na primeira vez que se entra na prisão como professor e/ou pesquisador. Adentra-se as relações de poder ali consolidadas, ou em consolidação, ou a serem criadas. Relações entre pesquisador e preso, pesquisador e agentes penitenciários, pesquisador e administração, pesquisador e professores/as; é no meio delas que se tece e constroi sentido a prática da pesquisa na instituição carcerária. Ambas se afetam uma com a outra e criam seus caminhos. Salla (2013) considera que perceber as emoções ali presentes, os gestos, as atitudes que conformam e expressam os sentimentos dos homens ou das mulheres nos espaços labirínticos das prisões é uma das tarefas essenciais das pesquisas que adentram os espaços privativos da liberdade.

Nesses labirintos há caminhos que são facilitados por agentes da própria instituição ou caminhos fechados por outros funcionários. Leite (2014) relata que encontrou funcionários que procuravam facilitar ao máximo seu trabalho, sorriam e eram

gentis, além de comentar sobre a importância do trabalho que realizava com as reeducandas da Penitenciária Feminina Madre Pelletier. Mas também encontrou as armadilhas da instituição quando sua chave era desconhecidamente extraviada e precisava retomar toda uma burocracia para conseguir entrar na unidade; ou então quando diziam que a responsável por seu acompanhamento dentro da penitenciária não estava lá, sendo que, na verdade, sempre estava. Leite (2014, p.799) assim diz sobre essas relações:

A organização carcerária atinge todos os envolvidos com o aprisionamento, dificultando a formação de vínculos lateralizados, ao bloquear a circulação, o fluxo das pessoas, das informações, dos sentimentos, dos saberes e dos afetos, inibindo a produção de vida e a potência. Relações de poder/saber predominantemente enrijecidas e verticais tendem a colocar a comunicação a serviço do controle, a propiciar atravessamentos e a prescrever modos de subjetivação mais cristalizados e individualizados.

Vedovello (2008) comenta da dificuldade em conseguir acessar os interiores das prisões pelo fato delas não quererem demonstrar o que se passa lá dentro. A autora explica que inicialmente seu projeto de pesquisa pretendia adentrar uma unidade da FEBEM (atualmente se transformou na Fundação CASA). Mas devido à negação de seu projeto, acabou por mudar a instituição a ser estudada – no caso, para o CR de Marília (SP). Ao conseguir a autorização para pesquisa na unidade, Vedovello (2008) relata do interesse da direção em utilizar os dados do trabalho para promover a própria unidade, iniciando, portanto, um jogo de interesses que faz parte da investigação em espaços carcerários. Outra interferência relatada pela autora foram os ataques do PCC em maio de 2006 – período em que realizava a pesquisa. Mesmo não ocorrendo nenhum problema no CR onde trabalhava, sua pesquisa fora interrompida durante este mês.

Em cada pesquisa, situações diferentes são enfrentadas, seja na relação com a direção, com os funcionários ou com os próprios presos. Goifman (1998) ao realizar seu trabalho sobre o tempo no cotidiano prisional, utilizou-se de uma câmera para filmar os interiores e os modos de vida de algumas prisões. Para conseguir entrar e registrar imagens em penitenciárias, ele ressaltava a importância de uma aproximação com a instituição antes mesmo de se iniciar a pesquisa. Além da relação com a instituição, diz ser importante a construção de relações de confiança com a população prisional para que se tenha acesso ao universo cotidiano entre as grades. Goifman (1998, p.46) diz que nesses momentos de autorização ou não da instituição, fica clara “[...] a dialética entre transparência e opacidade que articula as relações de poder na prisão.”.

Na relação que estabeleceu com os presos, encontrou uma série de dificuldades por trabalhar diretamente com a imagem deles. Goifman (1998, p.48) relata a desconfiança dos presos com o modo de divulgação dos vídeos, pois eram desconfiados com relação à manipulação da realidade carcerária. A imagem que a sociedade possui dos presos já é degradada e, por isso, se preocupavam com a impressão que elas iriam gerar em outros espaços. Outro fator que ele relata é o desejo de muitos não aparecerem nos vídeos devido aos problemas com quadrilhas fora dos muros da cadeia, ou então porque não queria que seus parentes o vissem naquele lugar.

As dificuldades, surpresas, atrasos e mudanças de rotas fazem parte das pesquisas nas prisões. Seus labirintos quebram com protocolos de pesquisa, desarranjam organogramas, bagunçam cronogramas, pois a partir do momento em que se entra nela não é possível permanecer-se intacto diante das relações ali existentes.

3.4 – Retorno ao CR: pesquisador em campo

Adentrar o espaço prisional para desenvolver um projeto de pesquisa requer atravessar burocracias e relações de poder da instituição, o que se configura como um desafio para quem pesquisa. Nos estudos apresentados acima pode-se perceber que nenhuma realidade é idêntica, portanto não há método específico a ser seguido nas pesquisas em prisões. Seguem-se protocolos, indicações, preenche-se papeis, mas nada garante o que se encontrará pelo caminho. Há que se ter cautela, paciência e persistência.

Se cada pesquisa é constituída por uma trajetória, este trabalho também carrega suas peculiaridades. Até o início das atividades a serem realizadas com os educandos, muito se passou: minha relação com os funcionários do CR e com a população prisional, o momento em que deixei de ser professor e, por fim, quando entrei novamente como pesquisador.

Foi no fazer educativo, nos encontros diários pelas aulas de Ciências da Natureza, que fui aprendendo junto com eles sobre as regras, os modos de se falar e de se viver na prisão. A educação é esse tipo de relação humana em que de repente estamos aprendendo sobre o mundo através dos encontros e daquilo que não está ou é programado para acontecer. Ela passa por esse de repente que movimenta percepções, conhecimentos, memórias, angústias, potências, dúvidas e certezas.

As palavras que íamos trocando pelos encontros alimentavam meu ser, recriavam em mim a curiosidade e a vontade de saber. Essas trocas retornavam a eles nos momentos que construíamos juntos durante as aulas. Curiosidade potente, pois fundada no desejo

autêntico de conhecer, quebra barreiras, nos desafia a acreditar e a amar até mesmo aquilo que desconhecemos; nos desafia a ter coragem em experimentar. Foi desse fazer educativo que surgiu a ideia de uma investigação da prática da escrita de cartas no CRF de Rio Claro.

Este foi o projeto inicial para a pós-graduação em educação, uma vez que as experiências enquanto professor de Ciências no CRF em 2013 haviam deixado suas marcas em minhas memórias. Mas alguns acontecimentos mudaram os rumos do projeto. Em 2015 iniciei meus estudos, entretanto eu não era mais professor no CRF e nem no CRM. Com o projeto em mente, almejava voltar a ser professor na unidade feminina, pois assim iria construindo minhas relações com as educandas e poderia realizar um trabalho educativo naquele espaço. Enquanto isso, uma amiga que trabalhara como professora de Ciências da Natureza no CRM havia cumprido com seu período permitido pelo Estado de São Paulo para lecionar e isso a impossibilitou em continuar com as aulas. Sabendo de meu interesse, quando estava para sair, me avisou que as aulas estariam vagas e que eu deveria ir atrás o quanto antes para consegui-las. Corri com a documentação e, ao fim, estava eu com as aulas de Ciências no Ensino Fundamental e Ciências Naturais no Ensino Médio do CRM. Não haviam aulas vagas para o CRF, o que me fez repensar o público de minha pesquisa, uma vez que passaria a desenvolver uma relação mais próxima com a população do CRM. Eu realizava, então, a primeira mudança no projeto: não mais a escrita de mulheres, e sim de homens.

Durante 2015 atuei, então, como professor no CRM. Todas as noites adentrava a unidade e lecionava os conteúdos das Ciências Naturais com eles. Fomos nos conhecendo e, assim, adentrei cada vez mais as relações daquele espaço. Enquanto isso, dava início aos trâmites burocráticos no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Secretaria de Administração Penitenciária (SAP) para que autorizassem minha pesquisa dentro da unidade. Para se desenvolver uma pesquisa em qualquer prisão é necessário passar por esse comitê, o qual irá avaliar se o projeto está condizente com as exigências e peculiaridades de um espaço prisional. Portanto, é pedido a quem pesquisa um cronograma detalhado de atividades a serem desenvolvidas, além de assumir total responsabilidade por qualquer situação não prevista decorrente dos desdobramentos da pesquisa no espaço. Quando conversei com o diretor do CRM sobre a possibilidade de realizar o projeto na unidade, ele reforçou a necessidade de aprovação do projeto pelo CEP. Apesar da boa relação, minha entrada seria permitida somente após aprovação do

comitê e autorização judicial, a qual é dada pelo juiz da cidade onde está localizada a instituição após autorização do CEP em realizar a pesquisa.

Lecionar nas prisões não é tarefa simples. Há a relação da escola com a instituição, a relação do professor com os outros professores, do professor com os educandos, do professor com a unidade. Em 2015 houve uma greve de professores nas escolas do Estado, da qual fiz parte e fiquei um mês distante dos trabalhos em sala de aula. Esse motivo, aliado a uma conjuntura de outros fatores, fez com que ao final do ano eu abdicasse das aulas no CRM. Eu sabia que o fato de eu sair da unidade influenciaria na construção das oficinas de escrita previstas para o trabalho de campo.

O ano de 2016 foi marcado pela tramitação do projeto nas instâncias burocráticas e por meu afastamento da unidade. Para ser aprovado ele deveria ter detalhadamente como seria cada encontro que tivéssemos, os conteúdos abordados e como seriam trabalhados, além de apresentar possíveis remediações para contornar problemas entre os presos. A necessidade de detalhamento do projeto acabou por fazer com que ele voltasse algumas vezes do comitê para correções. Os trâmites burocráticos tiveram fim em outubro de 2016, mês em que aproveitei para fazer as divulgações das atividades do projeto. Para isso, eu precisava adentrar novamente no CRM, mas dessa vez como pesquisador.

Por onde divulgar as oficinas de modo que um maior número de pessoas fossem informadas? A escola me parecia ser um lugar profícuo e, então, fui conversar com os responsáveis para checar a disponibilidade do espaço. Eu sabia que havia um dia da semana, a terça-feira, em que todos os educandos que frequentavam a escola se reuniam na área de convivência para cantar o hino nacional. Pensei ser este um bom momento e fui fazer a proposta para a direção escolar e da unidade. Assim que consegui as autorizações, fiquei a pensar no papel da escola dentro de espaços prisionais como uma articuladora de abertura da prisão com a sociedade.

Apesar de nunca faltarem os elementos da hierarquia e da comunicação demorada, entrar no CRM é sempre uma surpresa. Agir somente com autorização do superior e não se intrometer na função do outro é regra básica de trabalho para os funcionários. Cheguei às 18h, horário de troca de turno. O porteiro ainda era o do turno do dia; ele apenas aguardava a chegada do vigia da noite. Havia a autorização do diretor para minha entrada, mas de acordo com ele, era melhor eu aguardar a chegada do funcionário da noite, pois naquele horário não era mais sua função checar a entrada e saída de pessoas por ali. Limites: de horário, das funções, das ações. Compreensível sua atitude, pois o CRM

prezava pela ordem e pela disciplina. Ali elas se apresentavam e se materializavam para mim.

Logo após a autorização de minha entrada pelo funcionário da noite, percebi uma mudança: os professores só adentram o segundo portão da unidade quando todos chegarem – não era mais permitido entrar um professor por vez. Enquanto isso, aguardam na área do estacionamento. Fiquei à espera dos demais em um jardim com cadeiras sob uma árvore, onde os pássaros cantavam ao retornar para o ninho. Por alguns momentos até me esqueci de que estava em uma prisão.

Os professores iam chegando e alguns eram conhecidos do tempo em que trabalhei na escola. Todos presentes, seguimos para o portão azul que dá acesso ao interior da prisão. O seu tamanho é imponente, composto por duas abas enormes, uma porta menor para acesso e uma viseira que permite um pequeno olhar para o interior de quem chega ali fora. Pouco se mostra e pouco se permite; assim se segue na prisão: aos poucos. Enquanto aguardávamos em silêncio pela chegada do Agente de Segurança Penitenciária (ASP) para abertura do portão, eu olhava aquela pequena viseira e pensava: “não se vê. E quando se vê, é o mínimo possível. Limites da prisão”. Logo em seguida apareceu o rosto do agente.

O portão azul enorme tinha sua única abertura preenchida pelo rosto do guarda. Com seu olhar de “conferência” checava quem estava ali e, como esperado, seus olhos pararam diante de mim. Eu o conhecia e ele conhecia a mim; entre nós, sabíamos como funcionavam as coisas. Logo me disse: “o que você tá fazendo aqui?”. Respondi sem me alongar: “voltei”.

Corpos observados e conferidos, entrada permitida. O rosto sai, a portinhola se fecha. As travas são abertas, o metal canta seu som no encontro da chave com a fechadura. Este som é rotineiro para quem ali vive ou trabalha e a ele se habitua, mas após quase um ano sem escutá-lo, ele se torna estranho novamente. Aquele som, naquele altura e movimento, só poderia acontecer ali mesmo. A porta se abre e o ASP aguarda ao lado dela cumprimentando quem entra. Em nosso convívio eu fazia questão de sorrir para ele, de modo a criar um contraste com seu ar sempre sisudo. Fiz isso novamente, pois era um modo de demarcar nossas diferenças naquele espaço. Entramos e aguardamos no lugar de praxe: a sala para os professores.

Tudo pronto e organizado, nos encaminhamos para a grade que dá acesso ao detector de metais (este local os presos chamam de gaiola, pois é quadrado e fica entre dois grandes portões gradeados). Eu estava desabituaado ao excesso de ordem, espera,

grades e chaves. Tudo demora, você não transita como, onde e nem quando quiser. Porém, eu estava feliz de estar ali. Essa alegria agitava meu corpo e o colocava em movimento sem que eu tivesse controle disso. Essa alegria nitidamente não cabia naquele espaço, pois há que se ter o controle dos corpos e das emoções, nada de extravagâncias para além dos poros epiteliais. Contive-me um tanto à contragosto, um (bom) tanto por pressão externa e outro tanto pelo cuidado para que nada saísse do controle. Esse pensamento me veio bem no momento em que atravessava as grades.

Contive a alegria, passei pelo detector de metal e observava os presos caminhando pelo corredor. Esse corredor é um ponto de observação do ASP sobre o preso e, portanto, os educandos passam um tanto cabisbaixos e com os olhos entre dóceis e submissos. Entramos nesse corredor e fomos para a área de convivência que, todos os dias, se transforma em escola para, mais tarde, voltar a ser área de convivência. Naquele instante era a hora do hino nacional.

Todos presentes. Mãos para frente ou para trás na altura da cintura. A professora pede silêncio, ordem e respeito à bandeira nacional. Sua voz instala algo, seus comandos fazem funcionar/operar os corpos de uma determinada maneira. É neste imperativo que começa a funcionar um modo disciplinar da escola. Mas algo deixa de acontecer e logo a música emanada do rádio passa a reger os corpos, as vozes, os olhares. Após o hino cantado por (quase) todos, é minha vez de falar.

Fico na frente deles. Alguns sentam, outros ficam em pé. Olhares atentos, ouvidos abertos ao convite. Faço minha fala sobre o projeto e vejo sinais de dúvidas. Perguntam e explico melhor. Ao final, quando não fizeram mais perguntas, agradeço a atenção. Conhecidos de quando trabalhei por lá vêm ao meu encontro perguntar se podem participar mesmo não querendo escrever muito. Digo que sim e, neste momento, sinto que a relação de confiança que se estabelece lá dentro é realmente fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. Eles precisavam me conhecer para participar.

Um educando que trabalha na biblioteca veio até mim e disse: “eu lembro de você comentar desse trabalho e eu disse que ia dar certo! Agora estamos aí”. Ele, com seu jeito sorridente e divertido me fez pensar na vida dali de dentro: nas amizades, nas malícias do convívio, a sobrevivência e o conversar pelas entrelinhas. Ele era um daqueles sujeitos que sabem resistir nestes espaços.

Em seguida aproximou-se um educando que eu sabia ter certa intimidade com a prática da escrita, pois já havia ganho no ano anterior o concurso de redação promovido pela escola. Ele me perguntou se poderia participar das atividades mesmo levando escritos

já prontos ao invés de ter que criá-los na hora. Eu, no intuito de me abrir ao que aparecesse naquele momento, disse que sim e que toda escrita era bem vinda. Ele se empolgou e logo complementou que na verdade já tinha praticamente um livro pronto e que gostaria de uma ajuda com seu material. Percebi, então, que aquilo que eu havia programado precisaria de ajustes para dar conta do que realmente chegava até mim. Caso contrário, poderia perder uma pessoa interessada. Combinado feito, ele deu certeza de que participaria. Eu contava, naquele instante, com pelo menos uma pessoa.

Após a divulgação e a conversa, segui para a biblioteca, onde fiquei por um tempo. Havia novas pessoas, novas histórias e, entre eles, um garoto que estava prestes a se tornar jogador de futebol. Em minha cabeça, incontrolavelmente passavam-se inúmeros pensamentos. Um deles dizia: “a vida não é uma ordem, nem uma linha reta”. Enquanto isso, de outras conversas, eu escutava: “o que nos rege?”; “quantos medos eu tenho e quantos medos eu não tenho?”.

O ser humano, ao final, se arrisca. Se arrisca para não perder a potência de criar a si mesmo. Os corpos carregam uma história da vida em cada DNA que se propaga e, nessa história, as forças do porvir; forças que querem se fazer e continuar fortes. Produzem corpos que resistem, de alguma forma, àquilo que assujeita e esgota.



Travessias da vida: oficina de invenções do cotidiano

O que seria a vida
senão uma
grande aventura?
Nela,
atravessamos
experiências e
compartilhamos
encontros, muitas
vezes,
inesperados. Em
tudo isso
aprendemos sobre
a tarefa do viver.

A oficina, aqui te
convida, a mais
uma aventura: a
da criação com as
palavras. Tragam
suas histórias,
seus sonhos, suas
experiências e
sua criatividade.
Qual história
ainda não foi
contada ou
criada?

Nas ondas
sonoras das
palavras,
vamos criar
novas
composições,
poemas,
músicas e, por
que não,
desenhos?

Quando:
Sextas-feiras, das 14h às 16h
(8 encontros a partir de 14/10)

Inscrições: na biblioteca

Figura 3 - cartaz colado na biblioteca para divulgação das oficinas.

Após 15 dias da primeira divulgação, eu retornava à unidade. Esse tempo entre a primeira e a segunda visita acabou sendo grande, mas também não havia como eu ir antes devido a alguns compromissos assumidos há tempos atrás. Eu tinha alguns interesses

nesse retorno como, por exemplo, verificar se havia algum inscrito na oficina, ver como estava a escola, que os presos me vissem mais uma vez e soubessem de minha presença. Essa segunda visita foi bem diferente da primeira; as impressões foram outras, sem a empolgação do retorno após quase um ano e, portanto, mais calma e disciplinada. A partir de registros que fiz nesse dia, separei-a, aqui, em momentos.

1º momento: a ida

Sozinho fui para o CR e no caminho me batia o medo com relação ao tempo. Não queria chegar atrasado e ver que os professores aguardavam apenas minha chegada para entrar. Pisei no acelerador. Quando atravessei o primeiro portão, descobri que aquela ordem em esperar por todos não estava valendo naquela noite. Tal obrigação muda de acordo com o plantão que está trabalhando. Relações da instituição. Me acalmei e entrei.

2º momento: chegada e permanência.

A sensação era de uma vigilância constante. Tudo parece te olhar e escutar. Fui tomado por uma ansiedade; os barulhos, mesmo os mais pequenos, eram captados pelos ouvidos em sensações estranhas e de incômodo. Era como se estivesse em estado de alerta. Você fala com uma voz te escutando, mesmo o mais simples enunciado parece carregar intenções do proibido, como se as ações tivessem que ser muito bem pensadas e calculadas. Seja com o guarda, com o preso ou com o professor, sempre há interesses não muito claros em jogo quando se conversa.

3º momento: Hino Nacional

O ritual de toda terça-feira. Por que cantam? Para que cantam? Para qual Brasil juram respeito? Momento estranho, sem sentido aparente. Apenas e sempre, cumprir ordens. Assujeitar-se a elas... Ordens de quem? Para quem?

4º momento: o escritor

Vou conversar com o bibliotecário que ficou responsável em receber as inscrições para as oficinas. Diz ele que tem muitos interessados, mas apenas um inscrito. Enquanto ele mostrava um ar penoso pelo fato de ter poucas pessoas, eu achava ótimo, era tudo o que eu precisava. Ele chama o inscrito e este vem para conversarmos um pouco. O que fazer com as oficinas se os textos já estão escritos? Entrevistas? Ele mostra alguns de seus textos e diz que tem interesse em publicá-los algum dia para que as pessoas saibam o que se passa dentro das prisões.

5º momento: os pequenos momentos

Enquanto caminho pelo CRM, encontro com sujeitos que ainda não me conhecem. Seus olhares são curiosos e me observam passar de um lado para o outro. Quando posso,

atendo à curiosidade do olhar e paro para uma conversa. Em seus caminhos incertos, o sujeito contou sobre seus relacionamentos, o quanto já frustrou a si mesmo e aos outros em suas aventuras amorosas. Diz que sabe o quanto é difícil ser totalmente honesto e o quanto isso machuca, mas reconhece ser algo importante em qualquer relacionamento. Conclui a história, alguém me chama, tenho que sair.

Entre os olhares curiosos, tem também aqueles olhares saudosos, conhecidos do tempo em que era professor. Paro para conversar com um educando que fazia seu artesanato, no caso um tapete de crochê. Ele comentava sobre a importância de fazer esse trabalho para complementar a renda do mês e, assim, ajudar a família. Mas só o fazia por isso, porque na verdade não gostava nem um pouco de costurar; achava que era trabalho de mulher e isso o deixava incomodado. Demonstrou seu interesse em participar da oficina, mas dizia que não era bom nessa coisa de escrever e, por isso, não sabia se iria comparecer. Eu lhe expliquei que não havia problema, pois a escrita não era um imperativo. Ficou duvidoso e disse que iria pensar a respeito.

Outro conhecido que trabalha na biblioteca vem me explicar sobre o tempo na prisão e as consequências disso em minha oficina. Ele explica que devido às pessoas trabalharem na rua e o horário destinado à oficina ser somente na sexta às 14h, complica a participação de mais pessoas, pois muitos interessados estão fora da unidade nesse horário. Situação difícil por entre o rígido cotidiano prisional.

Após o mês destinado para divulgação, dei início, no dia 14/10 às oficinas. Elas faziam parte do projeto de pesquisa, o qual previa uma intervenção no espaço para a produção das escritas juntamente com os educandos. Estavam planejadas e organizadas de acordo com as sugestões do CEP. Portanto, a seguir apresentado como foram planejados os encontros.

3.5 – Trabalho de campo projetado

Para conseguir a autorização de entrada no CR e desenvolver a oficina, era necessário fazer um cronograma detalhado das atividades e de como se daria cada encontro. Eram sugestões do CEP da SAP que se não fossem acatadas, dificilmente seria permitida a continuidade do projeto. Após o envio de uma primeira versão do projeto, as sugestões que recebi do órgão eram referentes à elaboração da oficina a ser realizada, ao projeto e à escrita do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE). Sendo assim, além do cronograma detalhado das atividades a serem realizadas eu deveria apresentar um modo de como seriam abordadas possíveis tensões e incômodos que a pesquisa

pudesse suscitar entre as pessoas ali presentes de modo a minimizá-las e evitar possíveis problemas para os reeducandos. Ainda sobre a oficina, deveria constar no projeto e no TCLE que seria reservado um tempo para devolutivas aos participantes das oficinas anteriores. Por fim, deveria estar claro também no TCLE que participar da pesquisa não traria nenhum benefício em relação aos processos criminais e que o risco que corriam em participar era médio em uma escala de mínimo, médio e alto devido à possibilidade de ocorrerem desconfortos pessoais referentes a conversas que carreguem algum conteúdo que possa lhe prejudicar naquele espaço ou que lhe faça lembrar de algo que não gostaria de reviver.

A partir das sugestões acatadas, algumas pequenas mudanças foram feitas no projeto da oficina, mas esta não perdeu sua essência de encontro onde pudéssemos compartilhar e criar escritas e leituras de mundo a partir de textos, vídeos ou situações de seu próprio cotidiano como disparadores de conversas. Sendo assim, o trabalho de campo pensado para esta pesquisa sobre a prática da escrita na prisão propõe a realização de uma oficina com caráter prático – produtivo e inventivo –, cujas dinâmicas consistem na elaboração de textos a partir de dispositivos¹⁸ (imagens, sons, textos) que provoquem o compartilhar de leituras de mundo. Portanto a oficina se propõe a ser um espaço de encontro com o outro para a experimentação de palavras, escritas e sentidos, composições de linguagens; espaço para produção de narrativas de si e do outro; cartografias.

Longe de sugerir produções em determinados gêneros literários, a proposta coloca em jogo formas de atenção para as maneiras como nomeamos o sentido e o não-sentido daquilo que nos atravessa, nos dá forma e nos encaminha ao imprevisível (LARROSA, 2002). Ao passo que o fazer da oficina está no compartilhar de leituras, na produção coletiva de narrações e escritas, ela não se preocupa com o produto final, mas no processo que leva a cada produção.

A programação pensada inicialmente contava em cada encontro com um dispositivo referente ao tema a ser trabalhado, o qual seria o disparador dos diálogos e das trocas de experiências; ao final, um material escrito seria produzido pelo grupo. No início de cada novo encontro haveria um tempo para a devolutiva do pesquisador aos participantes sobre

¹⁸ “Por esse termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões, regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos.” (FOUCAULT, 2013, p. 364)

a oficina anterior, de modo que poderiam saber sobre o andamento das atividades e da pesquisa. Diante do exposto, as oficinas foram pensadas nas seguintes condições:

- 1) **Local:** espaço de vivência do Centro de Ressocialização Masculino de Rio Claro.
- 2) **Nº de vagas:** 15
- 3) **Nº de encontros:** 8
- 4) **Participantes:** maiores de dezoito anos e que irão permanecer na unidade em tempo suficiente para participar de todos os encontros.
- 5) **Periodicidade:** semanalmente, às sexta-feiras¹⁹
- 6) **Duração:** 2h
- 7) **Material:** Papel sulfite, lápis e lápis de cor, borracha, caneta e caderno (estes materiais serão fornecidos pelo proponente da oficina).
- 8) **Temas Geradores:** a oficina estruturou-se em oito temas geradores, o que possibilita discussões diversificadas a cada encontro sem deixar de lado a experiência de vida dos participantes. Vale ressaltar que, para a oficina acontecer, não é estritamente necessário esgotar cada proposta temática; a duração da discussão e produção em torno de cada tema dependerá do envolvimento do grupo formado. Nesta perspectiva, cada tema poderá durar mais de um encontro caso o grupo veja tal necessidade. Seguem os temas:

a) *Quem sou eu?*

Este primeiro procura levantar as trajetórias de vida dos sujeitos ali presentes, de modo que comece a ser desenhada uma identificação enquanto grupo formado. Esta identificação só se faz possível quando cada integrante do grupo conhece as diversas histórias que o compõem. A produção deste encontro envolverá a construção de uma narrativa de si.

b) *Objetos culturais*

Em continuação ao encontro anterior, no intuito de construir a identificação do grupo a partir de suas histórias de vida, serão trabalhados os objetos culturais. Neste momento, cada integrante deverá trazer consigo um objeto significativo que o acompanha naquele espaço. Em roda, serão convidados a compartilhar as histórias desses objetos e as relações afetivas que possuem com eles. A

¹⁹ A periodicidade e duração dos encontros foram escolhidos de acordo com o permitido pela direção da instituição. Sendo assim, em acordo com o diretor da unidade, os encontros aconteceriam às sextas-feiras, das 14h às 16h.

produção deste encontro envolverá a construção de um texto e/ou colagem que traga a história dessas relações.

c) *O tempo na prisão*

Após o grupo já ter trocado um pouco de suas experiências de vida, eles serão convidados a compartilhar os modos como lidam com o tempo no encarceramento. Para disparar a discussão será levado pelo pesquisador um trecho de música ou documentário a ser escolhido dependendo do andamento dos encontros. A produção deste encontro envolverá a composição de um texto com imagens que possam trazer as percepções da vivência desse tempo na prisão.

d) *A escrita de cartas*

O quarto encontro será destinado à escrita de uma carta para alguém que já seja seu remetente (considerando que a troca de cartas já acontece e é um meio de comunicação pelas pessoas que habitam aquele espaço) e, portanto, seu conhecido. O desafio será escrever, para essa pessoa, uma história que nunca escreveu, portanto, o conteúdo da carta ficará a critério de quem escreve. A presença do pesquisador será fundamental para avaliar o conteúdo desta carta e, assim, acompanhar o processo de escrita para que não fira as regras da instituição.

e) *Memórias escolares*

Sendo a escola um espaço da educação formal, este será o dia reservado para compartilhar as trajetórias que eles traçaram por esses espaços. Quais fatos marcaram sua passagem por esse local? O que esse espaço significa para você? A partir de trechos do documentário *A Educação Proibida* (DOIN & GUZZO, 2012) será disparada a discussão. A produção deste encontro envolverá a composição de um texto com imagens a respeito do espaço escolar.

f) *A prisão*

Todos os integrantes do grupo se encontram em um lugar em comum: a prisão. Portanto, possuem experiências e reflexões a serem compartilhadas a respeito da vivência nesse local. Quais são as aprendizagens que tiveram nesses espaços? O que eles têm a falar da experiência de viver encarcerado? Para disparar a discussão será levado trechos do documentário *Sem Pena* (FUGANTI, 2014). A produção deste encontro envolverá a composição de um texto com imagens a respeito dessa experiência de vida.

g) Os sonhos

Aproximando-se do final das oficinas, a proposta é que compartilhem seus sonhos de vida. Compartilhar os sonhos é um modo de projetarem suas vidas para o futuro quando saírem em liberdade. A produção deste encontro envolverá a composição de uma imagem e um texto a respeito desses sonhos.

h) Encerramento: avaliação da oficina

Como fechamento das oficinas de escritas de si, será feita uma conversa a respeito de todo o processo. O que foram os encontros? Como foi parar para escrever sobre o que se escreveu? Será um modo de fechamento e de avaliação do processo. A produção deste dia será a escrita de um texto sobre a experiência de participar das oficinas.

As oficinas foram ministradas apenas por mim, fator este que tive de ressaltar no TCLE e na elaboração do projeto a pedido do CEP. Para responder aos problemas dos riscos, propus como suporte aos possíveis desconfortos gerados pelas trocas de experiências, a entrega de um caderno a cada integrante do grupo, o qual ficaria em sua posse desde o primeiro até o último encontro. O objetivo deste caderno era criar um espaço individual de troca entre participante e pesquisador caso fosse gerado algum incômodo durante os encontros, abrindo possibilidades de diálogos em momentos particulares para tratar deles e encaminhar suas resoluções. Este caderno não era para ser compartilhado com o restante do grupo e nem utilizado durante a oficina; sua função era a de gerar uma conversa que não coubesse no momento da oficina e, portanto, somente eu poderia ter acesso ao seu conteúdo caso algum participante sentisse tal necessidade.

Se o incômodo ocorresse no próprio grupo durante a oficina, seriam utilizados alguns dispositivos para a mediação de conflitos, como por exemplo, músicas, textos ou trechos de filmes que permitam uma reflexão acerca da tensão gerada. Esses dispositivos seriam utilizados como possibilidade de abrir espaço para diálogos e, assim, resolver conflitos. Além disso, todos estavam informados da possibilidade de se retirarem das oficinas a qualquer momento sem sofrer nenhum prejuízo por isso. Portanto, caso o participante se sentisse exposto ou estivesse sofrendo com algo, ele tinha a liberdade de não participar mais dos encontros.

Como registro para produção de material de pesquisa, foi pensada a gravação das conversas durante os encontros, gerando, portanto, um arquivo de áudio das oficinas. Esta gravação aconteceu somente mediante autorização dos participantes, os quais estavam

cientes de que ela seria transcrita para compor a presente dissertação e de que seria tomado o devido cuidado em preservar a identidade de cada sujeito mantendo em sigilo seu nome verdadeiro ao trocá-lo por alguma codificação. Esta também era outra exigência do CEP.

Sabendo dos problemas que é adentrar o espaço prisional, eu estava ciente de que tudo deveria acontecer de modo claro e dialogado. Além disso, o CEP especifica que sempre há riscos que não estão previstos quando se trata de trabalhar com pessoas. Portanto, para conseguir a autorização do comitê, eu também deveria me responsabilizar por qualquer problema gerado dentro da instituição, inclusive os não previstos. São riscos que se assumem ao pretender fazer uma pesquisa em um ambiente prisional.

Com a autorização em mãos, consegui adentrar o CR para desenvolver as oficinas, mas o cronograma previsto sofreu suas alterações, pois ao entrar no espaço as necessidades que ele me pedia eram outras. Isso me fez assumir outras possibilidades e direcionamentos para os encontros. As oficinas se transformavam durante seu acontecimento e ora se aproximava de uma roda de conversa, ora de um momento de entrevistas para, em seguida, virar uma roda de leitura. Pode-se dizer que os encontros não seguiam uma linha muito ordenada de acontecimentos, uma vez que fluia de acordo com o que os próprios participantes levavam de conversas no dia. Manter e/ou mudar ideias de acordo com o que acontece no momento em que se está presente em um espaço faz parte da metodologia cartográfica deste trabalho.

A seguir, apresento as oficinas, seus acontecimentos, o que suscitou sobre a experiência de escrever desde dentro da prisão, assim como outros temas que foram pertinentes e necessários serem discutidos para dizer da vida que se vive ao estar aprisionado. Ressalto neste momento a importância do caderno de campo para ajudar a compor um material de registro e de reflexão sobre os encontros. Durante a pesquisa, adotei a postura de escrever após as idas ao CR, o que me ajudava a dar sentido e linguagem para o que reverberava das oficinas em mim. Portanto, ele estará presente na composição da apresentação a seguir, mesmo que não esteja destacado no corpo do texto o momento em que me utilizo dele para a narração.

A respeito ainda do caderno de campo, destaco a presença em todo o trabalho aqui escrito, tanto nesta seção, como na seguinte e em capítulos anteriores, de registros que fiz ao longo da trajetória desta pesquisa. Registros e anotações de quando frequentava a unidade como professor; reflexões escritas em outros cadernos a partir de encontros do grupo de estudos Escriarte e até mesmo escritas de momentos em que nos pegamos

pensando a respeito de algo. Todo este material está aqui presente e faz parte da elaboração e construção deste estudo.

CAPÍTULO 4 - OFICINAS DE LEITURAS-CONVERSAS-ESCRITAS

Como dito anteriormente, os encontros não se configuraram somente em oficinas de escritas, como era previsto inicialmente. Os dois participantes, Jonas²⁰ e Cidadão²¹, que estiveram presentes em todos os encontros, já eram escritores e desejavam mais do que escrever, compartilhar seus escritos. Esta apareceu como uma das mudanças que tive de realizar em relação ao projeto inicial. De fato, escreveu-se pouco nos encontros, mas leituras de seus próprios textos para compartilhá-los aconteceram em diversos momentos. Ocorreram também momentos de perguntas uns para os outros e, o que era para ser uma oficina parecia se transformar em um triângulo de entrevistas. A conversa despretensiosa, feita com aquilo que cada um trazia consigo mesmo naquele dia, marcava o início de quase todas as oficinas, e se estendia por quase todo o tempo, até que alguém perguntava: “e o que você trouxe pra hoje mesmo?”. Mas até lá, o programado estava aquém da extensão atingida pela conversa.

O horário destinado aos encontros foi das 14h às 16h das sextas-feiras. Ele é o horário disponibilizado pela direção da instituição para o desenvolvimento de atividades culturais. Entretanto, ele não permite a participação de todos que desejam nas atividades, pois há aqueles que trabalham fora da unidade e retornam próximo das 16h. Mesmo para quem está no regime interno também há problemas, pois alguns trabalhos, como na cozinha, por exemplo, não permitem a participação integral nos encontros. Portanto, por mais que a própria unidade reserve este horário específico para atividades culturais, ele ainda apresenta restrições e conflitos com o próprio cotidiano da instituição, reduzindo as possibilidades de acesso às práticas educativas, assim como suas ampliações.

Os participantes fixos, Jonas e Cidadão, foram os únicos que estiveram presentes nos oito encontros realizados. Vez ou outra participaram outras pessoas. Houve quem assinou o TCLE, mas devido ao choque de horário da oficina com o horário de trabalho, não pode mais comparecer. Houve também quem sentou somente no final para ver o que estava acontecendo e participar um pouco; não havia restrição do grupo em aceitá-los, então abriu-se o espaço para que chegassem e participassem à vontade. Acredito que participaram também aqueles que não estavam na roda, mas estavam sentados ao fundo fazendo seus artesanatos e ouvindo a conversa. Um pequeno, mas presente, fluxo

²⁰ Em consonância com as exigências do comitê de ética da SAP, este nome é fictício e foi escolhido pelo próprio educando.

²¹ Nome fictício escolhido por mim a partir de seu texto de apresentação.

populacional havia nos encontros, assim como há um fluxo populacional em qualquer prisão.

Durante oito encontros pude ter um contato mais próximo de Jonas e Cidadão. Conheci-os pelas conversas e pelos textos que escrevem. Primeiramente conheci Jonas que, ao se encontrar com minha intenção de busca por pessoas dispostas a escrever ou que já escreviam, logo me procurou. De sua parte, havia o interesse em digitalizar, organizar, divulgar e publicar seus escritos em um livro. Sua participação foi, desde o começo, inquestionável e infalível. Em seguida fui apresentado à Cidadão pelo bibliotecário, pois este havia comentado de seu gosto em escrever. No dia da primeira oficina, ao final, Cidadão apareceu com seus textos disposto a compartilhá-los. Talvez estivesse também disposto a compartilhar suas vivências na prisão e encontrou ali um espaço para isso. Sua participação foi firme e questionadora.

Jonas, ainda criança e junto de sua família, mudou-se para o norte do Brasil. O pai era seringueiro e trabalhavam no campo. A escola era uma aventura e com a dificuldade da distância teve de abandoná-la, mas sempre teve uma relação íntima com a escrita ao compor músicas para cantar na igreja. Encontrou na poesia uma forma de fazer afluir seus sentimentos e dizer do que aprendeu com a vida. Com a força de sua simplicidade e atenção com os detalhes, enfrenta os desafios de estar preso. Continua íntimo da escrita e faz dela um de seus modos de estar vivo.

Cidadão é cidadão do mundo, esperto e atento ao que acontece ao seu redor. Nasceu no interior de São Paulo, mudou de cidade várias vezes para acompanhar o trabalho do pai e desde jovem, para conseguir sua independência e realizar seus desejos de viver, se pôs a trabalhar. Sabe ver as injustiças do mundo, não se engana e solta seu grito nos textos que escreve. Escrita de uma vez, forte e potente contra as engrenagens do sistema. Sabe o quanto elas nos sufocam e da dificuldade em mudá-las, mas isso não o faz sujeito acomodado e vê em seus escritos um modo de manter-se forte diante de toda essa maquinaria.

Em cada oficina procurei um estado de atenção e de abertura para o que se passava nos encontros. Era um modo de permitir um lugar para a expressão e, assim, tentar compor ou recompor traços de forças que permitem a vida, assim como dizer das forças que a sufocam. Criar, em duas horas, territórios que se estendessem semana adentro pelos corpos dos presentes e por entre as regras tão densas daquelas paredes amarelas. Permitir que os próprios diálogos fossem ali uma escrita pelo ar e formassem corpos múltiplos.

Do encontro formava-se um corpo do coletivo que, às vezes, fazia sumir a prisão e permitir a sensação de expansão. Mas a prisão aparece de novo: barulhos de grades, as conversas que cruzam, o horário e durante a semana a pesada rotina que sufoca. Sexta-feira encontramos-nos novamente para conversar e aliviar tensões, experimentar a sensação de expansão e não perceber-se na prisão. Expansão e contração, como um movimento de respiração: o corpo vive.

As oficinas foram antes de qualquer coisa, um momento para se respirar por entre as pressões da vida aprisionada. Esse processo de combustão²² se dava pelo diálogo, pela troca de vivências e na confiança em poder falar o que se pensa e ser escutado. A fala não era para alguém da família e nem para outra pessoa presa, ou seja, falava-se do que se vivia ali para alguém que era de fora desse contexto. Criava-se, portanto, um espaço educativo com base dialógica, o qual costuma ser ausente nos espaços prisionais. Este diálogo compunha-se principalmente por palavras e, com elas, a intersubjetivação, o enfrentamento e promoção das consciências: percepções críticas de nosso estar no mundo, problematizações de uma realidade em processo: tessitura de um lugar onde também se experimenta, questiona e se formam modos de se fazer humano e existir. Para pensar esse processo ocorrido na oficina, onde momentos críticos irromperam, encontro nas palavras do professor Ernani Maria Fiori, no prefácio do livro de Paulo Freire (2005, p.11), alguns dizeres:

Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora. Todos juntos, em círculo, e em colaboração, reelaboram o mundo e, ao reconstruí-lo, apercebem-se de que, embora construído, também por eles, esse mundo não é verdadeiramente para eles. Humanizado por eles, esse mundo não os humaniza. As mãos que o fazem, não são as que os dominam. Destinado a liberá-los como sujeitos, escraviza-os como objetos.

Assujeitados pelas técnicas penais, tornados objetos de um grande sistema.

Ponto final?

É o fim da linha de uma dissertação de mestrado?

Fim da linha. Então que se pegue a linha alinhada em seu fio de navalha amolada e que o traço se refaça feito faca afiada. E que cada palavra traçada seja a força de uma pessoa avivada. Desbordando as estreitezas das situações vividas, encontraram no

²² A respiração enquanto processo biológico é uma reação química de combustão da molécula de glicose que libera CO₂ (gás carbônico), H₂O (água) e energia.

movimento da escrita o contato com a força movente da vida (GRAU, 2016). Presentificar-se com o mundo, com as coisas, com as pessoas e consigo mesmo. Escrita grito-choro-desabafo-instantânea que rompe o tempo gradeadamente linear da prisão, desmonta a palidez do isolamento e o pulso, pulsa. Nos dizeres sobre a experiência de escrita na prisão, ela aparece como a válvula de escape da pressão, lugar de relação consigo mesmo e com os outros, de enfrentamento do sistema e de invenção de si.

Apresento a seguir um breve resumo das oficinas contendo informações a respeito das mesmas: participantes do dia, materiais usados, textos compartilhados e/ou produzidos e possíveis eixos temáticos gerados nas conversas. Os encontros geraram e proporcionaram variados temas de conversas, indo desde o cenário político atual até às convivências no CR. Como em cada oficina os temas mudavam e outros se repetiam, os assuntos que permitiam problematizações de suas situações existenciais do presente (ou que tivesse o potencial para tanto), foram aqui elencados como eixos temáticos (ou a possibilidade deles). Não serão aqui tratados como categorias de análise e nem como unidades de sentidos ou significados; apresentam temas já vividos e experiências em processos, reflexões elaboradas e em elaboração, o que surge no encontro quando nos dispomos a conversar sobre o escrever e o viver na prisão.

Após o resumo, apresento uma leitura sobre a escrita na prisão a partir das conversas que tivemos, dos textos compartilhados e produzidos. A partir das falas registradas em áudio, anotações do caderno de campo do pesquisador e de autores que investigam o campo, procuro mostrar o que pode essa prática para quem está privado da liberdade. As falas dos participantes são importantes e, por isso, estão aqui postas, pois são elas mesmas que carregam a força e ressonância com que são ditas; mostrá-las já é fazê-las falar novamente. As anotações e reflexões de meu caderno de campo estão diluídas no corpo do texto, de modo a compô-lo também com minhas impressões.

Este tratamento dos dados produzidos no ato de pesquisar tenta estar, de alguma forma, nas possibilidades que a perspectiva cartográfica deixa a pensar. Possibilidades estas que envolvem a construção de narrativas para apresentar fluxos e contrafluxos, construções de problemas e suas saídas – ou então a necessidade de encontrá-las –, as mudanças de ritmos e perspectivas presentes na vivência do encontro, o qual acontece em um determinado espaço-tempo e com pessoas que ali vivem. Tentativa esta de trabalhar os dados a partir de uma provocação feita por Corazza (2016, p.327):

Em que medida a pesquisa nas Humanidades, em especial na área da Educação, pode ser fiar em um fluxo não representativo, não figurativo e não significativo? [...] Temos condições de mudar a chave representacional de nossas pesquisas para vibrações, intensidades, sensações ou suplementações, em línguas das quais nunca nos apropriaremos, por serem línguas não repressivas como formas, configurações sociais ou regimes institucionais?

Por fim, os textos aqui presentes são de caráter político uma vez que mexem com os sentidos e discursos correntes a respeito dos presos e das prisões. Olhar para este material se faz necessário quando se pensa a necessidade de transformação da realidade em que se vive. Operar pelos sentidos que circulam em uma prisão, mexe também com quem somos e como nos posicionamos perante as questões que chegam até nós. São essas mudanças que se fazem necessárias diante de cenários que se esforçam por barrar a capacidade humana em usar sua própria potência na criação de si mesmo.

4.1 – Resumo geral das oficinas:

1ª oficina, dia 14/10/2016:

- participantes presentes: Jonas, Extrovertido e Cidadão
- leitura e esclarecimento do TCLE
- textos produzidos no dia: *quem sou eu?*, onde cada um escreveu uma apresentação de si, exceto Cidadão que chegou atrasado.
- materiais usados: papel e lápis.
- textos entregues para o pesquisador: *13 de fevereiro de 2014* e *Minha 1ª visita*, de Jonas.
- eixos temáticos gerados na oficina:
 - quem sou eu na escrita de mim?
 - quem sou eu na leitura do outro?

2ª oficina, dia 21/10/2016:

- participantes presentes: Cidadão e Jonas
- leitura e esclarecimento do TCLE com Cidadão
- textos que já estavam prontos e foram lidos no encontro:
 - escritos por Cidadão: *Varinha Mágica*, *Dom*, *“D”eficientes*, *Julgamento*, *Isabela* e *Teorias*.

- escritos por Jonas: *Pensando Além*, *Prisioneiro* e *Estou só*
- objetos levados para o encontro de acordo com a proposta de uma conversa a respeito dos mesmos: caneta (Cidadão), caderno (Jonas) e lápis (Rafael).
- texto entregue ao pesquisador: apresentação de Cidadão por ele mesmo.
- eixos temáticos gerados na oficina:
 - estereótipo do preso na opinião pública
 - presídios, cdps e CR: as experiências penais
 - cumprimento de pena no CR: possibilidades dos direitos
 - escrita como fuga e resistência na prisão
 - objetos culturais

3ª oficina, dia 28/11/2016:

- participantes presentes: Cidadão e Jonas.
- documentário assistido: *Sem Pena* (FUGANTI, 2014)
- material usado: notebook do pesquisador, caixas de som do pesquisador e extensão de tomada da própria unidade.
- houve pessoas que pararam para assistir e saíram no meio e, pessoas que chegaram na metade e viram até o final.

4ª oficina, dia 11/11/2016:

- participantes presentes: Cidadão e Jonas
- textos produzidos durante a semana que foram lidos no dia:
 - Escrito por Rafael: *Por que vou ao CR?*
 - Escrito por Cidadão: *Abri os olhos*
 - Escrito por Jonas: *Depoimento*
- neste encontro não houve gravação da conversa, pois o pesquisador esqueceu de levar o gravador.
- texto entregue ao pesquisador: caderno de Jonas contendo diversos textos.
- eixos temáticos gerados na oficina:
 - preso: o combustível da máquina chamada sistema
 - a conscientização da população prisional
 - tempo do trabalho x tempo da educação

- escrita e saúde na prisão
- diferentes modos de se escrever na prisão: (1) como grito para o mundo, (2) escrita de cartas para companheiros da prisão e (3) o treino na escola.

5ª oficina, dia 18/11/2017:

- participantes presentes: Cidadão, Jonas e Incomodado²³
- textos levados:
 - trecho do livro de Hélio Alves Teixeira (1996)
 - *O mito da caverna*, de Sócrates (MARCONDES, 2000)
 - trecho do livro *Recordação da casa dos mortos* de Dostoiévski (1953)
- música levada e escutada: *O homem* (SUCESSO, 1986)
- texto lido no encontro: trecho do livro *Recordação da casa dos mortos* de Dostoiévski (1953)
- textos entregue ao pesquisador: *Descobrimos a escrita* (Jonas) e um caderno com vários escritos de Cidadão.
- eixos temáticos gerados na oficina:
 - escrever com a vivência pura: a válvula de escape da pressão-prisão
 - escrever para conscientizar quem está de fora
 - o tempo regrado da prisão e seu cotidiano
 - dia de visita: a prisão nos finais de semana
 - a constante violação dos direitos do preso: como mudar a realidade prisional?
 - o estereótipo do preso na mídia e na opinião pública
 - educação técnica e a mão-de-obra prisional
 - a experiência escolar na prisão
 - a prisão da identidade
 - a incorporação do sistema e nossas adaptações

6ª oficina, dia 25/11/2016:

- participantes presentes: Cidadão e Jonas

²³ Incomodado é um nome fictício inventado por mim para este participante, que esteve presente somente neste encontro.

- textos produzidos na semana e lidos no encontro:
 - escritos por Cidadão: *O astronauta* e uma carta para Temer
 - escritos por Jonas: *A transformação que a prisão me trouxe* e uma carta que estava escrevendo.
- eixos temáticos gerados na oficina:
 - as transformações que a prisão trouxe ou não trouxe em minha vida
 - narrativas de si e sua partilha: possibilidades de transformações
 - para quem é a prisão? A desigualdade na aplicação da lei
 - relação funcionário-presos: (re)produções do sistema
 - o preconceito com o preso e o sentimento de isolamento social
 - caminhos da vida: escolhas ou obras do destino?
 - sentimento da prisão na escrita de cartas: a voz de muitos na escrita de um
 - do escrever na prisão: instantâneo brotamento do coração para aconselhar, ensinar e/ou sensibilizar.
 - o CR: possibilidades e desafios no cumprimento da pena
 - quando a punição degrada os laços da vida
 - Concepções de educação: existe o reeducar e, portanto, o reeducando?

7ª oficina, dia 02/12/2016

- participantes presentes: Cidadão, Jonas e, apenas nos minutos finais, Passageiro²⁴
- devolução na forma de texto digitado de todos os textos entregues a mim até então.
- Textos produzidos na semana e lidos no encontro:
 - escritos por Cidadão: *O Jardineiro* e um texto sobre sua recordação da escola
 - escritos por Jonas: *Chegada na escola*
- eixos temáticos gerados na oficina:

²⁴ Passageiro é um nome fictício inventado por mim para este participante que chegou apenas no final do encontro, sentou conosco, participou brevemente da conversa e não voltou mais. Ele fora meu aluno quando eu era professor na unidade e, talvez, por isso se sentiu à vontade para adentrar à conversa.

- memórias escolares: trajetória, evasão e relações com o/a professor/a
- trabalho e estudo: necessidades e conflitos
- o (não) lugar da escola na vida
- onde, quando e como se aprende do/no/com o mundo?
- sentidos de voltar a estudar depois de muito tempo
- mudar o sistema: há esperança possível?
- a vulnerabilidade provocada pelo sistema e o tornar-se “marionete” em suas mãos

8ª oficina, dia 09/12/2016

- participantes presentes: Cidadão, Jonas e Maria Rosa
- Jonas e Cidadão redigiram um texto para avaliação dos encontros.
- último encontro das oficinas de 2016
- eixos temáticos gerados na oficina:
 - enfeitar o CR e as datas comemorativas
 - troca de carta entre presos: o círculo das cartas na prisão
 - relação dentro-fora para quem está preso
 - oficina enquanto espaço de discussão e formação
 - como o pensamento se mantém depois dos encontros?
 - experiência da prisão: o antes e o depois
 - com que olho a justiça olha o crime
 - a elaboração da escrita: para quem se escreve, que palavras se escolhem e que sentido se constroi?
 - a escrita e o estranhar-se
 - escrever da prisão na prisão: fluência de sentimentos
 - as prisões para além da prisão
 - sentimento de liberdade

A seguir apresento o texto acerca da escrita neste espaço a partir da experiência das oficinas e das conversas ali registradas. Não abordarei todas as temáticas levantadas na forma de eixos temáticos; o trabalho será com foco na prática da escrita – intuito desta pesquisa. Mesmo assim, outros assuntos irão passar pelo texto, pois o escrever está

atravessado por diversas questões da experiência de se viver na prisão, portanto, dos demais temas discutidos.

4.2 – Os multitraços da escritura

4.2.1 – As várias margens de um rio

O lugar, sendo a prisão, não podia deixar entrar sem antes exercer seu rigor vigilante pela checagem, espera e autorizações. Uma lista contendo os objetos que eu levaria para a oficina já havia sido mandada ao diretor da unidade e repassada aos ASPs de modo que pudessem ver o que entraria e, portanto, sairia de lá. Averiguar o que entra e sai é procedimento padrão de qualquer prisão, e é também por onde se exerce, e mostra, a quem adentra seu espaço, seu poder de controle, suas hierarquias e relações. Para mim, que sempre estive no CR durante a noite, era novidade adentrar ali durante o dia, quando havia um fluxo maior de pessoas tanto dentro da unidade quanto em sua área externa, e também era possível ver – e ser visto por – todos em seus postos de trabalho a exercer suas funções em outro momento do cotidiano prisional.

A entrada foi autorizada e os materiais checados de acordo com a lista. Passei pelos portões, pelo detector de metal e lá estava eu no espaço de convivência a aguardar a chegada de Jonas para dar início às atividades. Eram duas horas da tarde e enquanto não chegava, conversava com um dos bibliotecários. Eu tentava convencê-lo a participar dos encontros, mas naquele horário era um dos responsáveis pelas aulas de alfabetização, pois excepcionalmente às sextas-feiras, as aulas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental aconteciam no período vespertino ao invés do noturno. Sempre que possível eu o convidava para uma oficina, pois era um jovem prisioneiro que também trabalhava como professor de alfabetização e seus relatos sobre as aulas, sobre o porquê fazia isso, eram sempre interessantes. Mas a prisão tem seu tempo, suas regras e seus limites; conversávamos apenas nos corredores.

Jonas chegou. De banho tomado, carregava seu caderno e um estojo. Desculpou-se pelo atraso e eu disse que não havia problema nenhum. Estávamos com e em tempo. Carrego a impressão, a partir de experiências anteriores, de que o banho tomado é sinal de respeito do preso com quem vem de fora da unidade. Sentamo-nos e após uma rápida conversa, abri a pasta para uma leitura conjunta do TCLE.

Quando estávamos na metade do documento, chegou o Extrovertido²⁵. Ele tinha interesse em participar, mas logo já colocou sua condição: trabalhava na cozinha dia sim, dia não, o que lhe impediria de participar de todos os encontros. Perguntava se poderia participar a cada quinze dias. Eu não estava ali para fechar possibilidades, então disse que tudo bem. Entreguei-lhe um TCLE para acompanhar a leitura e responder a eventuais dúvidas.

Voltamos na leitura do TCLE desde o início. Lê-lo e explicá-lo levou algum tempo. Em meio à explicação comentavam sobre suas vidas e algumas experiências da cadeia. Extrovertido comentava que aprendera a ler de verdade na prisão, juntamente com um preso que cultivava o hábito. Dizia que a leitura havia mudado sua vida e que estava interessado em aprender mais coisas sobre isso. Assinaram o termo e estávamos prontos para dar início à primeira atividade. Nisso chegou mais um interessado: o Cidadão. Restava-nos pouco tempo, cerca de meia hora. Se fizesse outra leitura, Jonas, que havia se comprometido desde o início, escutaria a mesma coisa pela terceira vez. Cidadão aguardava enquanto eu explicava para Extrovertido e Jonas a proposta de atividade do dia.

Rafael: Minha proposta hoje é a gente fazer uma atividade de “quem sou eu”. Por exemplo, quem é o Extrovertido? Quem é o Jonas? Eu vou escrever também. A minha ideia é: como é que você se apresenta pra alguém? Quais características você escolhe? Você vai falar de onde você nasceu? Da sua infância? Escreve...

Eu mal havia acabado a explicação e Cidadão começa a dizer:

Cidadão: É que tem tantos aqui. Acho que não vou mostrar a Isabela pra você não... Acho que o julgamento seria mais interessante.

Quando percebi, Cidadão estava com um caderno aberto e diversas folhas soltas saíam dali. Todas eram textos de sua autoria e *Isabela* e *O Julgamento* eram dois que ele tinha vontade de mostrar. Vi-me diante de um impasse. Se eu permitisse sua leitura, a proposta que eu havia colocado para os outros dois ficaria de lado e ambos ficariam sem fazer a atividade. Pensei que ele poderia deixar para ler em outro momento e resolvi dar prioridade para Jonas e Extrovertido que estavam ali há mais tempo.

Rafael: Mas daí Cidadão, com licença, você me desculpa, mas eu também preciso tocar com eles aqui.

²⁵ Nome fictício escolhido por mim a partir de seu texto de apresentação.

Cidadão queria deixar seus textos, parecia que era isso o que lhe importava naquele momento. Perguntou se poderia entregá-los a mim. Jonas, preocupado com o horário, lembrou que já eram 15:30h e às 16h encerrávamos. Pedi então para que Cidadão trouxesse os textos no próximo encontro, quando teríamos mais tempo para ler e discutir. Ele aceitou a ideia e disse que precisava sair devido ao tempo, mas a próxima oficina dependia de que trouxessem um objeto. Aproveitei o momento e já expliquei a proposta do próximo encontro:

Rafael: Para semana que vem a atividade se chama “objetos culturais”. Vocês vão trazer um objeto com um significado muitíssimo importante e vão contar a história dele.

Extrovertido fica pensativo... Jonas logo diz:

Jonas: É tanta coisa que eu tenho que eu não deixo ninguém pegar, assim... só eu... que é meu caderno de música e poema, que pra mim é a coisa mais importante. É minhas ideia, é o meu sentimento... eu não tenho mais nada aqui na cadeia.

Eu quase não precisava pedir para trazer, pois o caderno o acompanhava e o acompanhou em todos os encontros. Direções passadas e compreendidas, Cidadão se despede de Extrovertido: “Falou palmeirense!”. E extrovertido: “Falou corinthiano!”.

Demos, finalmente, início à atividade que pretendia escrever uma breve apresentação de si. Como exemplo, levei algumas escritas de si de reeducandos do próprio CR que já estavam em liberdade e que foram feitas para o trabalho de Campos (2015). Ambos liam os escritos: “Agora deixa eu ver esse aqui”; “Tive uma base já!”.

A questão do tempo volta para a conversa. Eram 15:35h e Extrovertido pergunta se é necessário escrever naquele momento ou se pode escrever durante a semana e trazer em um próximo encontro. Ele diz que precisa sair em breve devido ao horário do banho e da janta. Jonas explica que 16:30h é o horário para a refeição e, em seguida, para o banho, por isso há tempo para a escrita. Peço, então, para que escrevam algo simples, nada extenso. Eu, na verdade, tinha receio de Extrovertido não voltar mais aos encontros, portanto não queria perder a oportunidade dele deixar um registro daquele dia.

Enquanto escrevíamos, outros barulhos ressaltavam o cotidiano: a televisão dos alojamentos próximos, sons de apitos e das pessoas que chegavam dos trabalhos na rua. Interrompi a escrita para avisar do horário e poderem escolher até onde pretendem continuar a escrever. Eram 15:45h e talvez ainda desse tempo para a leitura antes que

tivessem de sair. Trocamos os textos, de modo que Extrovertido leu o meu, Jonas o de Extrovertido e eu o de Jonas. Aqui estão²⁶:

Jonas

Meu nome é Jonas, tenho 42 anos sou divorciado, desde 2008.

Sou de uma família de 13 irmãos que hoje em dia são 10 vivos inclusive o último dos 3 que morrerão eu já estava preso.

Sou um cara alegre gosto de cantar e sou muito comunicativo, faço amizade fácil. Eu nasci numa família evangélica muito simples na Bahia e meus pais foram para Rondonia em 1977 eu tinha 3 anos de idade fui criado no sítio mais aos 13 anos me mudei para a cidade onde fui estudar e comecei a conhecer mais sobre a vida e fazer amigos de vários tipos de pessoas, os quais alguns deles me levarão a conhecer caminhos os quais não conhecia aos 17 anos comecei a ingerir bebidas alcoólicas e a usar drogas quando drogas tipo (cola, crack) comecei a desobedecer minha mãe e a Deus e hoje estou neste lugar pagando por não dar ouvidos as pessoas que me amavam.

[Texto produzido por Jonas durante o encontro, dia 14/10/2016]

Extrovertido

Bom meu nome é Extrovertido, tenho 21 anos morador de Limeira. Me considero uma pessoa extrovertida, simpática, simples e humilde. Estou privado há 1 ano e 4 meses. Hoje me encontro em um lugar melhor do que outros que já passei.

Sobre meus gostos, são: livros, balão, games. Levava uma vida na qual eu jamais pensei em ter, mas mesmo assim eu levava... rrsrrs

Em breve posso resumir qual era essa vida!...

Portanto neste 1º encontro prefiro fazer só a minha apresentação resumida, sem precisar ficar prolongando o pouco tempo que temos hoje!

[Texto produzido por Extrovertido durante o encontro, dia 14/10/2016]

Rafael

Quem sou eu?

Meu irmão diz que sou experimentador.

Minha amiga diz que sou persistente e enrolado.

Minha mãe diz que sou esquecido, mas prefiro quando ela me chama de “cabeça de vento”. E tento ser assim, meio vento, pois ele sempre me mostra novos caminhos.

Meu amigo diz que sou simpático. Outros dizem que sou quieto; já disseram que sou sorridente e corajoso, apesar de já ter escutado muitas vezes: “larga de ser medroso!”.

Talvez eu não seja nenhum deles em específico, e sim todos eles ao mesmo tempo e, ainda, muitos outros a serem inventados, descobertos.

Já briguei com meus pais e depois fiz as pazes para, em seguida, brigar de novo e pedir desculpas. Já pensei em desistir de tudo e sumir do mapa. Mas ultimamente venho me aventurando pela educação sendo professor e tentando ser pesquisador. Estes

²⁶ Optei pela transcrição do texto original, alterando apenas o nome do autor conforme as orientações do CEP, mantendo originalmente o modo como cada um refere a si mesmo em um momento criado para esse fim.

me trazem brisas de um futuro agradável. A experiência de aprender sempre com os outros me faz sentir vivo.

[Texto produzido por Rafael durante o encontro, dia 14/10/2016]

Fui o último a ler e assim que acabei, Jonas disse: “*devez nem é assim que escreve né?*”. E sigo com uma pergunta: “*Como é escutar o seu texto na voz de outra pessoa?*”. Um momento de silêncio e depois começam a falar:

Extrovertido: É minha vida sendo falada de outra boca, de outra pessoa. É como se você soubesse de minha vida e tivesse falando pra mim: você fez isso, isso e assado. Sua vida é assim, assim e assado.

Jonas: É bem diferente da gente mesmo falar ou ler. Parece que é a história de uma outra pessoa, parece que não é a gente. Parece que é a história de alguém que bate com a da gente, mas não parece que é a gente. Dá até pra refletir no que a gente fez.

Quando Jonas termina de falar, comento de que quando escuto alguém ler meu texto, fico com vergonha. Eles dão risadas e comentam quase que ao mesmo tempo:

Jonas: É isso mesmo que dá na gente!

Extrovertido: É igual eu pô! Eu escuto aquilo e vejo que poderia ter mudado, entendeu?

Rafael: Mas ué, você pode mudar. Você pode pegar o texto e mudar. Quando eu mudo a palavra, o que eu mudo em mim também? Isso que fico pensando... Vai ser a mesma coisa será?

Fica um silêncio no ar. Extrovertido logo o quebra e começa uma conversa:

Extrovertido: A palavra você muda, mas seu passado não...

Rafael: É, você não muda o passado, mas o passado é sempre igual? Por que ele tá lá, é sempre igual?

Jonas: Como aconteceu muita coisa, você nunca lembra das mesmas coisas. Sempre é algo novo. Hoje eu vejo quando meu pai falava comigo num tom agressivo, eu achava que ele tava brigando comigo, mas tudo o que ele falava pra mim, ele nunca queria o meu mal, ele queria me defender das coisas que eu tava fazendo, dos caminhos que eu tava tomando. Mas era o jeito que ele tinha de falar comigo, porque às vezes ele não achava caminho melhor pelos meus jeitos de agir. Ele tinha que tomar aquele jeito de falar né, pra ver se eu dava uma atenção pra ele. Hoje eu vejo tudo isso.

Rafael: Então, na época você não via...

Jonas: Não... Hoje eu vejo que era o jeito que ele me amava, era o jeito de mostrar o amor dele. Não tinha outro jeito.

Rafael: É como que a gente muda o passado também. Nem o passado tá fixo. É o rio que corre.

O encontro chegava ao fim, perguntei se eles queriam falar alguma última coisa para encerrarmos a atividade do dia.

Extrovertido: Podia ficar aqui o dia inteiro, mas a vida... a vida prisional, infelizmente.

Saindo dali a rotina diária da prisão continua: comer, tomar banho, ir pra escola e depois dormir. Não escondem a ansiedade em acabar logo com a pena e ganharem sua liberdade. No fim, agradeço a participação e Jonas comenta:

Jonas: Sempre bom a gente conversar com alguém um assunto, porque daí ajuda a passar o tempo e melhora a cabeça da gente, os pensamentos.

Começamos a nos despedir e quando Extrovertido saiu, Jonas me entregou uma de suas histórias. Eram vinte e seis folhas escritas à mão e grampeadas.

Jonas: Vou deixar esse aqui com você pra você dar uma olhada. Aqui eu falo meu nome e aqui eu começo desde o dia em que fui preso. Explico certinho as coisas.

Agradeço pela confiança, nos despedimos e fico ali sozinho na área de convivência. Os sons voltam a soar mais alto e calmamente fecho minhas pastas, mas nem parece que estou dentro do CR. O encontro e as palavras reverberavam outros lugares em mim.

Foi a primeira vez que conversamos sobre algo a partir de uma escrita voltada para a própria apresentação, para dizer um pouco de si. As conversas abriram margens para uma questão nada impertinente e que sempre retorna nos temas das oficinas: as *escolhas*, principalmente no que tange a uma responsabilidade individual ou em implicações das forças de um contexto nas condições de sua vida. Pois que no próprio compor de um texto, essa questão se apresenta: quando escrevo, quais palavras vem para dizer de mim? Delas, quais escolho para aparecer e quais não quero que apareçam? Quais palavras eu troco? Escolhas que acontecem, às vezes, ligeira e rapidamente, tanto que mal nos aparecem como, de fato, uma voz que escolhe. Qual texto o contexto permite construir? E ainda, quantas palavras não estão fora de nossa faculdade seletiva...

Nos caminhos do escrever, as escolhas. Me apresento. Quem sou? Pelas palavras, a possibilidade de mim. Uma ficção de si que revela não o que se é, mas as pegadas de uma trajetória em um chão de vida. Chão que assinala um contexto por onde se vive.

Imaturidade, pressões sociais e familiares, desejo de mudar de vida; todas elas influenciam na abertura de determinadas portas e a escolha por algumas delas ao invés de

outras – e outras tantas que talvez nem foram possíveis ser abertas. A questão é recorrente e está sempre em processo e, ao que parece, a prisão os coloca em contato mais constante com essa matéria, tomando-a como uma ação exclusivamente individual sem dar a devida importância à gama de fatores que influenciaram uma decisão. De qualquer forma, nas escolhas estão modos de enfrentar o, e viver a si mesmo no, sistema.

Ali, em conversas nas oficinas, sempre entrecortadas pelos sons rotineiros da televisão, grades e chinelos raspando no chão, diziam das transformações que a prisão pode causar no indivíduo. Aí se encontram alguns dizeres do pensar a si e suas escolhas:

Cidadão: Você vai se reencontrar mesmo porque você tem mais... aí é que tá, você vai ter tempo pra pensar, são muitos momentos de solidão, de angústia... são combustíveis para a reflexão. Aí você vai começar a buscar, você vai buscar vários eus; o seu eu de pequeno, o seu eu de adolescente, o seu eu de hoje e até, você até procura o eu de amanhã.

Jonas: A gente pensa na vida da gente desde criança até adulto, até agora. Por isso que a gente vê os conceitos, a gente vê o que a gente fez de errado, tem tempo pra pensar em tudo. As chances que nós perdemos, as oportunidades que deixamos passar, tudo vem.

Estar preso é, também, a possibilidade de estar em contato com essa matéria da memória, das vivências, dos pensamentos, analisam-se as escolhas tomadas e as que deixaram de ser. Reflete-se sobre as ações passadas, sobre o quanto elas são individuais e/ou atravessadas pelas forças de um contexto, de uma estrutura social e econômica. A punição pautada sempre na ideia de que o indivíduo é totalmente responsável por suas escolhas e ações, sem levar em consideração seu universo de vida, retoma o discurso que sustenta e justifica a necessidade de mais prisões para reformar, reeducar e ressocializar o indivíduo infrator, pois esta seria sua função social, mesmo sabendo que elas funcionam, na verdade, para a manutenção da criminalidade. É na prisão que Jonas aprende e entende que o sistema de justiça não olha para o contexto, e sim apenas para a ação praticada pelo indivíduo:

Jonas: a prisão me trouxe muita visão, porque eu fui aproveitando os lado bom de não ver mais as pessoas do jeito que eu via. Eu jamais vou querer ser melhor do que alguém quando eu sair daqui, vou querer tratar todo mundo igual, seja um doutor ou seja um mendigo, porque eu acho que todo mundo somos seres humanos; as pessoas, às vezes, não escolhem ser um mendigo, às vezes é a circunstância que leva ele pra aquela vida. É como o Cidadão falou, não é pelo cara ser um ladrão ou mesmo um assassino, porque

tem pessoas que praticam essas coisas por prazer e devem ser punidas, mas tem pessoas que a circunstância levou ele a fazer aquilo. Então devia ser avaliado.

A escolha pode ser vista nesse ponto onde o indivíduo se relaciona com o mundo em um certo grau de contingência com o sistema em que se vive. Quando algo acontece por motivo de uma escolha, abre-se, ao mesmo tempo, a possibilidade do outro caminho que não se escolheu: margens entre o que se é e o que poderia ter sido ou o que ainda poderá ser: cais da imaginação, navegações do pensamento. Mas as escolhas disparam uma flecha irrefreável contra o tempo ou as direções do caminho estão em nossas mãos? Seria a prisão a consequência inevitável de uma decisão? Mais do que a certeza de uma resposta, o que se abre são os percursos para navegação.

Cidadão: Na verdade, tudo é um... vc acredita em acaso, destino, em alguma coisa desse tipo?

Rafael: Não sei... às vezes sim, às vezes não. Mas acontece cada coisa...

Cidadão: Tá, mas vou te dizer uma coisa. Você leu o motivo que eu fui preso; tudo começou errado e terminou errado. Mas o que acontece? Eu tinha ido em dezembro, finalzinho de dezembro, pro sítio. Aí eu comecei a construir uma cozinha grande que tava precisando lá. E ali, todo dia construindo a cozinha, fazendo massa, eu mesmo construindo, telhando, enfim, fazendo o contra-piso... Todo dia trabalhando. Minha esposa tava de férias, que até então ela dava aula no Sesi. Beleza, então a gente ia voltar no final de Janeiro, porque as aulas dela iam começar em fevereiro. Mas o que aconteceu? Começou a dar ânimo em nós dois, na minha filha, que a gente gosta muito de lá. E eu ali tentando dar esperança de que a gente vivesse lá. Aí, o que acontece? Toca o telefone, certo dia, pra ela voltar porque tinha um assunto da escola pra ela resolver, enfim. Ela, no outro dia, quis arrumar as coisas e ir embora, tava ansiosa. Falei tudo bem, voltamos. Chegou aqui, dispensaram ela. Pronto, acabou-se. Por que não falou lá: “Viu, você tá demitida.”, pronto acabou. Daí já era até um incentivo a mais pra ficar lá. Mas tudo bem. E eu não queria... parece que eu tava sentindo que algo ia acontecer; eu não queria voltar. E dito e feito, um mês depois, um mês e pouco, dia 3 de março foi que aconteceu isso aí (ser preso). Daí nem sítio e nem cidade... Olha o que... Talvez se... pra você ter uma ideia, é um efeito borboleta, você conhece? Se não tivesse tocado o telefone naquele instante... é um gatilho atirado. Puf! Agora sua vida tá transformada. Talvez a gente ficasse mais tempo lá e, conseqüentemente, toda uma trajetória ia se mudar. Talvez a gente nem tivesse voltado, nem estaria aqui hoje conversando com vc. Mas é o destino, talvez tivesse que acontecer.

A questão aqui não é a busca por uma veracidade dos fatos ou o que realmente aconteceu, menos ainda afirmar ou negar a existência do destino. Mas no curso das palavras, perceber um olhar voltado para si mesmo, para aquilo que se cria no entrevisto dos caminhos possíveis. Criar carregado de potência imaginativa na relação e produção consigo e com o mundo. Neste pensamento, trago as palavras de Grau (2016, p.434) ao estudar as obras de Bergson:

Siempre quedará la imaginación para volver e inventar imaginariamente los cursos de una posibilidad o alternativa en los caminos de la vida que no tomamos y que ésta nos ofrece. Bergson, en su ensayo *La risa*, llamará a esta potencia, *imaginación poética*, a la capacidad que tenemos de volver sobre nuestros pasos “y seguir hasta el final las direcciones entrevistadas”. La imaginación poética juega con lo entrevisto que queda suspendido en su realización, reserva su fuerza de aparición para encontrar, podríamos decir, su materialidad y su exterioridad en el lenguaje.

São nos pontos de bifurcação, no possível dos outros caminhos não realizados, onde se cria *o outro possível de mim*, personagens de nós mesmos fabulados, ficcionados ou inventados, no entre da escolha de um caminho em meio a tantos outros possíveis. Esses personagens são o próprio sujeito multiplicado, que funda em si mesmo um esforço de observação tão potente que capta o virtual no real. A imaginação poética aparece, então, não como em contraposição à realidade, e sim como uma forma mais completa de compreendê-la (GRAU, 2016).

Escolhas e bifurcações, margens para as possibilidades múltiplas de ser. Elas são constantemente produzidas, tensionadas, uma vez que se está sempre escolhendo algo e, conseqüentemente, excluindo outro. Por exemplo, escolher entre as recordações as que melhores se adaptam ao estado presente; lembranças que podem fazer vibrar uma singularidade em meio às tentativas de seu apagamento na prisão. Privação da liberdade, escolhas, aprendizagens, afirmações e invenções que podem ficar, e às vezes ficam, pela escrita que se faz. No desenrolar dos encontros, no fluir das conversas, Maria Rosa puxa a pergunta:

Maria Rosa: Mas como é que vê liberdade? Vê, discute, tem os estatutos, é uma coisa; mas qual é o sentimento de liberdade?

Cidadão: Eu e o Jonas tava conversando, um pouco antes, a respeito do sentimento de liberdade mesmo, não é Jonas? A conversa foi rápida, não demorou mais que cinco minutos, mas o assunto foi, tipo assim, porque a gente ainda tá preso aqui, mas

lá fora ainda tem muita gente presa, mais presa do que a gente. A gente, internamente, tá livre; tá pagando o erro? Sim, mas tá livre pra depois viver a vida. Tem gente que tá presa em vício, que nem o Jonas falou, só que tem outras que estão presas a outras pessoas, tem gente que tá presa ao trabalho, tem gente que tá presa aos estudos, tem muitos tipos de prisões lá fora também. Não é só porque está entre quatro paredes ali...

Jonas: A inveja, a perseguição... Tem gente que o sentimento deles, eles não vêem que não é uma pessoa livre totalmente. Porque tem pessoas que tá dentro da prisão, mas só tá preso pelas grades de ferro. Ali vai vir o alvará de liberdade pra ele. O direito é de ir e vir, mas tem gente lá fora que o interior dele tá pior de quem tá dentro da prisão.

Rafael: E na cadeia, em algum momento, o pensamento fica preso também?

Cidadão: Não, o pensamento nosso é livre, pelo menos o meu. Ontem mesmo eu tava bem nostálgico mesmo. Veio pensamento de lá de trás, que se eu estivesse na rua, talvez viesse ou não. Mas o fato de você ficar muito, às vezes, refletindo, pensando consigo mesmo, então vem esses pensamentos: de quando era pequeno, depois da adolescência, aí se mistura com a fase adulta, momentos bons... vem coisa, assim, inimagináveis, arquivos que são abertos no cérebro que você não acredita.

Jonas: Você lembra de tudo, o pensamento viaja, vai em vários lugares.

Cidadão: Aí eles se misturam, ao mesmo tempo que você tem lembrança, soma-se ao que você vai fazer depois; aí volta e fica aquele emaranhado de pensamentos passados e o que você vai fazer; tipo assim, momentos que você viveu você acaba falando “não, eu não quero viver isso aqui de novo”, não pelo fato de tá...

Rafael: É, a reflexão vai longe... vai revisitando a vida toda.

Cidadão: E você vai escolhendo, separando tudo, o que você quer tornar a viver, viagens que você fez, visitar pessoas que você faz tempo que não visita, enfim.

Maria Rosa: Então, e tudo isso que tá no pensamento, uma parte fica registrada na escrita, mas uma parte não fica.

Cidadão: Não, uma boa parte não.

Jonas: A maioria não fica.

.....

.....

.....

....

..

.

As oficinas foram sempre atravessadas por outras conversas, ouvidos, olhares e barulhos da vida na prisão, inclusive pelo canto dos pássaros que ficam ao redor. No final de cada encontro, a despedida demorada, o andar devagar rumo ao corredor, à volta ao cotidiano. Corredor estreito onde ecoam os sons de televisores, risadas e chinelos. Ecoam também as memórias, vozes, recordações e escolhas por entre as ondas do pensamento. Mas no CR não se grita e nem se exalta, não se conta tudo para o outro, nem para a família. Então quem segura a onda? Para duas pessoas desse lugar – e possivelmente outros tantos mais em uma população de aproximadamente 220 pessoas – é entre as margens das folhas de seus cadernos por onde navegam seus ecos, ondas e devires.

.....

.....

.....

....

...

.

[Câmara de ecos, câmara de ecos!²⁷

A memória é uma ilha de edição, a memória é uma ilha de edição!²⁸

Quem somos nós, quem é cada um de nós
senão uma combinatória de experiências, de informações,
de leituras, de imaginações?²⁹

Invento para me conhecer³⁰

Tudo o que não invento é falso³¹

A fantasia é um mundo de potencialidades³²

A gente se inventa de caminhos com as novas palavras³³

Quero crer no que vem por aí, beco escuro

Me iludo passado, presente, futuro

Viro, balanço, reviro na palma da mão o dado

Futuro, presente, passado³⁴

Porque o homem não se transfigura

senão pelas palavras³⁵

Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca,
um inventário de objetos, uma amostragem de estilos,
onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado
de todas as maneiras possíveis.³⁶

A memória é uma ilha de edição, a memória é uma ilha de edição!

[Câmara de ecos, câmara de ecos!

²⁷ SALOMÃO, 2007, acessível em: <http://antoniocicero.blogspot.com.ar/2010/11/waly-salomao-camara-de-ecos.html>
(acessado em: 05/07/2017)

²⁸ SALOMÃO, 2007, acessível em: <http://meldomelhor.blogspot.com.ar/2005/11/ws-carta-aberta-john-ashbery.html>
(acessado em: 05/07/2017)

²⁹ CALVINO, 1990, p.140

³⁰ BARROS, 2010, p.27

³¹ BARROS, 1996, p.67

³² CALVINO, 1990, p.115

³³ BARROS, 2010, p.79

³⁴ MACALÉ & SALOMÃO, 2005, acessível em: <https://www.facebook.com/recantodopoeta/posts/1105970212775198>
(acessado em: 05/07/2017)

³⁵ BARROS, 2010, p.93

³⁶ CALVINO, 1990, p.140

4.2.2 – Do escrever na prisão

Transformação que a prisão me trouxe

Hoje depois de alguns anos preso não reclamo mais por estar preso, pois a prisão não foi totalmente ruim e triste pra mim, pois hoje vejo diferente a vida e as pessoas, não consigo mais guardar mágoas por muito tempo, aprendi a ver as pessoas como elas são pelo seu lado bom, suas qualidades e não olhar só para seus defeitos.

Pois todos nós temos defeitos, mas também temos qualidades que superam nossos defeitos.

Na prisão despertou em mim o lado humanitário um jeito de ver as coisas mais positivas e também descobri o gosto pela escrita pela poesia onde coloco meus pensamentos e sentimentos. Poemas que expresso o que tanto eu como outros presos sentem.

Eu resolvi escrever a minha história não pra falar de mim, mas para mostrar às pessoas o que as pessoas que vão presas passam, pois as pessoas não fazem ideia do que se passa no presídio, nem mesmo nossos familiares, pois ninguém gosta de falar sobre o que acontece. Para não ficar só no conto escrevi alguns poemas e desabafos, pensamentos para você, leitor, ver que tanto na prisão como qualquer outro tipo de sofrimento tem um lado de aprendizado, basta você escolher o lado certo e fazer de um obstáculo um degrau para subir, ser forte mesmo que pareça não ter saída.

Pois só os fracos, os covardes desiste e se deixa abater com as dificuldades, se forte e corajoso pois os seus sonhos só dependem de você, você é quem escreve sua história, se você não fazer uma história quem irá lembrar de você? Será apenas um ponto de interrogação no passado.

Talvez você já tenha lido algumas histórias bíblicas ou ouvido alguém ler histórias de homens e mulheres que venceram com lutas, dificuldades e muito sofrimento, mas hoje suas histórias servem de espiração e exemplos de fé e determinação, por isso não se sinta um coitado e não abaixe a cabeça, pois deus te fez forte e sábio, basta você usar.

Mesmo que as pessoas não acreditem em você, não importa, faça o melhor mostre que você é capaz, com certeza eles vão mudar de opinião sobre você.

[Texto escrito por Jonas, lido na 6ª oficina]

Jonas: Como você (Rafael) me fez a pergunta, por que que eu escrevi esse texto aqui... Mas é, o meu objetivo é de aconselhar. Até por eu tá... eu entrei nessa pesquisa com você, eu já tinha vontade de escrever essas coisas pra eu aconselhar. Porque nele (referindo-se ao seu caderno) sempre tem alguns poemas, algumas coisas que dá conselho. Sempre fala de Deus, ele é o todo poderoso, nossa força vem dele. E aqui eu falo, né, o objetivo: que a gente não deve fazer dos obstáculos a parada da nossa vida. Mas usar os obstáculos pra fazer um degrau pra subir, porque todo sofrimento tem um lado de aprendizado. Você aprende coisas boas, basta você olhar direito, sempre tem. E nunca desistir do seu sonho, da sua caminhada, por causa de um sofrimento. Talvez você

fala assim, um exemplo simples, eu vou fazer tal coisa mês que vem, mas quando tá chegando os dias, dá tudo errado, tudo errado. Aí você vai e desiste, não faz. Aquilo lá ficou só num sonho que você enterrou, porque você desistiu por causa de uma barreira que apareceu. Eu tenho uns sonhos que, desde criança eu tenho, e quando eu tava começando a realizar eu fui preso. Mas não é por isso que essa prisão de três, quatro anos ou mais, não sei quanto vai ser, que vai me deixar desistir. Eu não desisti, porque na prisão eu continuo a escrever música e Deus me deu música melhor do que eu tinha lá fora. Meu sonho tá vivo. A mesma coisa eu quero: que as pessoas não desistam. Meu objetivo da minha escrita é tentar mostrar pra pessoa que ele tem que ver o lado bom, que ele tem que olhar o passado dele, que ele tem que olhar o presente e planejar o futuro; pro futuro dele não ser como foi o passado e nem como é no presente.

Cidadão: Sempre tive vontade de gritar para que os outros ouvissem o que eu já passei. Embora o tempo seja todo corrido, certo e administrado, é na hora que a gente acha um tempo vago... nesse tempo aí, pra cabeça soltar aquilo que vai acumulando, a hora que sai, sai uma pancada (a escrita). A gente fica num estado emocional e, de repente, você fala: “não, eu preciso desabafar, soltar isso”. E aí você pega e solta. Não tem nada de projeto ali. Que nem eu falo, ali tem muitas emoções, muitos sentimentos confusos, difusos. É um estado de espírito que tá ali, uma hora você tá legal, você escreve mais legal; uma hora você tá mais nervosado, uma hora você tá mais apaixonado, uma hora num ar mais de romance... Então é um mix de sentimentos. Não tem um foco direcionado. Na verdade é a vivência pura mesmo ali. Pelo menos no meu caso. Eu achei uma válvula de escape. Até mesmo as conversas que a gente tá tendo aqui, esses encontros, pra mim é uma válvula de escape. Se não eu estaria o quê? Andando pelos corredores ou assistindo uma tv, porque já acabou o expediente de trabalho. Então fica aquela expectativa de acabar a semana, sexta à tarde, sábado e domingo.

Rafael: Mas então... é que a gente conversa muita coisa, algumas até acabam passando, não dá tempo de retomar...

Cidadão: Uma hora fala de assunto, uma hora fala de outro. Por fim, não tem um foco. O roteiro é itinerante.

As situações sempre carregam seu grau de incerteza e de variações imprevistas que, se não escutadas ou absorvidas, serão sempre um conflito com a busca em manter sempre inviolável o programa do cronograma. Abrir-se para o que se passa, é também uma disposição com o que a vida abre ou fecha no jogo das possibilidades que oferece a ocasião e da vontade que escolhe, ou escolhe não escolher, entre aquilo que entrevê como

possibilidades brindadas por um presente (GRAU, 2016). O diálogo assume, neste sentido, direções múltiplas, e não a voz única com os intentos do pesquisador.

Para continuar esta escrita, vou escolher a oficina que teve como tema a ser explorado os “objetos culturais” como um mote deste tópico, afinal todos objetos levados estavam relacionados com o escrever. Nela cada participante deve levar um objeto com significado importante em sua vida e contar sua história aos demais. Dessas histórias outras conversas são disparadas de modo a percebermos como damos sentidos às relações com o mundo à nossa volta. Assim posto, a composição não é o relato do encontro específico, mas um ponto de partida para puxar leituras e conversas de outras oficinas; algo como uma bricolagem com o material produzido. Continuemos.

Na busca por perguntas e elementos que pudessem disparar conversas caso elas não acontecessem, eu sempre organizava um possível cronograma. Minha ideia era que ao final da oficina sobre os objetos, pudéssemos sair com algum texto sobre eles ou, então, algum desenho ou colagem. Mas, para mim, o mais importante era estar aberto ao que eles também trouxessem para além de minhas expectativas e programações.

Adentrar ao CR é sempre a repetição dos procedimentos: autorizações e checagem do material, aguardar pela abertura das grades, passar pelo detector de metal, atravessar o corredor e, enfim, a área de convivência. Lá me reunia com Jonas e Cidadão. Neste encontro, enquanto Jonas contava de seus desafios vividos na prisão, contou também de dois poemas que escreveu:

Jonas: Escrevi aqui dois poemas, tipo poema né? Falando assim, de prisioneiro e pensando além. Esse pensando além acho que eu li procê aquele ali.

Pensando além

Privado da liberdade, trancado atrás das grades, tento olhar, mas não para onde estou, mas sim além das grades, muito além do horizonte.

Pois a prisão não é eterna. Sei que um dia vai ter fim.

E quando esse dia chegar, sei que não vou estar sozinho.

Pois fechado a vida é dura, com tristeza e amargura, vou lutando pra sobreviver, pois meus planos e sonhos é que dão força para eu vencer!

Pois nessa vida tudo passa, não devemos desvanecer, pois sei que lá fora há alguém a me esperar, conta os dias e as horas em que no portão irei chegar para me dar aquele abraço gostoso. De emoção sei que vou chorar.

Por isso amigo, lhe digo: não devemos desanimar, levante a cabeça e se apegue com Deus, ele pode te ajudar.

Nessa corrente de força e fé você pode triunfar.

Nunca perca a esperança, pois ela é quem vai te guiar.

[Texto produzido por Jonas em seu caderno particular e compartilhado durante o encontro; sem data específica].

Jonas: Esse é pra pessoa refletir. E esse do prisioneiro fala também de mim, né?

Prisioneiro

Fui levado prisioneiro e lançado na prisão, consequência do pecado eu me vi na solidão.

Muros altos e as grades me tiraram a liberdade, tudo isso fez doer meu coração, gente estranha e tristonha com maldades no olhar só falavam coisas má sem razão para viver, esperança de mudar não tinha no coração só revolta e muita desilusão.

É tão triste de se ver tanta gente a sofrer sobrevivendo num lugar sem liberdade pra falar ou simplesmente reclamar, esperando a liberdade desprezados por amigos e familiares!

Deus só tu pode ajudar só tu pode libertar me tirar desse sofrimento, Deus me leva divolta a vida, junto de minha família pra que eu possa ser feliz.

[Texto produzido por Jonas em seu caderno particular; sem data específica]

Jonas: Tem gente que não aguenta. O psicológico deles, sabe, não busca uma força espiritual pra ajudar, outros entram na droga e aí acaba pirando mais a cabeça, porque a droga mata os neurônios. Então ficam mais fracos ainda.

Cidadão: Eu penso assim, a pessoa ela fez um crime, seja ele qual for, ela foi inserida primeiro seja no CDP, seja na penitenciária, diferentemente do que eu tô vivendo aqui no CR. Mas lá os presos sofrem muito.

Jonas: Aí os próprios presos aceitam isso...

Cidadão: Aí eles se revoltam. E nisso que eles usam as drogas. Eles procuram um refúgio, se esconder. As pessoas, acabam aderindo essa posição: o preso não é humano, tem que ser julgado.

Rafael: Sim, tanto é que é comum o discurso de que preso merece sofrer na cadeia ao invés de ter garantido seus direitos. E por que vocês acham que é assim?

Cidadão: Talvez porque eles se colocam no lugar das vítimas, pensam que poderia acontecer com eles certas coisas que eles viram, enfim...

Jonas: Muitos deles também julgam que com eles nunca pode acontecer de cair preso, que a família deles nunca vai estar num lugar daquele, um filho ou sobrinho... é desse tipo, né? Aí acham que a família deles são melhor, que não tem ninguém que cometeu crime e que nunca vai cometer.

Cidadão: Então muitos acham que devemos ser submissos a tudo e aceitar as condições em que a cadeia se encontra hoje.

Rafael: E isso é importante para que o sistema funcione como está, para que o preso continue seguindo ordens e nada saia do estabelecido, sem poder ter voz de exigir seus direitos.

Cidadão: Não que saia da ordem, mas que aceitem as obrigações calados.

O diálogo acontecia, uma opinião puxava outra até começarmos a falar sobre a opinião pública em torno do preso. Os dizeres giraram em torno do discurso de sofrimento que a sociedade entende que o preso deve sofrer.

Cidadão: Eu falo por experiência própria. Quando eu era criança, eu tinha esse pré-julgamento, essa mentalidade que me foi inserida quando eu não tinha passado pelo cárcere. Mas depois de vivenciar o cárcere, aí eu sei que é totalmente diferente, que é muita humilhação.

Rafael: Você tinha isso também Jonas?

Jonas: Tinha sim. Eu via as pessoas que tavam presas, eu passava em frente ao presídio e imaginava: é aí que os bandido fica. Nunca que eu ia imaginar que um dia eu ia estar dentro do presídio. Mas a vida é um círculo e a gente não sabe o que vem pela frente. Então, depois que eu cai lá dentro eu vi que as pessoas julga pelo que você tá ali no papel. Não quer saber se você tem sentimento, se você é uma boa pessoa ou se apenas cometeu um erro, ou mesmo se não cometeu. Muitos te julgam apenas pelo artigo que você tá ali e quer fazer não simplesmente você pagar a pena pelo erro... tem essa ideia de que preso precisa sofrer pra aprender.

Rafael: E quem são essas pessoas?

Jonas: A sociedade inteira ...

Cidadão: Isso é só a ponta do iceberg. Muito mais profundo se a gente for analisar por que o crime acontece... Existe um complexo muito maior por detrás disso. Uma educação que ele não teve ou um acesso; uma condição de trabalho. Então, como a gente vive num país que não dá muita oportunidade pra quem é pobre, pra quem é negro, ele acaba, mesmo que involuntariamente, é uma armadilha, ele acaba caindo naquilo por falta de opção. Se você tem lá, filho, seu filho tá chorando, seja qual motivo for, o pai desesperado, chega uma hora que ele teve um revide contra a própria sociedade que oprimiu ele. E depois ela mesmo julga, falando que ele não presta, ele é excluído do próprio sistema que ela criou.

A conversa esquentava e eu deixava correr, queria ver onde chegaríamos. Os objetos... bem, talvez em algum momento da conversa eles teriam que aparecer.

Cidadão: O meu pensamento com relação a uma prisão é assim: você errou, é preso, fica um determinado tempo longe de tudo, preso, sofrendo. Aí a sociedade acredita que esse passar de tempo é suficiente para mudar tua cabeça, o seu modo de ser e agir. Mas não acho que seja só isso... E sobre isso eu fiz um (texto) aqui que se chama Astronauta. Quer ler?

O astronauta

Um astronauta que viaja ao espaço sideral, e chega até a estação espacial internacional para fazer suas pesquisas e adquirirem mais conhecimentos sobre o espaço, saem do nosso planeta e lá passam meses e até anos, conseguem ver o giro da Terra em torno de si mesma e em torno do Sol, fazendo o que conhecemos como movimento de rotação e translação, vendo como os dias e noites acontecem, e talvez imaginando a vida dos que permaneceram no planeta borbulhar, imaginar os acontecimentos em cada canto do planeta, vidas nascerem e morrerem.

Mas quando retornam ao planeta, retornam aos seus entes queridos, retornam suas rotinas diárias, como ir ao cinema, fazer compras, trabalhar, levar os filhos ao colégio. Se reintegram ao fervilhante modo de vida em que os humanos vivem e que ele o Astronauta faz parte também.

Seu caráter, suas ideias, amores e ideologias, que ele deixará aqui na Terra para sua missão no espaço, foram carregadas consigo e retornaram com ele.

Não importa quantos giros ou voltas o planeta fará, ele o astronauta não mudará, será o mesmo homem estando no planeta ou fora dele. Sua mente foi designada a aprender sobre o espaço, as estrelas e os planetas, e é isso o que ele o fará.

Pois bem agora eu pergunto: um homem ou mulher, que tem seu caráter, suas ideias, seus amores e suas ideologias, tal como o Astronauta as tem, o que faz pensar que um homem ou mulher estando ambos em uma penitenciária, presídio ou qualquer outro tipo de cárcere, irá mudar seus conceitos ou ideias?

Acredito que um prisioneiro, não importa quantos giros ou voltas a Terra vai dar, não será isso que os fará mudar, como não mudou a do Astronauta.

Como o astronauta aprende sobre o espaço, o que aprenderá um homem ou mulher estando em um aglomerado de indivíduos que cometeram os mais diferentes crimes e barbáries?

O astronauta retornará com seus conhecimentos mais aprimorados, assim como um detento que adquire seus conhecimentos em um presídio, os mais variados possíveis.

Tal como uma pessoa que vai ao médico e a essa pessoa é receitado um remédio para aquela determinada doença, o mesmo remédio não sortirá efeito à outra pessoa com outro tipo de doença.

Mas o governo, juízes, não pensam assim, pois como um médico, os juízes receitam um único tipo de remédio a todos, esse remédio é a prisão, achando assim que todos serão curados, não importando que doenças tenham, nesse caso as doenças são os “crimes” que essas pessoas cometeram. Mas passado o “tratamento” determinado pelo juiz, ou se você preferir o médico justiceiro, esse indivíduo retornará a borbulhante maneira em que os seres humanos vivem e que nele também está inserido o Astronauta.

[Texto escrito por Cidadão em caderno particular, sem data específica]

Cidadão: Uma pessoa que é colocada num presídio, é como se ela tivesse ido pro espaço, você saiu do planeta, você saiu do convívio com a sociedade. E não é o fato de que você vai estar numa estação espacial, que você vai mudar os seus conceitos, que vai mudar sua cabeça. Quando você sair, você vai viver sua vida de novo, normal. O governo tem a ideia de que isso aqui vai ser uma mudança total de personalidade. É isso que eu não concordo...

Rafael: Você não acha que aqui dentro as pessoas mudam? Por exemplo, você. Você mudou aqui dentro?

Cidadão: Sim. Mudei, mas pelo fato de que você conversa mais consigo mesmo. Só que quem não tem esse ponto de vista da reflexão, de refletir, digamos assim, quem tem uma mente mais fechada, ele vai aprender coisas erradas. Então você tem a sua formação de criança, a sua cultura, os seus parentes, você tem o seu modo de vida, o seu sotaque, enfim, cada um tem o seu, você tem as suas bases. E o que acontece? Não é num x determinado de tempo que você vai mudar, que você vai desaprender quem você é.

Jonas: Cada um de nós tem uma formação desde criança né, que é o ensinamento do pai e isso manda muito. Isso manda muito porque cadeia não muda ninguém. A pessoa só muda quando quer, mesmo lá fora ou aqui dentro. Ele, quando ele quer, ele muda. A cadeia nem sempre melhora o preso...

Cidadão: Só pra você ter uma noção do que é. Se você cair numa cadeia, você pega sua auto-estima, amassa bem amassadinho, joga no lixo. Você ali é nada, pra ninguém mais. Você vai ter que se reconstruir. Parar, buscar força, pensar, você vai ter que se auto convencer de que você não é aquilo que dizem que você é.

Jonas: Quer ler esse texto que eu escrevi? Depende de você...

Depende de você

Se você quer ter vitória é preciso lutar, para ser um vencedor você tem que batalhar, pois seus sonhos é possível basta só acreditar que você é capaz, que nada é demais, pois você é maior que qualquer obstáculo que vier.

Deus te fez perfeito assim, pra vencer pode sorrir, os seus sonhos só dependem de você.

Levante a cabeça e lute pra vencer, não espere o sonho realizar, faça ele acontecer. Deus te fez capaz e nada é demais. Tudo o que você quiser pode alcançar, as barreiras vai vencer, as muralhas escalar, nada pode impedir o teu sonho se realizar.

Deus te fez pra ser vencedor. Tenha fé você tem valor, acredite, você pode conseguir, nada é demais, você é capaz não desista você tem que prosseguir!

[Texto escrito por Jonas em caderno particular, sem data específica]

Cidadão: Eu creio que o que faz uma pessoa mudar, no caso, é acolher. Por que que as pessoas mudam? Não pelo tempo que ficou, mas pelo amor que a família dá. E aí ele consegue enxergar que ele tem muito a perder, não só a liberdade, mas sim quem ele ama. Muda por amor.

Jonas: Ele muda para retribuir o amor.

Cidadão: Isso. Nesse caso aqui a gente é tratado com respeito. Essa é a diferença de um CR. O CR é, na verdade... imagine um rio largo, extenso e com seus braços, seus afluentes, seus riachos. Isso aqui é como se fosse um riacho do grande rio, que é o sistema carcerário. O CR é um afluente mais calmo, que te dá uma oportunidade melhor, que nem, a gente tem aqui um emprego garantido porque tem que trabalhar, tem a oportunidade de estudar. Na verdade eu creio que o detento serve como um espelho. Se ele recebe amor, atenção e carinho, é inegável que ele vai refletir isso de volta. Agora, se ele recebe opressão, ele vai ficar como um animal acuado. E aqui você vê, ninguém fala de fuga, as pessoas só querem tirar o tempo de cadeia dela aqui, até porque é bem tratada, respeitada... E você se sente na obrigação de fazer o mesmo. Simplesmente isso.

Jonas: Eu passei em dois CDPs e uma penitenciária antes de vir pra cá, no CR. Aqui tem mais possibilidade de mudar pra retribuir o carinho que a família tá dando no tempo em que ele tá preso.

Cidadão: Em relação a família que ele falou, a chance de uma família abandonar alguém, vamos supor, uma mulher abandonar um detento na cadeia é 90% maior do que num CR, por exemplo. Nesse caso aqui [no CR] não, pelo menos nunca ouvi falar de familiares que deixou de vir. Aliás, elas têm mais força de vir e retribuir mais em amor. Isso transforma a mentalidade da pessoa em mudança. Quando a pessoa sai, ela não tem mais coragem de continuar ou errar de novo. Ela não vê o porquê, ela foi tão bem tratada, foi bem cuidada pelo familiar e tudo. Isso modifica.

Rafael: Quando falo que trabalho no CR. Qual é a primeira pergunta que vocês acham que me fazem?

Jonas: Você não tem medo não?

Rafael: Essa é a primeira. E qual é a segunda?

Jonas: Você é doido, você vai num lugar desse pra trabalhar?

Cidadão: Eu acho que eles vão falar: “você não acha que tá perdendo seu tempo, porque eles não tem jeito?”.

Rafael: Não... já escutei essa, mas bem menos. O que escuto é: “e não é perigoso não?”.

Cidadão: E você já teve medo?

Rafael: A primeira vez que eu entrei me bateu um medo.

Cidadão: Porque sua mentalidade era da sociedade.

Rafael: Que nem vocês falaram, quando chegou aqui e transformou, eu também. Quando entrei aqui, em 2012, pra divulgar um projeto de leitura, me deu medo. Eu falava pra mim mesmo que não tinha e não tive até entrar na sala de aula. Quando entrei na sala e vi todo mundo de cabeça raspada, a calça, a roupa, pensei: “É um monte de gente presa.”. Aí me bateu um medo. E por que o medo né? O que a sociedade pensa eu também penso.

Cidadão: De uma certa forma, a pessoa tá ali, tem muitas que cometem crimes, mas não são capturados, tão lá fora, vivendo em sociedade. Nós cometemos o crime e estamos aqui. A diferença é simples: é que uns foram pegos e outros não. A gente ainda tem chance de mudar, mas e os que estão soltos e nunca foram pegos?

Rafael: E quando você está aqui já vem todo o estereótipo do preso. Mas aí, quando você entra, como quando comecei a trabalhar aqui, desmonta tudo. Já escutei muito que preso tem que sofrer, que tem que apanhar, que tem que pagar... Mas daí é vingança.

Cidadão: O que eu faço? Uma válvula de escape que eu tenho é isso aqui, caderno. Procuro escrever e, de certa forma, eu dou umas agulhadas na sociedade, na humanidade como um todo. Eu escrevo muito e eu tento entender o ser humano como julgadores, que eu escrevi um título disso aí, e tantos outros assim. Mas na verdade a mente humana é complicada, porque uns se acham, só porque estão lá fora, superiores. Tudo bem, se não existisse a lei, a sociedade seria um caos, seria uma barbárie. Enfim, tem que ter as regras. Mas no outro ponto, eu creio que muitos casos são julgados pelos atos, certo? Tem a legislação, o código penal, mas deveria ter uma brecha que seria o sentimento, junto com o juiz, um psicólogo. Uma análise conjunta pra ver o grau de perigo que ele representa. Ela pode ser considerada perigosa pelo artigo, mas não pelo seu interior.

As tensões e contradições desse sistema penal e de justiça estão ali na roda. A prisão aparece como um lugar que provoca mudanças no indivíduo devido ao sofrimento que ele passa, ao mesmo tempo que esse sofrimento o revolta e, muitas vezes, o mantém na vida do crime. Há um sistema de justiça que pune, muitas vezes, sem olhar criticamente

para a situação, expondo uma reflexão sobre a necessidade de um sistema mais complexo para julgar as ações humanas. Há um número elevado de pessoas que estão presas aguardando seu julgamento, aclarando uma crise nesse sistema que não tem dado conta de fazer valer a justiça e os direitos civis. Estávamos claramente contornando problemáticas de uma vida entre as grades. Eu continuava a pensar que em algum momento os objetos seriam chamados para entrar na conversa.

Cidadão: Na verdade não é o presídio físico em si, é o sistema.

Jonas: E também os processos são demorados demais. Tem gente que fica 3, 4 anos sem ir no fórum, sem saber quando vai ser condenado, quantos anos vai pegar de cadeia ou não. É demorado demais....

Cidadão: Você que é de fora; fora que eu falo que não é detento. Como é que você vê a lei no caso do Brasil? Como é que funciona? O que que é pra você uma condenação?

Rafael: Eu vejo assim... a lei, se respeitada, era para melhorar as coisas. O Brasil é um país com muita desigualdade e a lei, do jeito que ela vem sendo aplicada e feita ultimamente, ela serve pra conservar como está, manter a ordem, que é mais uma desordem. Manter a pobreza na pobreza, a miséria na miséria, manter tudo dentro da sua caixinha. A lei tem servido pra criar essas coisas, criar o detento, porque é importante ter ele, de certa forma...

Cidadão: Esse importante ter ele eu vejo assim: imagine a lei como uma máquina, uma engrenagem, desde a peça menor até a peça maior. No caso, engrenagem menor, os policiais e assim ela vai se aumentando até a ministra Cármen Lúcia que tá hoje, até o presidente, mas aí no caso ele não exerce tanto a lei criminal. Mas no caso do Supremo Tribunal Federal (STF), seria o top, a engrenagem maior. Todos eles são engrenagens de uma máquina. E qual o combustível dessa máquina? O detento. Sem ele a máquina para, que nem eu cito numa parte... ó, dá uma olhada aqui pra você ver:

Abri os olhos

Na situação de “preso”, ou como reeducando, prisioneiro, detento e outros adjetivos que intitulam, tanto pela sociedade como por quem executam as leis, consegui encherar como funciona a “máquina” da justiça e suas engrenagens e como ela age em relação a população carcerária no Brasil.

Conseguí ter essa nova visão quando assisti a um vídeo qual o título era “Sem Pena”, no C.R. de Rio Claro.

O vídeo conta sobre as condições dos presídeos e CDPs tanto os masculinos quanto os femininos, e também depoimentos de pessoas que passaram por um sistema carcerário e tiveram uma visão ampla e complexa desse sistema, “falido e ineficaz”.

Entendi que tudo não passa de uma rede conspiradora, que tem como maior objetivo o lucro, a estabilidade em seus cargos e acima de tudo a injustiça de fazer de homens e mulheres, seres humanos objetos de fornecer-lhes dinheiro, poder e ganância.

Eu depois de assistir ao vídeo comecei a entender todo esse mecanismo, é como se eu voasse bem alto e risse como as coisas funcionam, do meu ponto de vista é como se uma enorme “tela”, como essas de “plasma” ou “led” estivesse na minha frente e mostrasse vários canais ao mesmo tempo, e em cada canal passasse diferentes programas, mais o que eu via não eram programas divertidos ou educativos, era mais um filme de terror, em que eu me via como a vítima de um monstro que se denominava “justiça”, e que era formado de muitos membros, como juizes, advogados, promotores, delegados, agentes penitenciários, diretores de presídios, desembargadores e todo conjunto de pessoas que estão ali não pra fazer com que a justiça funcione, mais só pra ganhar dinheiro às custas de seres humanos, não se importando se irão destruir vidas, tanto dos que são presos, como de seus familiares.

Era como se eu estivesse com uma “venda” nos olhos ou uma membrana que me ofuscasse a visão, e agora consegui ver como é podre a máquina da justiça no Brasil.

Policiais prendem cada vez mais porque querem ganhar dinheiro, porque a cada prisão vão lhes render um extra salarial, além de subir de cargo rapidamente.

Advogados adoram que cada vez mais pessoas sejam presas, com isso sua clientela aumenta, promotores e juizes também, pois sem presos eles estariam praticamente desempregados, assim como delegados, agentes e todo o sistema em geral.

Ou seja, a população carcerária é o combustível dessa máquina, e quando esse combustível é queimado, ou seja, detentos cumprem suas penas, rapidamente outros cidadãos tomam os seus lugares, dando assim continuidade ao giro da máquina.

Só não se esqueça que você que se considera um cidadão de bem, honesto e todo certinho, que julga os que estão presos hoje, você pode e será o preso de amanhã, porque a máquina não pode parar.

E o risco de você que é pobre, negro e de baixa escolaridade é muito grande, pois é o combustível que mais tem no Brasil.

[Texto escrito por Cidadão em caderno particular, sem data específica]

Cidadão: O que eu fico revoltado é de saber que eu tô sendo vítima de um sistema falido, danificado...

Rafael: O sistema tá organizado para que funcione assim. Quando você tem o criminoso, começa a gerar o medo. Medo gera insegurança. Insegurança gera a necessidade da polícia. A polícia gera o controle. Produzindo o criminoso, gera o medo e a necessidade de proteção.

Cidadão: Nas últimas notícias que tá dando no jornal, um exemplo é aquele Garotinho lá, foi preso, mas já tá na rua. Mas prender simbolicamente, porque prende-se aqui, solta-se ali. É isso que revolta a gente, ver um noticiário desse e a gente se encontrando aqui fala: “essa cadeia é só pra pobre”. É isso que, não só eu, mas todos aí, a ideia é uma só: “por que eu? Por que a lei não vale pra mim e vale pra eles?”. Aí,

olha só, pra você entender como que é, que nem eu falo, a coisa vem assim... A gente tava numa aula de português, era sobre como fazer uma carta de reclamação quando você está insatisfeito com um produto, uma mercadoria, um serviço prestado. Pô, então vou reclamar pro Temer porque eu não estou gostando do serviço prestado que ele tá fazendo.

Rafael: Você escreveu uma carta pro Temer?

Rio Claro, 16/11/2016

Caro Sr. Excelentíssimo Presidente da República Sr. Michel Temer,

Eu me chamo Cidadão, e acima de tudo, brasileiro. O motivo pelo qual escrevo à Vossa Excelência é que não estou satisfeito com a maneira que vivemos, tanto eu e a maioria da população brasileira se encontra neste momento em nosso país.

Gostaria que Vs. Excelência fizesse valer os direitos constitucionais que estão regidos em nossa constituição de 1988; direitos estes como saúde, educação, moradia, segurança e os demais direitos que nos são intituídos.

Cobro estes direitos porque não só eu, como todo brasileiro que paga seus impostos na íntegra, não recebe seus direitos com integridade e qualidade que merecemos.

Então resolvi lhe escrever, pois na incumbência de nos representar como brasileiro de Estado Maior, espero que tome providências eficazes e urgente a este respeito.

Sem mais, agradeço à Vs. Excelência

[Carta escrita por Cidadão e entregue a mim em uma folha solta na referida data]

A conversa continuava e os problemas também. O sistema, o medo, a identidade. O ar ficava pesado e sufocante, como sair? Erguíamos muros quase intransponíveis. Eu me preocupava em tentar não cair na desesperança e ficarmos impotentes diante de cenários tão problemáticos assim. Neste momento me ocorreu a saída: o objeto. Mas Jonas me antecipa:

Jonas: Eu ia perguntar pra você, que é que você trouxe hoje?

O objeto foi não o começo, mas a saída do encontro e havia um motivo para isso. Após a oficina, no caminho de volta pra casa, fiquei a pensar que quando no movimento do encontro, sem o controle do momento, se encontra também com aquilo que se deseja. Circulavam por ali linhas de desejo que construíam: o falar e o ser escutado, o compartilhar de ideias, pensamentos e textos. Deixar falar foi importante, pois assim se criara a situação para apresentar o objeto. Fiz então a pergunta: “*Diante desses problemas todos da sociedade, da prisão, da justiça o que eu faço comigo mesmo? Desisto ou luto? Como?*”.

Jonas: Eu não desisto. Depois que eu fui preso, eu penso assim, que a única coisa que eu tenho que fazer é conscientizar os outros, falar mesmo que as pessoas não me ouçam, mas sempre vai ter alguém pra escutar. Conscientizar de como a vida é e como tem que ser, porque muitas pessoas tem a visão errada de como é a vida, de como ela funciona. Por isso a gente não pode ficar calado. Por mais sofrido que seja, difícil, mas tem que falar.

Cidadão: Você pediu pra trazer um objeto né? Eu trouxe. Mas queria que você lesse primeiro, antes de...

Rafael: Pedi um objeto significativo que esteja aqui dentro com você, porque imagino que é através dele que você se movimenta.

Cidadão: Isso! Esse objeto pra mim, ele é o combustível. Ele me liberta. Mas eu só te respondo depois que você ler.

Rafael: Vou ler então. A Varinha Mágica:

Varinha Mágica

Não só existe em contos de fada
Atendendo os pedidos da criançada.

No mundo real também encontramos
Em qualquer lugar que estamos

Muitos pedidos podes fazer
E mais que depressa vai atender

Em tudo que há
Podes pensar
E seus pedidos realizar

Num simples toque que tu pensar
Muda todas cores do céu e do mar

Tem várias coisas que ela faz
Até com a guerra acabar e levar a paz.

Com bela moça pode casar
Atender o pedido do belo rapaz

Com ela tudo pode se formar
O sol, as estrelas, os rios e o mar

Com essa vareta, nunca se esqueça

Que seus pedidos logo apareça

Não precisa dinheiro,
Não tem que ter cheiro
E logo ligeiro
Os seus pedidos irão existir

Pode pedir um prédio inteiro
Até uma simples luneta
A minha varinha é a caneta.

[Texto de Cidadão, escrito em seu próprio caderno, sem data específica. Lido durante o encontro]

Ao final da leitura Jonas e eu demos risadas e Cidadão levantava sua caneta, apontando que aquele era o objeto que havia levado.

Cidadão: Posso conquistar o mundo se eu quiser. Só utilizar a cabeça e a criatividade e ela faz tudo. Depende de mim.

Rafael: E quando você descobriu a caneta?

Cidadão: O que acontece? A prisão me trouxe uma coisa boa. Lá fora, na rua, eu quase não escrevia. Eu tinha o pensamento, mas quase não praticava. E aqui eu tenho tempo pra isso.

Rafael: E o que você acha dessa prática e desse tempo?

Cidadão: Importante porque talvez me revele, me dê uma estimativa lá fora de alguma coisa.

Rafael: O que fico pensando é por que a sociedade valoriza mais que você passe seu tempo trabalhando mecanicamente do que valorizar o tempo que você tem à escrita ou a uma formação.

Cidadão: Porque a sociedade pensa que todo preso é burro, que não tem intelecto. Pelo contrário, tem muita gente que eu conheço aqui que são inteligentíssimas.

Jonas: Tem muito talento, só não teve oportunidade.

Cidadão: Exatamente. É essa falta de oportunidade que ele não encontrou lá fora, pelos desafios que a vida deu pra ele, pelas barreiras que foram impostas, que trouxe ele aqui. Se ele tivesse tido a oportunidade de mostrar o dom dele, que eu escrevi também, tem um texto do dom aqui... Se ele tivesse como mostrar esse dom, alguns tiveram como mostrar o dom e conseguiram vencer na vida. Outros não tiveram e foram capturados pela rede. Dá licença...

Cidadão me entrega o texto que escrevera sobre o dom e leio.

Dom

Músico? Compondo as mais belas...

Cantor? Interpretando muitas...

Escultor? Esculpindo obras belíssimas...

Ator? Nos mais importantes papeis...

Médico? Salvando vidas impossíveis...

Professor? Ensinando sobre tudo o que há...

Engenheiro? Projetando os mais altos e belos...

Enfim, todos nascemos com um dom, presente de Deus, uns utilizam porque já o descobriram, outros ainda aguardam sua descoberta.

Qual é o seu dom? Se você já sabe o seu, utilize-o com sabedoria. Se não sabe ainda, procure descobrir e seja feliz!

[Texto de Cidadão, escrito em caderno particular, sem data específica. Lido durante o encontro]

Cidadão: Com licença um pouquinho. Esse aqui é o, porque todo mundo lá fora, ou aqui mesmo... Deficientes.

Rafael: Mais um então, pode ser Jonas?

"D"eficientes

Muitos não encheram

Outros não falam

Alguns não andam

Às vezes nem se mexem

Muitos são criticados

Outros são apontados

Alguns são desprezados

Às vezes ignorados

Muitos de nós é que não consegue encherar o quanto são capazes

Outros de nós é que não falam o que realmente pensam

Alguns de nós é que não andam com suas próprias pernas

E quase sempre ficamos sem se mexer diante de problemas

Muitos de nós criticamos

Outros de nós apontamos

Alguns de nós desprezamos

E quase sempre ignoramos

Então me pergunto; quem são os deficientes afinal? Quem supera seus problemas ou quem os apontam?

Quem realmente é o deficiente?

Quem realmente é o eficiente?

Seja eficiente então!

[Texto de Cidadão, escrito em caderno particular, sem data específica. Lido durante encontro]

Rafael: Cidadão, você começou a escrever tudo na prisão? Aliás, aqui no CR?

Cidadão: Tudo aqui. Porque aqui eu me senti mais confortável de me expressar, pelo respeito. É o que te falo, a sua mente em um CDP ou penitenciária se preocupa mais em sobreviver do que criar. O sistema de um CDP ou de uma penitenciária é a lei da sobrevivência do mais forte. E já aqui você se sente mais tranquilo e isso te dá outra percepção, te faz pensar, aí você não se preocupa mais em se proteger, e sim em criar.

A conversa continuou um pouco e depois mudei o foco para Jonas, perguntei qual era o objeto dele.

Jonas: O objeto que eu trouxe foi meu caderno. Tô preso há muito tempo, não tenho visita, não tenho nada... Tenho esse caderno que é meu amigo, parceiro, que na minha tristeza escrevo, conto pra minhas tristeza, minhas alegrias nele... aqui tem muita gente, mas todos tem um sentimento diferente. Quem tem visita, às vezes no meio da semana ele desenvolve no trabalho e fica feliz pelo fim de semana que tá chegando e vai ver a família. Quem não tem, o final de semana é mais triste que no meio de semana. No final de semana você vê teus companheiros compartilhando a alegria com o familiar e você tá ali sozinho. Então a única companhia que você tem é Deus, seus pensamentos, aí uso esse caderno pra desabafar. Inclusive eu acabei de tirar um dele pra depois se você quiser levar ele.

Rafael: Quer que eu faça uma leitura?

Jonas: Leia só pra tu entender mais ou menos.

Estou só

Estou só! E mesmo em meio a multidão de pessoas me sinto só. É como se invisível andace em meio a multidão, pois mesmo que com gemido, canto, choro ou gritos por socorro ninguém me escuta.

Estou só! E quando cai a noite que todos vão se recolhendo, se aquietando, silenciando, penso que vou ter paz. Mas não, é quando ouço mais alto o grito da saudade e da solidão!

Vou para a cama, mas o sono foge, viro para um lado e para o outro, triste angustiado, as pupilas dilatam, com a dor da saudade e da solidão e por mais que eu me segure a lágrima rola.

Estou só! Só com a saudade e a solidão, mas uma esperança maior que a saudade e a solidão está no peito, esperança de que tudo vai mudar e como depois de uma tempestade vem a calmaria e o sol possa brilhar novamente daí saberei que não mais estarei só.

[Texto de Jonas, escrito em caderno particular, sem data específica. Lido durante o encontro]

Jonas: Que nem eu falei... é meu amigo. Até tem vez que as pessoas pede emprestado e eu fico com ciúmes de emprestar. O que eu escrevo aqui é verdade, né? Eu já escrevia, mas escrevia música evangélica. Mas expressar meus sentimentos como poesia foi aqui dentro. Aqui dentro do CR. Tentar expressar meus sentimentos como poema nunca passou pela minha cabeça, mas aí eu fui escrevendo meus sentimentos e era uma coisa que eu não mostrava pra ninguém, até que o ano passado pintou aquele concurso de literatura. Aí o menino me incentivou, eu mandei. Acabei ganhando em 1º lugar né. Porque acho que os poemas melhores que existe são aqueles que você põe sentimento nele, que não basta você querer escrever palavras bonitas no poema que as pessoas não vai sentir muita coisa. Se você coloca sentimento, aí você transmite sentimento. É como uma música. Se você cantar uma música pra um público ouvir e você cantar ela com o coração, você é capaz de rancar lágrima de quem tá te ouvindo. Mas se você cantar só pra mostrar a voz que você tem, você não transmite nada pras pessoas.

Maria Rosa: E escrever, por exemplo, escrever aqui, agora, é outra condição? Escrever aqui, do que passa aqui, dá, vamos falar assim, quase que no momento certo, né, escrever enquanto tá aqui. Vale muito escrever aquilo que lembra, isso tá fora de questão, vale muito! Aquilo que traz pela lembrança, essa coisa toda, e, aí, sentimento a gente também consegue recuperar de coisa que já passou. Agora, a hora que sair lá fora, pra falar do que acontece aqui, também tá valendo, enquanto lembrança, enquanto sentimento. Mas tem uma pequena diferença, né?

Jonas: Tem, e grande! Não é tão pequena. Quando você escreve igual nós escreve, aqui, no momento em que nós tá passando a saudade, a angústia de estar longe de nossos familiares, a ansiedade de ser resolvido logo esse processo, então, quando nós começa a escrever, o sentimento nosso aflui. Ele, né, a hora que nós escreve muita coisa, não sei se com você acontece, mas comigo já aconteceu, de você escrever texto com lágrima nos

olhos. Eu começo a escrever e a lágrima desce, aí eu tenho que parar, respirar e continuar. Lá fora já não era assim.

Cidadão: Ó, que nem eu falo... eu escrevo aqui, escrevo ali, não tem uma ordem. Quando eu tô inspirado, abro a folha e “fluish”, solto. Por isso que às vezes tem muito erro de português. Julgamento... o que é um julgamento pra você? Você acha que você é um julgador?

Julgamento

Somos julgadores de tudo e de todos em todo o tempo, julgamos as pessoas quando conversamos com ela, analisamos seus pensamentos, suas aparências, roupas, sapatos e tudo o mais, e na maioria das vezes as condenamos por tudo, poucas vezes as aprovamos. Se aprovamos quando estamos na presença da pessoa os pensamentos não aprovam, analisamos o cabelo, as orelhas, os olhos, a boca, enfim o corpotodo, e mentalmente julgamos, esse cabelo não é legal, essa orelha é grande, essa boca que horrível, credo olha só os dentes! E também, que roupas mais cafonas, nunca usaria um sapato desses!

E é assim que somos julgadores, mentirosos ocultos, covardes por pensarmos e julgarmos mal a tudo e todos sempre, mas não se esqueça que você está sendo julgado também, então cuidado e boa sorte pra todos nós e que a melhor coisa é, vamos nos julgar a nós mesmos e deixar cada um ser e usar o que quiser, respeitar para ser respeitado e acima de tudo amar.

Só mais uma coisa: não me olhe assim!

[Texto de Cidadão, escrito em caderno particular, sem data específica. Lido durante encontro]

Cidadão: São agulhadas que eu dou. Têm outros que eu escrevi que eu vi... O simples fato de eu assistir um programa de televisão já me... eu gosto muito de assistir programa educativo. Quando eu tava na rua gostava muito de ver tv escola. Viajo hein... E eu tava vendo... Isabela, conhece a Isabela?

Isabela

Dentre outras se sobrepõe, es a maior, a mais bela.

Muitos a viram, poucos a tocaram, quem me dera um dia chegar até a ti?!

Contemplaria sua beleza, passearia em ti, andaria em suas curvas nativas, e se em você estivesse até um beijo lhe daria.

Esta é Isabela, uma das ilhas mais fantásticas do mundo, a mais exótica também, fica no arquipélago de “Galápagos”, no Oceano Passífico.

Foi Charles Darwin que em 1835 no dia 16 de setembro deste ano, pisou pela primeira vez em Galápagos e que revolucionou o mundo com a lei da Seleção Natural ou a evolução das espécies.

[Texto de Cidadão, escrito em caderno particular, sem data específica. Lido durante encontro.]

Depois das leituras, puxei a conversa novamente para Jonas.

Rafael: Jonas, você disse que sempre escreveu, mas como é aqui dentro esse caderno? Tem diferença de quando você escrevia fora e de quando você escreve aqui dentro?

Jonas: Ah, é diferente. É que lá fora eu procurava palavra pra colocar. Hoje as palavras vêm. Ficava horas atrás de palavras que combinassem, que rimassem pra mim montar uma música ou mesmo melodia. Agora, conforme o dia e o momento, o sentimento que eu tô ali na hora, principalmente se é de tristeza, às vezes meio de alegria, que nem sempre a gente tá triste aqui dentro, eu acho as palavras mais fácil, elas vêm mais fácil. Quando eu vou fazer uma música, eu componho ela já com letra e melodia instantâneo e em cinco minutos eu consigo cantar ela com perfeição. Então, em partes, me ajudou muito porque mexeu com meu psicológico e com minha emoção essa prisão.

Cidadão: Eu concordo com ele. O sofrimento inspira. O sofrimento conjugado com ambientes de solidão, você encontra seu eu que tava oculto. Você conhece o outro você que tava adormecido.

Rafael: Pode ser um outro você muito forte.

Jonas: Quando a gente descobre um eu bom, é ótimo. Quando a gente descobre um eu, é... que não é muito bom, a gente fica assustado.

Cidadão: Na verdade nós somos vários eus. Eu sei que tô enxendo o saco. Mas parece que tudo foi feito por acaso. Último, eu prometo.

Teorias

Vivemos sobre o domínio delas.

Temos a teoria de que o Universo conspira a nosso favor ou não.

De que somos feitos do pó e ao pó voltaremos.

De que o tempo é relativo e de que talvez exista a possibilidade de voltarmos ou adiantarmo-nos no tempo.

De um efeito borboleta, que explica que um simples bater de asas de um borboleta, influencia a cada um de nós.

De que um buraco negro é o fim do Universo, ou quem sabe o início de um novo Big Bang, neste caso outra teoria também.

De que depois que morrermos, viveremos novamente, como outros seres, ou não, apenas deixamos de existir.

O destino então, o que seria? Talvez você não acredite, ou sim, não importa muito, a questão é que de tudo o que sabemos é que talvez nunca saberemos a verdade.

Se as teorias são plausíveis ou não.

Então viva intensamente cada momento, porque enquanto não descobrimos, realmente se as teorias são verdadeiras, só iremos estar perdendo tempo e até mesmo nos enganando a si mesmos

Boa sorte a todos!

Aliás essa é mais uma teoria, de que será que as pessoas tem sorte mesmo ou é obra do acaso?

[Texto de Cidadão, escrito em caderno paricular, sem data específica. Lido durante encontro.]

Jonas: Eu também escrevo muita carta pra família dos outros, gente que eu nunca vi, nem nunca vou ver. Eu escrevo carta como se fosse minha mulher, minha mãe, meu pai, meu irmão, meu filho. Eles mandam eu me colocar no lugar deles e escrever. Aí eu ponho o meu sentimento pra eles. E quando eu entrego a carta eles falam: “nossa, é isso o que eu queria falar, mas eu não tenho a capacidade de ponhá essas palavras aí”.

Rafael: E Jonas, como que você se coloca nesse lugar do outro?

Jonas: Ah, na hora, vou falar a verdade, tem muitas cartas que quando eu escrevo, eu choro. A emoção toma conta de mim, porque eu me ponho mesmo no lugar, como se fosse de verdade meu filho, minha filha ou minha mulher, mesma coisa assim. Porque eles me dão a carta da pessoa, quando chega, pra mim ler. Aí mais ou menos eu tenho uma ideia do que a pessoa tá passando lá, de como tá a vida. Aí, as palavras necessárias pra falar pra eles, eu começo a escrever e vem na mente, Deus vai me dando no coração e eu vou colocando. É legal você poder ajudar as pessoas com a escrita, é bom.

Cidadão: Aproveitando esse gancho do Jonas aí, aconteceu comigo também. Na verdade é como se fosse... somos muitos, mas somos um só, o mesmo sofrimento. Todos temos famílias, todos temos saudades, então é fácil você comparar, como ele disse, quando você fala que vai escrever carta pro outro. Não se torna difícil porque a saudade é a mesma, tem mulher, é tudo quase que semelhante, muda quase que só o nome do personagem que você tá mandando a carta.

Rafael: O sofrimento é comum?

Cidadão: Exatamente, tanto dos que estão lá fora quanto dos que estão aqui dentro. Então quando você escreve uma carta, na verdade eu só faço duas ou três perguntas: pra quem que é, esposa, filho ou mãe? Então, pronto, já tem uma pré carta formada na cabeça.

Rafael: Mas é bem comum ter gente que escreve pros outros né?

Jonas: São poucas pessoas que escrevem, mas que pedem pra escrever são muitas.

Rafael: E você disse do sofrimento comum, da carta pré-formada... Como é que constroi isso? Por exemplo, quando vocês chegaram aqui, vocês pegaram esse padrão? Vocês viram?

Cidadão: Não, não. Aí que volta lá na sua auto-reflexão, no seu encontro de si mesmo. Eu falo por mim, eu me encontrei e, aí, coisa que eu não fazia lá fora, tipo assim, eu não sabia expressar meus sentimentos, meus pensamentos, eu era como eles também, só que eu me busquei, me reinventei.

Jonas: Isso eu não sei explicar pra você... como eu aprendi a escrever desse jeito assim. Eu, com 18 anos, uns rapazes amigos meu, eles falavam assim: “eu queria que você escrevesse uma carta pra fulana pra mim”. Aí eu falava assim: “o que você quer?”. “Ah, eu quero uma declaração de amor”. Aí eu desenrolava. Fazia de conta que era eu que tava me declarando pra ela. Então, desde muleque eu já tinha isso...

Rafael: Eu não vivo aqui, não sei como é... mas eu imagino que vocês também vão lendo, juntando algumas coisas, não?

Cidadão: Não, não...

Jonas: Vem instantâneo, na hora.

Cidadão: É! É do coração.

Ao final do encontro conversarmos um pouco sobre a própria conversa. Alguém chegou e chamou Cidadão para o trabalho, nos despedimos. Jonas e eu ficamos sozinhos para conversar sobre impressões e mudanças nos textos; deixou outros textos comigo e foi embora. Novamente fiquei sozinho ali, algumas pessoas passam e me cumprimentam. O bibliotecário, que ajuda a professora, apareceu para me dar um recado.

Quando eu saí da unidade, por volta das 16h, os presos do regime semi-aberto estavam chegando do trabalho na rua. Um que estava na porta havia sido meu aluno. Estava ele todo suado devido ao andar de bicicleta sob o sol quente. Ele chegava ali, eu saia; ele ia tomar seu banho, encontrar seus companheiros de alojamento e jantar. Me ocorreu que era como se ele chegasse em casa. Tive uma sensação parecida quando fui até a sala da professora para receber o recado dado por seu ajudante. Enquanto eu atravessava o corredor, senti o cheiro do banho, o barulho do chuveiro e dos televisores ligados, pessoas conversando, alguns passando com suas toalhas, outros enchendo suas garrafas com água. Um jovem passava em direção ao alojamento, corpo tatuado com seu jingado. Nesse instante não havia nada de estranho naquele lugar, e sim tudo estranhamente familiar.

A prisão torna-se rotineira, assim como quando todos se juntam em torno da mesa para comer. Ali eles também fazem suas refeições, conversam durante elas e criam suas relações. Há o cotidiano da prisão, assim como a prisão do cotidiano. Em ambas a necessidade de fazer afluir os sentimentos, reinventar-se. Criar relações que dê conta de acompanhar os movimentos da vida. A escrita, isso, ela pode.

Capítulo 5 – Considerações Finais

Por fim, quase que não se chega ao fim. Concluir esta pesquisa é um trabalho árduo. Árduo porque o pensamento gosta, pega gosto e torna-se gregário, não quer mais saber de largar ou deixar de lado; quer somar, multiplicar. A cada dia sem o definitivo ponto final, ainda é possível algumas alterações, acrescentar um pensamento que não ocorreu antes, mudar algumas palavras para um ritmo do pensamento mais colado a si mesmo. Enfim, a pesquisa se transforma em uma espécie de tatuagem que se modifica a cada dia e, às vezes, ela até borra e um traço ou outro precisa ser modificado, retocado ou trocado e, em casos mais graves, até retirados. Pelo menos, assim, todos podem ver o desenho...

O processo de pesquisar parece ter se transformado em uma somatória: conversas, leituras, filmes, documentários, o que aparecia pelo caminho parecia servir de comida para este trabalho. De repente, ele estava virando um comilão. Come, cresce e se modifica. Chego até aqui com a impressão de que sempre é possível acrescentar algo, um capítulo faltante, completar ou inventar alguma coisa. Até onde? Parar e começar outra? A pesquisa está mais para um processo que não termina do que um objetivo que se cumpre ou uma explicação a que se chega. A data limite de entrega ajuda a finalizar as coisas. De qualquer forma, a pesquisa, o trabalho, permanece inconcluso ou, então, que chamemos de “em aberto”, mesmo após sua entrega final.

Essa coisa do pensamento. Ele é, no mínimo, curioso. Antes, entendia-o somente como razão, algo como “pensar é racionalizar o mundo”. No grupo de estudos Escriarte encontrei caminhos com pessoas interessadas não na resposta para o pensamento, senão em sua própria exploração; ela envolvia juntamente a exploração de si com o outro, com as forças que movimentam a vida, com as possibilidades do inventar. O pensar, aos poucos, desbordou daquele modelo lógico-formal de compreender o mundo. Isso não quer dizer que já aprendi a como fazer de outros modos e pronto, está acabado. Pelo contrário, pensar-fazer pelas ondas do informe, com as bordas da infinitude, onde se desprende justamente das amarras do pensar e segue-se na intensidade da vida, ainda requer aprendizagens e experimentações. Ali, sei que pensamento e vida não se distinguem. Há um fluir com o viver, cheio dos seus perigos e prazeres. Assim que o próprio escrever é um modo de habitar este lugar, de compor-se e, por isso, tão potente.

Penso que assim seguimos, criando dobras no/do pensamento e, quanto mais o dobramos, mais possibilidades temos. É como se elas nos permitissem mais mobilidade, uma gama maior de opções nas capacidades de lidar com as complexas atribuições da vida. O que fico, a pensar ainda, é o como nos dobramos e desdobramos diante do sistema, seja enquanto organismo único ou múltiplo. Nesse movimento dos dobramentos e desdobramentos, me parece que algo acontece no *como que fico comigo mesmo a pensar*. As perguntas surgem mais ou menos desse jeito: o que aquilo que você vive te dá a pensar? E como você pensa isso que te foi dado a pensar? É nessa relação íntimo consigo mesmo, com essa matéria de *sermos nós mesmos em mudança*, é que vamos criando dobras. Das dobras e desdobras, algumas coisas ficam, e são produzidas, pela/na escrita. Se não estiver na escrita, do corpo não escapa. De qualquer forma, a questão é que não paramos de nos dobrar e desdobrar. Desse “não escapa”, eu quero dizer que o corpo fala, nele estão todas essas dobras, por mais óbvio que isso possa ser. Em cada músculo, em cada órgão, no andar, no respirar, no vestir... enfim, é pelo corpo que atravessam as forças do viver e com elas criamo-nos. Corpo sempre que atravessa e é atravessado, campo de recepção e emissão de pulsações. Pulsar que se transforma em linguagem-corpo-palavras.

São coisas que ficam da trajetória de investigação, mas ainda há outras questões que remetem ao tema da pesquisa. Primeiramente a respeito da organização deste trabalho, ou seja, por que esses capítulos e essa organização. Não nego as dificuldades em conseguir compreender meu próprio tema de estudo para que saísse uma escrita disso tudo. Pensar as relações da instituição prisional com a prática da escrita me colocou diante de uma infinidade de questões políticas, econômicas, culturais e sociais que por um momento me desesperiei. Como recortar o tema? Como escrever? Nessas horas, as conversas com Maria Rosa – com sua presença e paciência – e com as pessoas do grupo de estudos foram fundamentais.

Como esta pesquisa nasce de minha experiência enquanto professor de Ciências Naturais pelos dois CRs de Rio Claro, eu não pretendia deixar de fora minha própria trajetória por estes espaços. Portanto, a escolha por uma pesquisa narrativa foi um modo de também lançar um olhar, dizer e aprofundar a dimensão formativa de um professor-pesquisador, que no caso sou eu mesmo.

Nessa perspectiva, para pensar o espaço onde tudo aconteceu, o Centro de Ressocialização Masculino de Rio Claro, dediquei no primeiro capítulo um espaço para contextualizar o surgimento deste modelo prisional em meio ao sistema penitenciário,

entender seu modo de gerenciar as pessoas que ali vivem e pensar as problemáticas que este modelo enfrenta no atual cenário. Mas como este modelo pertence ao sistema prisional, no tópico seguinte procurei apresentar as problemáticas desse sistema. Adentrá-las foi necessário para compreender o por que insistimos em um sistema que mais contribui para a manutenção da criminalidade do que para resolvê-la e, assim, perceber a constituição de algumas práticas que se vêem nas prisões. Ainda pensando o CR como um modelo prisional com suas características específicas onde o preso irá cumprir sua pena de modo distinto de outras unidades privativas da liberdade, discuto a respeito da presença da instituição escolar neste espaço. O motivo de escrever um tópico sobre a escola no primeiro capítulo se dá, principalmente, por dois fatores: (1) foi por ela que eu pude conhecer o CR e (2) a escola não está presente na maioria dos presídios brasileiros, portanto, é um fator a ser observado na vida de quem cumpre pena no CR de Rio Claro. Tento apresentar, então, algumas dimensões vividas por quem está preso ali: o contexto do próprio CR, do sistema prisional e do sistema educacional. No meio disso, tentei localizar uma possibilidade da escrita por esse sujeito que escreve por entre as grades e sonha com sua liberdade. Esta foi a constituição do primeiro capítulo.

Ao estudar as prisões e suas técnicas de punição, disciplina e controle do corpo-sujeito, me vi a observá-las para além da instituição em si e a encontrar no próprio cotidiano as suas marcas. Pertencendo em um sistema que nos aprisiona, surge também a necessidade de tentar sair dele. Foi assim que surgiu a ideia do segundo capítulo, no qual tento dizer desse sistema espalhado na sociedade e ver na linguagem a possibilidade de transfigurá-lo.

No terceiro capítulo pensei ser importante mostrar um pouco das escolhas metodológicas e das dificuldades burocráticas em se realizar uma pesquisa na prisão. As adaptações necessárias para poder entrar, assim como uma perspectiva teórico-metodológica que me permitisse dizer do que via em meu próprio transitar pela instituição.

Por fim, no quarto capítulo, apresento as oficinas: quais materiais utilizamos, os eixos temáticos gerados em cada encontro, o que conversamos da escrita desde dentro da prisão, seus processos criativos e a respeito do viver aprisionado na perspectiva da pessoa aprisionada. Escolhi apresentar tudo isso na forma de um texto de modo a tentar manter ali a força de suas palavras, de seus pensamentos, reflexões e escritos. É esta força que, penso eu, constitui o próprio material deste trabalho; no que ela toca e põe a pensar.

De todo este processo de pesquisa, é possível levantar algumas questões a serem problematizadas, pesquisadas e, outras, impreterivelmente realizadas. Digo isso pela urgência em fazer valer a constituição de modo a garantir os direitos da população prisional e, assim, com que a prisão pare de funcionar *para* o crime. Assim, discursos sobre a punição do indivíduo, da necessidade de sua reforma, reeducação e ressocialização da maneira como vem sendo feitos e divulgados, não fazem outra coisa a não ser propagar situações e a identidade que afundam cada vez mais o indivíduo na solidão, na culpa, no sofrimento e na marginalidade da sociedade. Não assumir os contextos em que nos formamos e optar pela via de não se olhar para as múltiplas e intrincadas dimensões da vida e ações humanas, é transformar toda essa complexidade em um sistema que corrompe e destrói a vida de pessoas que adentram ao sistema prisional. Se isolamos para depois reinserir na sociedade, este processo deve assumir outras práticas e formas, a começar por garantir e fazer valer as leis da constituição. Sabemos dessa necessidade e de sua dificuldade; fazer valer a constituição é uma luta que não é fácil, ainda mais neste momento de crise que estamos atravessando no sistema político.

Neste sentido penso ser importante atentar para ações que permitam possibilidades de mudança neste cenário, assim como o processo investigativo em torno delas para que não se constituam em práticas que novamente reforçam lugares e posições degradantes. Atento, portanto, à oficina realizada neste trabalho, onde foi possível construir, mesmo em pouco tempo, um lugar da liberdade de expressão e de autonomia das pessoas em seus próprios processos criativos. Em suas falas esse espaço aparece como importante para que se sintam bem, atingindo um ponto em que pode-se pensar a relação de um espaço educativo com a saúde emocional da pessoa que atravessa o sistema carcerário. As questões que ficam são: como garantir e ampliar estes espaços dentro das prisões? O que mais eles podem e reverberam dentro e fora da prisão? Pensar a educação prisional formal não como somente a extensão da “escola da rua”, mas com práticas voltadas às pessoas que ali estão (algo próximo dessa outra escola que se monta quando a primeira é desmontada).

No que tange a escrita, ao escrever dentro da prisão, fico a pensar ainda em algumas questões de sua potência e em como ampliá-la ainda mais. Se a sociedade muda a partir do momento em que se passa a viver aprisionado, o que ela passa a ser quando se está “fora” dela? Como isso fica na escrita, no corpo, nas palavras, na memória...? Outra questão é do estrangeiro que adentra a prisão e escuta quem vive ali. Como e quanto a

presença de quem é de “fora” muda o de “dentro”? Vale também pensar a pergunta inversamente. Assim, pensar as transformações no campo da linguagem quando se mexe nessa fronteira do dentro-fora.

Pensar essas transformações coloca a escrita como uma prática de invenção de si por ser uma prática de si em meio a um sistema disciplinador e repressor. Essa escrita penetra no cotidiano prisional ou, ainda, cria um próprio cotidiano no prisional. Como estar sozinho no fim de semana? Escrevendo. Como ocupar o pouco tempo livre? Escrevendo cartas, músicas, poemas. Prática carregada de um fazer de si por criar um tempo em si em meio ao tempo controlado e vigiado da prisão. Resistências e potências de um trabalho humano.

De pensar a escrita, e mais ainda, quem escreve e onde escreve, talvez a questão seja o afetar pelas palavras, se deixar levar por suas ondas e adentar – ou ser adentrado por – seu universo sensível. Habitar os espaços da imaginação, da fantasia e dos processos criativos que carregam a força de uma vida. E nesse momento, depois de conhecer um pouco dessas pessoas e desse lugar, penso com as palavras do sertão de Guimarães Rosa, lidas por Maria Bethânia (2005)³⁷: “Sertão é onde manda quem é forte com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado. Sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte que o poder do lugar”.

Por fim, da vida, do fiar e navegar por entre seus desafios:

Procelária

É vista quando há vento e grande vaga
Ela faz o ninho no rolar da fúria
E voa firme e certa como bala

As suas asas empresta à tempestade
Quando os leões do mar rugem nas grutas
Sobre os abismos passa e vai em frente

Ela não busca a rocha o cabo o cais
Mas faz da insegurança a sua força
E do risco de morrer seu alimento

Por isso me parece imagem justa
Para quem vive e canta no mau tempo
(ANDRESEN, s/p, 2014)³⁸

³⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z4A-vXMYFs0> (acessado dia 04/07/2017)

³⁸ Disponível em: <https://mulheresdecreta.wordpress.com/2011/06/09/procelaria-sophia-andresen/> (acessado dia 05/07/2017)

Investigar, escrever, ir pra campo, tudo foi um exercício que aumentou a fome, ou melhor, que fomenta a fome no mundo e o desejo de continuar a comer. A prisão se abriu? Na abertura, algo começa ou continua... Ares do porvir. Talvez a inventar o inventar. Ponto final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVAREZ, J. & PASSOS, E. **Cartografar é habitar um território existencial**. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Editora Sulina, p. 131–149, 2009.

ANDRESEN, S. de M. B. **Geografia**. Rio de Janeiro: Assirio & Alvim, 2014.

BARATTA, A. **Enfoque crítico del sistema penal**. In: ELBERT, C.A. (dir.); BELLOQUI, L. (coord.). *Criminología y sistema penal: compilación in memoriam*; Montevideo-Buenos Aires: Editora B de F, p.89-112, 2004a.

BARATTA, A. **Resocialización o controle social. Por um conceito crítico de “reintegración social” del condenado**. In: ELBERT, C.A. (dir.); BELLOQUI, L. (coord.). *Criminología y sistema penal: compilación in memoriam*; Montevideo-Buenos Aires: Editora B de F, p.376-393, 2004b.

BARROS, M. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BARROS, M. **Menino do mato**. São Paulo: Leya, 2010.

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. 1ª ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BOECHAT, M. & KASTRUP, V. **A experiência com a literatura em uma instituição prisional**. Revista Psicologia em revista, Belo Horizonte, v.15, n.3, p.22-40, 2009.

BRAGA, J. T. **Formação-Arte-Escrita: Contribuições estéticas para a noção de experiência**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, 127f., 2014.

BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal.

BRASIL. Lei 12.015, de 7 de agosto de 2009. Código Penal.

BRITO, M. R. **Escrita como abertura vital: por entre linhas deleuzianas**. In: Revista *Alegrear*, nº13, jun. 2014.

BUENO, L. **Humanizando a Política Carcerária: Cidadania no Cárcere**. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/15747/relatorio_completo_2005.pdf?sequence=1. Acessado em 07/06/2017.

BUKOWSKI, C. **Mulheres**. 1º ed., Editora L&PM, 2011.

CAIME, L.A. **Los pibes: historias del encierro**. 1ªed., Villa María: Eduvim, 2013.

CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CÂMARA, H. F. **Reinvenção da vida em escritas na prisão**. Revista *Em aberto*, Brasília, v. 24, n. 86, p.105-126, 2011.

CAMARGO, M.R.R.M. **Sobre leitura e escritos autobiográficos: apontamentos teóricos.** In: _____ (org.); SANTOS, V. C. C. dos (colab.). *Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação.* São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 13-29, 2010.

CAMPOS, A. **Educação, escola e prisão: O “espaço de voz” de educandos do centro de ressocialização de Rio Claro/SP.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos – UFScar, São Paulo, 275f., 2015.

CNJ – CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Novo diagnóstico de pessoas presas no Brasil.** Brasília, 2014.

CORAZZA, S.M. **Pesquisa empírica-transcendental da diferença: arquivo, esrileitura e tradução de dados.** In: KOHAN, W.O.; LOPES, S.; MARTINS, F. (Orgs). *O ato de educar em uma língua ainda por ser escrita.* Rio de Janeiro: Nefi, p.327-340, 2016.

COSTA, G.M. **As Organizações Não Governamentais no Sistema Penitenciário do Estado de São Paulo: protagonistas constitutivas de novos modelos prisionais ou reprodutoras dos modelos tradicionais?** Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 112f, 2006.

DAWKINS, R. **O gene egoísta.** 2ªed., São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DELEUZE, G. **Conversações.** 3ªed., São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica.** São Paulo: Editora 34, 2ªed., 2011.

DELEUZE, G. **O abecedário de Gilles Deleuze;** 1988/89.

DINIZ, D. **Pesquisas em cadeia.** In: *Revista Direito GV*, v.11, n.2, p.573-586, 2015.

DOSTOIEVSKI, F. **Recordação da casa dos mortos.** 4ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1953.

FAUSTINO, E. R. **Centro de Ressocialização: a humanização da pena como caminho para a reintegração social.** Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Política Social) – Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 150f, 2008.

FAUSTINO, E. R.; PIRES, S. A. **Os centros de ressocialização e o processo de trabalho do assistente social.** *Revista Emancipação*, v.7, Ed. UEPG, p. 47-61, 2007.

FOUCAULT, M. **A escrita de si.** In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, p. 129-160, 1992.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976).** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** 27ª ed, São Paulo: Graal, 2013.

FOUCAULT, M.; **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 25ª Ed., Petrópolis: Vozes, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALEANO, E. **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso.** Vol 820. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 2013.

- GALEANO, E. **O livro dos abraços**. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 2016.
- GOFFMAN, E. **Manicômio, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974
- GOIFMAN, K. **Valetes em slow motion – a morte do tempo na prisão: imagens e textos**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1998.
- GRAU, O. **La duración en el espacio educativo**. In: KOHAN, W.O.; LOPES, S.; MARTINS, F. (Orgs). *O ato de educar em uma língua ainda por ser escrita*. Rio de Janeiro: Nefi, p.431-438, 2016.
- GUATARRI, F. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- HESSE, H. **O Lobo da Estepe**. 19ªed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1955.
- IRELAND, T.; **Educação em prisões no Brasil: direito, contradições e desafios**. In: Revista *Em aberto*, Brasília, v. 24, n. 86, p. 19-35, nov. 2011.
- JULIÃO, E. F. **As políticas de educação para o sistema penitenciário: análise de uma experiência brasileira**. In: ONOFRE, E.M.C. (org) *Educação escolar entre as grades*. São Carlos: EdUFSCar, p.29-50, 2007.
- KAFKA, F. **Durante a construção da muralha da China**. In: _____, *Narrativas do Espólio*, São Paulo: Companhia das Letras, p.36-44, 2002.
- LARROSA, J. **Notas sobre experiência e o saber de experiência**. In: *Revista Brasileira de Educação*. nº 19, p. 20-28, jan/abr 2002.
- LARROSA, J. **Tecnologias do eu e educação**. In: SILVA, T. T. *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, p. 35-86, 1994.
- LARROSA, J. **Três imagens do paraíso – ou um convite ao Wilhelm Meister habanero**. In: _____, *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 5ªed., Belo Horizonte: Autêntica, p.73-96, 2010.
- LEITE, M.P.V. **Cartografar (n)a prisão**. In: *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.795-813, 2014.
- MAEYER, M. de **Ter tempo não basta para que alguém se decida a aprender**. In: Revista *Em aberto*, Brasília, v. 24, n. 86, p. 43-57, nov. 2011.
- MARCONDES, D. **Textos Básicos de Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 2ªed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- MISKOLCI, R.; **Entrevista com professor Richard Miskolci**; 2014. Disponível em: http://audiovisual.uab.ufscar.br/gde/richard/pd_gde_richard_entrevista.mp3
- MONTEIRO, F.M.; CARDOSO, G.R.; **A seletividade do sistema prisional brasileiro e o perfil da população carcerária: um debate oportuno**. In: Revista *Civitas*, Porto Alegre, v.13, n.1, p.93-117, jan. 2013.
- MUÑOZ, V. **O direito à educação das pessoas privadas de liberdade**. Revista *Em aberto*, Brasília, v.24, n.86, p. 57-73, nov. 2011.

Ó, J. R. do; **Para uma escrita acadêmica inventiva: o legado da teoria social pós-moderna.** In: KOHAN, W.O.; LOPES, S.; MARTINS, F. (Orgs). *O ato de educar em uma língua ainda por ser escrita*. Rio de Janeiro: Nefi, p.313-326, 2016.

OLIVEIRA, E.P.T. **Mulheres em conflito com a lei: a resignificação de identidades de gênero em um contexto prisional.** In: *Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA)*, Belo Horizonte, v.9, n.2, p.319-414, 2009.

OLIVEIRA, T.R.M.; PARAÍSO, M.A. **Mapas, danças, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação.** In: *Pro-posições*, v.23, n.3 (69), p.159-178, 2012.

ONASP; **Mapeamento de teses e dissertações sobre o sistema prisional (1987-2012).** Belo Horizonte: UFMG, 2014.

ONOFRE, E.M.C.; **Escola da prisão: espaço de construção da identidade do homem aprisionado?** In: ____ (Org.). *Educação escolar entre as grades*. São Carlos: EDUFSCar, n.6, p.11-28, 2007.

PASSOS, E.; BARROS, R.B. **A cartografia como método de pesquisa-intervenção.** In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Editora Sulina, p. 17–31, 2009a.

_____. **Por uma política da narratividade.** In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Editora Sulina, p.150-171, 2009b.

PELBART, P.P. **Vida Capital: ensaios de biopolítica.** São Paulo: Ed. Iluminuras, 2003.

PONCIANO, J.C. **Cartas da prisão – um estudo sobre a performance da linguagem em ação.** In: Encontro Internacional de Antropologia e Performance (EIAP), 2011, Universidade de São Paulo (USP), GT 3: Narrativa e Oralidade, 2011.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual.** Belo Horizonte: Autêntica, 2ªed., 2005.

RIBEIRO, N. F. **A prisão na perspectiva de Michel Foucault.** In: LOURENÇO, A.S.; ONOFRE, E.M.C (Orgs.) *Espaço da prisão e suas práticas educativas: enfoques e perspectivas contemporâneas*. São Carlos: EdUFSCar, p.34-47, 2011.

RILKE, R.M. **Cartas a um jovem poeta.** Rio de Janeiro: Editora Globo, 14ª ed., 1986.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulina/Ed. UFRGS, 2ª ed., 2007.

ROSA, J.G. **A terceira margem do rio.** In: _____, *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, p. 79-85, 2008a.

ROSA, S.O. da. **A escrita de si na situação de tortura e isolamento: as cartas de Manoel Raimundo Soares.** *Revista História, imagem e narrativa*, n°7, ano 3, 17 p., 2008b.

SALAZAR, J.N.A; MACRI, F.C. **Gestão interorganizacional em centros de ressocialização do Estado de São Paulo.** In: EGEPE – Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, 4, 2005, Anais, Curitiba, p.454-465, 2005.

SALLA, F. **A pesquisa na prisão: labirintos**. In: LOURENÇO, L.C.; GOMES, G.L.R. (Orgs.). *Prisões e punição no Brasil contemporâneo*. Salvador: EDUFBA, p.11-28, 2013.

SALOMÃO, W. **Algaravias**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SCARFÓ, F.; BREGLIA, F.; FREJTMAN, V.; **Sociedade civil e educação pública nos presídios: questões para reflexão**. In: LOURENÇO, A.S.; ONOFRE, E.M.C (Orgs.) *Espaço da prisão e suas práticas educativas: enfoques e perspectivas contemporâneas*. São Carlos: EdUFSCar, p.147-166, 2011.

SOUZA, M. C. de; **Perspectivas sobre uma escola sem órgãos**. In: KOHAN, W.O.; LOPES, S.; MARTINS, F. (Orgs.). *O ato de educar em uma língua ainda por ser escrita*. Rio de Janeiro: Nefi, p.341-350, 2016.

TEIXEIRA, H. A. **Ventaneira: uma história sem fim**. Rio de Janeiro: UERJ, 1996.

TEJERINA, D. G. **Estudiar en la cárcel: lógicas y sentidos de la vida universitaria en el CUSAM**. Tesina de Licenciado em Sociología – Instituto de Altos Estudios Sociales (IDAES) da Universidad Nacional de San Martín – UNSAM, San Martín, 83f, 2016.

VEDOVELLO, C. L. **Novas formas de encarceramento? Os jovens e o centro de ressocialização**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília, 182f, 2008.

VIGNALE, S. **Prefacio para una política de la escritura**. In: CALLAI, C.; RIBETTO, A. (Orgs.). *Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções*. 1ª ed., Rio de Janeiro: Lamparina, p.68-74, 2016.

WACQUANT, L. **As prisões da miséria**. 2ª ed, Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

DISCOGRAFIA:

CABRUÊRA. **Munganzé**. In: CD *CABRUÊRA*. João Pessoa, PB: Alula Records, SG Studio, 1999.

GONZAGUINHA. **Coisa Mais Maior de Grande**. In: LP *Coisa Mais Maior de Grande Pessoa*. EMI-Records, 1980.

MACALÉ, J.; SALOMÃO, W. **Olhos de Lince**. In: CD *Real Grandeza*. Biscoito Fino, 2005.

RAPPA, O. **A minha alma**. In: CD *Lado B Lado A*. Rio de Janeiro: Warner Music, Estúdio Impressão Digital, 1999.

SUCESSO, O. P. do. **O Homem**. In: LP *Selvagem?*, EMI, 1986.

FILMOGRAFIA:

BETHÂNIA, M. **Tempo tempo tempo tempo**. Brasil, Biscoito Fino, 2005.

CAFFÉ, E. **Narradores de Javé**. Brasil, França, 102 min, 2013.

DOIN, G.; GUZZO, V. **A Educação Proibida**. Argentina, 120 min, 2012.

FUGANTI, L. In: PUPPO, E. **Sem Pena**, Heco Produções, 87 min, 2014.

LERNER, J. **Panorama especial com Clarice Lispector**. 30 min, 1977.

SACRAMENTO, P.; STEINBERG, G. **O prisioneiro da grade de ferro**. São Paulo, 124 min, 2003.

Carta-parecer da professora Dr^a. Kátia Maria Kasper sobre a pesquisa.

SILENCIOSOS GRITOS POR ENTRE AS GRADES E AS RUAS: ESCRITA E INVENÇÕES DE SI NO CENTRO DE RESSOCIALIZAÇÃO MASCULINO DE RIO CLARO. 22 de agosto, 14 hs, Skype

Inicialmente agradecer a Rafael Caetano Nascimento e Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo pela possibilidade de estar com vocês nesse momento. Sempre muito bom participar das bancas dos orientandos de Maria Rosa. Sempre pesquisas interessantes, instigantes, caminhos que não aceitam a simplificação dos processos.

E Rafael traz essa pesquisa potente e desafiadora. Rafael exerce uma escuta maravilhosa, cumpriu a seu modo as sugestões que fiz na qualificação, inclusive as teóricas, envolvendo Michel Foucault, Peter Pelbart e Suely Rolnik. Então não me aterei muito a essas questões e farei uma leitura solta de como fui afetada pelo texto, as reverberações desse encontro.

Destaco a relevância e a atualidade da temática. Destaco ainda a originalidade na abordagem. Pesquisa lindamente política. Poeticamente ética.

Rafael, Maria Rosa, os ecos desses gritos chegam até mim, atravessando as cidades e os estados. Chegam fortes, altos, potentes. Sem medo. Sem culpa. Pura afirmação. Positividade da escrita, das vidas, que acolhem dor, sofrimento na alegria dos encontros.

Como chegam até mim?

Eu os acolho de braços abertos, curiosa, esperando, na escuta.

Grita Gonzaguinha: **Enquanto eu acreditar que a pessoa é a coisa mais maior de grande** Gritam Rafael, Maria Rosa.

Eu grito: Basta! Justiça! Fora usurpadores! Não nos roubarão a alegria!

Rasgando as grades das cidades subjetivas, das prisões, cantar a vida que não se repete, sempre inventa.

Gritam Jonas e Cidadão. Todos, todas...

Já não mais silenciados, os gritos ecoam, vazam, fogem. Racham.

Grita Artur: *Educação é sangue! Educação é sangue!*

Interessante como conta a história das pegadas...

Temos também silêncio atento. Como vamos construindo essa relação com o outro? Por quais sentidos? Como se escuta, lê e escreve com o outro?

E vamos percebendo de início como esse projeto de Educação de Jovens e Adultos coordenado pela Maria Rosa potencializa encontros, junta pessoas, ultrapassa qualquer objetivo institucional enquadrador. Está além. Local de experimentação, juntamente com a disciplina de Didática. Tudo ali emaranhado, misturado, enamorado, a universidade acontecendo ali, pesquisa, ensino, extensão. Pensamento e criação. E Rafael escreve. Escreve. Escreve. Escreve “como um jeito de estar comigo ou, inclusive, para esquecer de mim”.

O que pode uma greve? Levar Rafael a abrir uma gaveta e ler cadernos e notas guardadas por anos.

E chegamos então nos centros de ressocialização. Para “presos de ação criminosa de baixa periculosidade, com tendência à baixa agressividade com delinquência ocasional e/ou criminalidade accidental, considerados crimes situacionais, e os de primariedade prisional” (21) Mão de obra carcerária. Remição penal.

Eu havia sugerido na qualificação que abordasse a questão política da prisão, que não se tratava de ineficiência da prisão, como apareceu em certo momento do texto. Para pensar com Foucault. Como delineia a criação da figura do delinquente... Gostei da forma como lidou com a sugestão. Como teceu ali com Foucault, ali a partir da página 27: “O descaso com as prisões não se trata de uma questão da incompetência de gestão, mas sim do objetivo de um projeto” (p. 27).

Chama a atenção na minha leitura o modo como Rafael experimenta a prisão, suas várias entradas na prisão, seu contato, seu contágio pela prisão. Lugar perturbador. A vertigem dos portões, dos ruídos, dos metais, das chaves, os odores. Borrão branco e amarelo(41) corpos, cabelos raspados.

Disse meu nome e fiquei quieto. (41)

Montar a escola. Tudo cro-no-me-tra-do. Sala de aula que monta e desmonta, que existe e não existe. Instituição escolar, tão dura, torna-se volátil em um espaço tão rígido como o prisional. Procedimentos de segurança atravessam os corpos dos professores também. Passam primeiro portão, segundo portão, terceiro portão. Detector de metais. Todos são suspeitos. Corredores, cheiro de bife acebolado.

Montar e desmontar. Rafael vai sendo desmontado ao longo do texto, vai montando outros Rafaelis. Autores vão e vem com ele, amigos, colegas, lugares, afetos. Entre. Entrar na prisão, nas prisões. Entrar e sair dela. Para tantos lugares, com tantos, com-tatos. Espaços intersticiais dessa pedagogia profana.

Sentidos da escrita na prisão. Cartas. Escritas que transbordam funções da escrita. Escreve-se porque algo da vida passa em nós e, no escrever, tornamo-nos alguma coisa que não escritor. Escrever é devir. (55) Fazer fugir, correr, estranhar, outrar-se. Fazer fugir muitas prisões, incluindo a prisão às semióticas dominantes, aos modos de vida padronizados, aos pensamentos domesticados, mortos. Entre vida e morte, esse embate da escrita. Entre prisões. Esgarçando prisões, nossas carnes. O próprio DNA envolve permanência e mutação, respiração que permite variar.

Como afirmei já no momento da qualificação, muito bom o capítulo acerca da cartografia. Produzir com no lugar de produzir sobre. Experimentar. Nomadizar.

Nomadismo que multiplica margens, que dissolve margens, pois tudo vaza nesses encontros, nessas escritas. Rafael, o professor atento, presente. O pesquisador atento, o autor atento. Autor que se desfaz e se constrói na escrita da dissertação. Escrita viva. Escritas vivas. Trabalho instigante, vivo, criativo. E ao mesmo tempo rigoroso e consistente.

Gritam no texto, no percurso, os modos como Rafael se expõe e se entrega nessa pesquisa, “para não perder a potência de criar a si mesmo” (p. 65). Corre riscos e perigos. No modo como lida com as mais diversas burocracias, inclusive. No modo como se envolve com os sujeitos da pesquisa, como não foge das questões por eles colocadas, como consegue acolher os imprevistos e reinventar a pesquisa para além do projetado. E talvez, principalmente, como constrói relações de confiança. Da conexão que estabelece com os sujeitos da pesquisa. Responde perguntas, escreve junto. Como coloca-se no meio deles. Também nos coloca entre eles. Micropolítica.

Prisão: local onde Cidadão abraça a escrita. Sua escrita agulhada.

E também local onde se faz uma pesquisa que leva para fora os gritos de seus componentes. Liberdade? Política do exercício do pensamento que se faz vitalmente.

Finalizo parabenizando Rafael Caetano do Nascimento e Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo pelo trabalho.